

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE ARQUITECTURA

À PROCURA DOS NOVOS MODOS DE HABITAR

Ana Silva Moreira
(Licenciada)

Dissertação de Natureza Científica
para obtenção do grau de Mestre em Arquitectura de Interiores

Orientador Científico: Doutor Michel Toussaint Alves Pereira

Júri:

Presidente: Doutor Luís Filipe Pereira Afonso

Vogais: Doutor Michel Toussaint Alves Pereira

Doutora Maria Marques Calado de Albuquerque Gomes

Lisboa, FAUL, Novembro de 2013

Resumo

Na presente dissertação propôs-se a identificação de novos modos do habitar privado em contextos urbanos, com base na premissa de que alterações na sociedade, nos seus modelos e comportamentos, deverão ser determinantes na definição do programa habitacional.

Com base numa pesquisa da evolução do espaço doméstico e dos factores que o motivaram, com especial destaque para condicionantes de natureza sociológica, foi possível identificar os processos de transformação da habitação e determinar a importância e acção de tais condicionantes nessa transformação, permitindo, posteriormente, seleccionar a metodologia de investigação mais adequada aos objectivos – análise censitária e de dados estatísticos concernentes à habitação, com suporte de estudos sociológicos centrados nos temas do habitar e das transformações sociais.

Esta análise, centrada no paradigma português, permitiu identificar alterações aos modelos familiares, fundamentais na definição do programa habitacional, tendo sido possível inferir que as tipologias habitacionais predominantes não são adequadas aos modelos sociais mais representativos. A investigação permitiu, ainda, perceber a insuficiência desta análise na determinação dos novos modos de habitar, propondo um estudo futuro que consiga responder às questões em aberto, nomeadamente à das necessidades e exigências funcionais efectivas no interior da habitação.

Palavras-chave: Modos de Habitar, Habitação, Programa Habitacional, Transformações Sociais

Abstract

This thesis proposes the identification of new dwelling patterns in urban contexts, bearing in mind that changes in society, its models and behavior, should be considered paramount in the definition of the housing program.

Researching the evolution of domestic architecture and its underlying causes, with special attention to sociologic factors, it was possible to identify dwelling transformation processes and determine the importance and effects of such factors in said transformation. This allowed for the assertion of the most appropriate methodology for the scope of the work – censuses and housing statistic data analysis with the support of sociologic studies focusing on dwelling and on social transformations.

The analysis, having Portugal as case-study, allowed for the identification of changes in family patterns, considered to be essential in the definition of the dwelling program, which in turn made possible the conclusion that current housing typologies are not adequate to predominant social models. The investigation also made clear the insufficiency of this analysis on determining new dwelling patterns, thus proposing a further development that can shed light on the unanswered questions, namely the functional and spatial adequacy of domestic interiors.

Keywords: Dwelling Patterns, Housing, Dwelling Program, Social Transformations

Agradecimentos

Agradeço em especial ao meu namorado e à minha mãe, por me apoiarem sempre e incitarem a desenvolver e concluir este trabalho.

Agradeço, também, ao Prof. Michel Toussaint pelo acompanhamento e orientação ao longo da sua duração.

Antes de os alojar é preciso conhecê-los.

Paul Chombart de Lauwe¹

¹ 'Sociologia da Habitação: Métodos e Perspectivas de Investigação'. In *Arquitectura*. N.º 68, p. 41

Índice

Resumo	I
Abstract	II
Agradecimentos	III
Índice	VII
Índice de Figuras	IX

1.Introdução

1.1. Âmbito do trabalho, objectivos, metodologia e justificação do tema	1
1.2. Estado da Arte	2

2.Enquadramento Histórico e Teórico do Tema

2.1. O conceito de Habitação	
2.1.1. Definição do Objecto de Estudo	7
2.1.2. Conceitos Relacionados	13
2.2. A Evolução dos Espaços Habitacionais	15
2.2.1. Da Multifuncionalidade à Especialização dos Espaços	16
2.2.2. Família, Intimidade e Privacidade	19
2.2.3. Dimensão e Compartimentação Funcional	21
2.2.4. O Despontar da Modernidade na Europa	24
2.2.5. Crise Habitacional, Primeiras Políticas e Alterações Sociais	26
2.2.6. A Nova Habitação: Novos Modelos para o Novo Homem	29
2.2.7. Desenvolvimento Sociológico do Problema da Habitação	52
2.3 O Caso Português: Da Casa Portuguesa ao Movimento Moderno e aos Nossos Dias	54

3.Novos Modos de Habitar 77

3.1. Contextualização social contemporânea	77
--	----

4. À Procura de Novos Modos de Habitar, Concluindo 89

Índice de Figuras

- [1] *Mulher e Criança na Despensa* (ca. 1656-1660), Pieter de Hooch
Rijksmuseum, www.rijksmuseum.nl
- [2] *Obrigação de Mãe* (ca.1658-1660), Pieter de Hooch
Rijksmuseum, www.rijksmuseum.nl
- [3] *Mulheres junto de Armário da Roupa* (1665), Pieter de Hooch
Rijksmuseum, www.rijksmuseum.nl
- [4] Planta de habitação
BEECHER, Catherine – *The American Woman's Home*. p. 26
- [5] Planta de cozinha
BEECHER, Catherine – *The American Woman's Home*. p.33
- [6] [7] Plantas de cozinhas
FREDERICKS, Christine - 'The Labour-Saving Kitchen'. *Household Engineering*. p.24
- [8] Planta de habitação
FREDERICKS, Christine - 'The Labour-Saving Kitchen'. *Household Engineering*. p.25
- [9] Red House, plantas dos pisos
FRAMPTON, Kenneth – *História Crítica da Arquitectura Moderna*. p.43
- [10] Red House, fotografia do exterior
PEVSNER, Nikolaus – *Pioneers of Modern Movement: From William Morris to Walter Gropius*. p.47
- [11] Casa Möller, Adolf Loos - plantas dos pisos
DAVIES, Collins - *Key Houses of the Twentieth Century: Plans, Sections and Elevations*. p.61
- [12] Casa Möller, Adolf Loos - vista interior
SARNITZ, August – *Adolf Loos*. p.67-68
- [13] Bairro de Rochechouart, primeiro projecto de bairro operário
GUERRAND, Roger-Henri – 'Espaços Privados'. *História da Vida Privada*. Vol. 4.p.362
- [14] Familistério, Godin, 1872
GUERRAND, Roger-Henri – 'Espaços Privados'. *História da Vida Privada*. Vol. 4.p.371
- [15] Pavilhão l'Esprit Nouveau, Le Corbusier; fotografia
COHEN, Jean-Louis – *Le Corbusier*. p.30
- [16] Immeuble-villas, Le Corbusier; desenho
COHEN, Jean-Louis – *Le Corbusier*. p.31
- [17] [18] *Casa de Campo para Solteiro*, Mies van der Rohe; planta e fotografia
GIEDION, Sigfried – *Space, Time and Architecture: The Growth of a New Tradition*. p.593

[19] Habitações em Viena, A. Lurçat; fotografia

BENEVOLO, Leonardo – *The Modern Movement. In History of Modern Architecture*. Vol. 2, p.583

[20] [21] Habitações em Viena, Rietveld; fotografia e plantas

BENEVOLO, Leonardo – *The Modern Movement. In History of Modern Architecture*. Vol. 2, p.583

[22] Poster da Exposição de Weißenhof

Postal, Weißenhofmuseum

[23] Plano Geral de Weißenhof

BENEVOLO, Leonardo – *The Modern Movement. In History of Modern Architecture*. Vol. 2, p.496

[24] Weißenhof – Fotografia de conjunto, 1927

Postal, Weißenhofmuseum

[25] [26] [27] [28] Casas de Le Corbusier, Mies van der Rohe, J.J.P. Oud e Peter Behrens; fotografias

Fotografias da autora

[29] [30] Plano do Vale do Nidda – Plano Geral e Planos detalhados das *Siedlungs* de Heimat e Römerstadt

BENEVOLO, Leonardo – *The Modern Movement. In History of Modern Architecture*. Vol. 2, p.529

[31] [32] Habitações da *Siedlung* de Praunheim

Fotografias da autora

[33] Plantas de habitação-tipo da *Siedlung* de Praunheim

BENEVOLO, Leonardo – *The Modern Movement. In History of Modern Architecture*. Vol. 2, p.529

[34] Habitações da *Siedlung* de Römerstadt

Fotografia da autora

[35] Habitações da *Siedlung* de Römerstadt

Panfleto *Das Neue Frankfurt*, GrünGürtel

[36] [37] Habitações em Niederrad, Bruchfeldstraße

Fotografias da autora

[38] Cozinha de Frankfurt, de Grete Shütte-Lihotzky

TEIGE, Karol – *The Minimum Dwelling*. p.219

[39] [40] [41] Interior da *cozinha de Frankfurt*, Casa Ernst May, Siedlung de Römerstadt; fotografias – Fotografias da autora

- [42] Tabela comparativa de áreas de cozinhas e vagão-cozinha de comboio
TEIGE, Karol – *The Minimum Dwelling*. p.220
- [43] Esquemas de cozinhas
TEIGE, Karol – *The Minimum Dwelling*. p.219
- [44] Cozinha de habitação social em Viena
TEIGE, Karol – *The Minimum Dwelling*. p.243
- [45] *camera-bad*, planta
TEIGE, Karol – *The Minimum Dwelling*. p.246
- [46] Plano de Dammerstock, Gropius
BENEVOLO, Leonardo – *The Modern Movement. In History of Modern Architecture*. p.534
- [47] Plano de Siemensstadt
BENEVOLO, Leonardo – *The Modern Movement. In History of Modern Architecture*. p.537
- [48] Habitações em banda, Dammerstock, Gropius; fotografia
LUPFER, Gilbert; SIGEL, Paul – *Walter Gropius*. p.66-67
- [49] Blocos residenciais, Siemensstadt, Gropius; fotografia
LUPFER, Gilbert; SIGEL, Paul – *Walter Gropius*. p.71
- [50] Organigrama do método de avaliação de plantas, Alexander Klein
KLEIN, Alexander – *Vivienda Minima: 1906-1957*. p.83
- [51] Método dos Sinais – tabela de avaliação, Alexander Klein
KLEIN, Alexander – *Vivienda Minima: 1906-1957*. p.89
- [52] [53] [54] *Dom-Komuna*, de Barsch e Vladimirov
TEIGE, Karol – *The Minimum Dwelling*. p.356 e 358
- [55] *Narkonfim*, Ginzburg, perspectiva
BENEVOLO, Leonardo – *The Modern Movement. In History of Modern Architecture*. p.567
- [56] *Unité d'Habitation* de Marselha; fotografia
BENEVOLO, Leonardo – *The Modern Movement. In History of Modern Architecture*. p.855
- [57] Interior de unidade habitacional, *Unité d'Habitation*, Marselha; fotografia
COHEN, Jean-Louis – *Le Corbusier*. p.61
- [58] Planta de unidades habitacionais tipo, *Unité d'Habitation*, Marselha
BENEVOLO, Leonardo – *The Modern Movement. In History of Modern Architecture*. p.855

[59] *Modulor*, Le Corbusier

BENEVOLO, Leonardo – *The Modern Movement. In History of Modern Architecture.* p.854

[60] [61] Esquemas do *Modulor* e sua aplicação ao projecto da *Unité d'Habitation*, Marselha

LE CORBUSIER – *Modulor*. p.71 e 168

[62] Fachada da *Unité d'Habitation*, Marselha, com baixo relevo do *Modulor*; fotografia
COHEN, Jean-Louis – *Le Corbusier*. p.58

[63] Esquema distributivo da habitação, Neufert

NEUFERT, Ernst – *Arte de Projectar em Architectura*. p.146

[64] O Homem como escala

NEUFERT, Ernst – *Arte de Projectar em Architectura*. p.18

[65] [66] Exemplos de cozinhas, organização funcional e dimensionamento racional

NEUFERT, Ernst – *Arte de Projectar em Architectura*. p.163 e 165

[67] [68] Ideal de habitação nazi – tipos construtivos: fotografia de colónia construída e imagem de propaganda do novo estilo

BENEVOLO, Leonardo – *The Modern Movement. In History of Modern Architecture.* p.543

[69] Perspectiva geral do Bairro Social do Arco do Cego

BECKER, Annette [ed.lit.]; TOSTÕES, Ana [ed.lit.]; WANG, Wilfried [ed.lit.] – *Arquitectura do Século XX: Portugal*. p.163

[70] [71] Bairro do Arco do Cego – fotografias de habitações

Arquivo Municipal de Lisboa Online. Disponível em arquivomunicipal.cm-lisboa.pt

[72] Raul Lino - *A Nossa Casa*, capa do livro

SANTOS, Joana – *Raul Lino*. p.41

[73] [74] Plantas de habitação, Raul Lino

LINO, Raul – *A Nossa Casa: Apontamentos sobre o Bom Gosto na Construção de Casas Simples*. p.17 e 18

[75] [76] [77] Bairros sociais do Estado Novo; fotografias

FERNANDES, José Manuel – *Português Suave: Arquitecturas do Estado Novo*. p.91, 170 e 172

[78] [79] Bairros sociais do Estado Novo; fotografia aérea e plano

FERNANDES, José Manuel – *Português Suave: Arquitecturas do Estado Novo*. p.65, 91

[80] Capa da publicação do relatório do Congresso

Congresso Nacional de Architectura, 1º, Lisboa, Maio/Junho de 1948. *Conclusões e Votos do Congresso*.

[81] Aplicação do método dos sinais na avaliação dos casos de estudo, Bairro de Alvalade, Miguel Jacobetty Rosa

Congresso Nacional de Arquitectura, 1º, Lisboa, Maio/Junho de 1948. *Relatório da Comissão Executiva. Teses. Conclusões e Votos do Congresso*. p.282 e 283

[82] Esquemas de análise da utilização dos diferentes espaços no interior da habitação, Nuno Portas

PORTAS, Nuno – ‘Desenho e Apropriação do Espaço da Habitação’. *Arquitectura*. Lisboa. N.º 103 (Mai.-Jun. 1968), p. 127-128

[83] Método da análise por funções e actividades e Lista das funções e actividades da habitação, Nuno Portas

PORTAS, Nuno – *Funções e Exigências de Áreas de Habitação*. p.6 e 20

[84] [85] Gráfico de composição do agregado familiar e quadro com a dimensão média da família e percentagem de famílias monopessoais formadas por idoso

Censos 2011: XV Recenseamento Geral da População; V Recenseamento Geral da Habitação. Resultados Definitivos. p.59-60

[86] Tabela de número de divisões na habitação por composição de agregado familiar
Tabela elaborada pela autora segundo dados do Eurostat, disponíveis em ec.europa.eu/eurostat

[87] Gráfico do número de famílias que recorre a substitutos de mercado para algumas tarefas domésticas

Inquérito à Ocupação do Tempo: 1999. p.2

[88] [89] [90] Capsule Hotel – fotografias do interior: corredor das ‘cápsulas’, interior da ‘cápsula’ (célula individual) e instalação sanitária comum

Disponível em capsuleinn.com

[91] [92] [93] Fukuoka Apartments, Steven Holl – fotografias de exterior e interior, com demonstração da flexibilização interior

Disponível em www.stevenholl.com

1.Introdução

1.1. Âmbito do trabalho, objectivos, metodologia e justificação do tema

A presente tese pretende identificar os caminhos possíveis para a arquitectura de habitação, em contexto urbano. Este estudo, centrado na adequação dos espaços domésticos, entende a Arquitectura como disciplina que se relaciona com outras disciplinas, apesar de apresentar objectivos disciplinares próprios, encontrando, assim, apoio em ensaios e estudos sociológicos e antropológicos e dados estatísticos europeus e portugueses.

Apesar de vários arquitectos e estudiosos se terem já debruçado largamente sobre o tema da habitação e, mais concretamente, a organização do espaço doméstico, o seu estudo revela-se agora tanto ou mais pertinente, numa altura em que se assiste novamente a um conjunto de alterações como mudanças dos núcleos familiares (composição das famílias), a evolução de modelos laborais e alterações no modo como interagimos com os espaços que habitamos (que se traduz na evolução das exigências funcionais do espaço do habitar privado), bem como a alteração da relação habitação-cidade. Além disso, importa reaproximar os arquitectos dos problemas da sociedade, promovendo uma relação mais estreita entre as necessidades reais, as aspirações e a evolução social e as soluções arquitectónicas.

Conducente com o âmbito do trabalho, a pesquisa e desenvolvimento do tema foram orientados no sentido de conseguir responder a algumas questões de investigação, latentes à temática da habitação urbana futura:

- .Serão as nossas habitações adequadas às sociedades modernas?
- .Quais as funções vitais no espaço habitacional? De que modo se organizam?
- .Continuará a habitação a responder a características locais ou emergirá uma tendência global?

De modo a dar resposta a estas questões de investigação e conseguir, por fim, identificar tendências, adoptou-se como método de investigação a pesquisa em duas frentes: Arquitectura/História e Sociologia/Antropologia. Assim, foi importante, por um lado, identificar exemplos, ao longo da história da arquitectura, de estudos acerca da organização funcional e espacial dos interiores domésticos, de modo a perceber as evoluções que estes têm vindo a sofrer (bem como os factores que os originaram), e por outro, estudar a evolução das sociedades e seleccionar ensaios sociológicos e dados estatísticos que permitem o entendimento da sociedade actual, do modo como se organiza e como vive, que se espelha

no modo como organiza e habita os espaços domésticos. Através desta análise, uma análise da realidade portuguesa e europeia no que concerne à população e oferta habitacional do presente, estabelecidos a partir da média e moda² portuguesa e europeia, tentar-se-á estabelecer quais os modelos de habitar que poderão ser válidos para o futuro. Como escreveu Karel Teige, (...) *it is essential not to forget that no architectural problems can be separated from its socioeconomic relations, and therefore any new hypothesis about the future of architecture must also be supported by a scientific prognosis of social development (...)*.³

1.2. Estado da Arte

Conforme referido anteriormente, para o desenvolvimento deste trabalho foram importantes os contributos de autores de diversas áreas. Inicialmente foi desenvolvida uma pesquisa no campo da história da arquitectura, cujo principal suporte foram as publicações de Leonardo Benevolo – *História da Arquitectura Moderna* (volumes I e II) – e Siegfried Giedion – *Space, Time and Architecture*. Estes dois exemplos foram fundamentais para uma percepção cronológica da evolução da arquitectura de habitação, desde fins do século XIX a meados do séc. XX, e na identificação de figuras de destaque nessa evolução. Pelo seu carácter geral, impulsionaram pesquisas de outros autores e outros temas, que muito influenciaram a direcção desta tese, nomeadamente, Walter Gropius e os seus escritos acerca de modos de habitar e sociedade.

Deste modo, além de bibliografia relacionada com a história geral da Arquitectura, procurou-se efectuar uma pesquisa de temas pertinentes para o desenvolvimento deste trabalho: Habitação/Habitar e sua definição, História da Habitação, Arquitectos e obras de Arquitectura ou escritos relevantes, Sociologia da Habitação, a história da habitação em Portugal e artigos de sociologia e outros trabalhos cujo enfoque sejam a sociedade e habitação.

No que diz respeito ao tema da habitação, propriamente dito, foram vários os contributos, destacando-se *Home, a Short History of an Idea*, de Witold Rybczynski, que se centra exactamente na evolução do espaço doméstico e dos conceitos que hoje encaramos como importantes: definição do espaço, organização funcional, conforto, entre

² Em estatística, o valor que apresenta maior predominância (o mais frequente/comum) em determinada amostra e análise.

³ TEIGE, Karel – *The Minimum Dwelling*, p. 325; apesar de ter sido afirmado no início do século XX, o princípio mantém-se válido nos dias de hoje.

outras, e que, por esse motivo, foi uma base essencial para o enquadramento histórico. Além deste livro, outro grande apoio foi *Housing and Dwelling: Perspectives on Modern Domestic Architecture*, de Barbara Miller Lane, que consiste numa compilação de textos de arquitectos e autores, sob o tema da habitação, num leque vastíssimo de subtemas. Este livro, por conter investigações e opiniões de variadas pessoas, constituiu uma obra que permitiu perceber diferentes linhas de investigação no campo da arquitectura doméstica e fornecer informações complementares interessantes.

De modo idêntico ao livro de Witold Rybczynski, o *Casa e Família: Habitar, Comer e Vestir na Europa Moderna*, de Rafaella Sarti, revelou-se importante no entendimento das evoluções domésticas e sua contextualização, sendo útil na clarificação de conceitos, de habitação e relacionados. Nesta perspectiva, foi vital a consulta de dicionários gerais e de arquitectura, que não só do ponto de vista da consulta de definições, como do ponto de vista de clarificação do objecto de estudo, nomeadamente o *Dictionnaire de l'Urbanisme et de l'Aménagement*, de Pierre Merlin e Françoise Choay, contribuindo, ainda com definições e conceitos de habitar e habitação o artigo de Martin Heidegger *Building, Dwelling, Thinking, The Concept of Dwelling*, de Christian Norberg-Schulz e os livros *The Poetics of Space*, de Gaston Bachelard, *Habitat et Logement*, de J. E. Havel, *Sebentas d'Arquitecturas – Habitar*, uma compilação da Universidade Lusíada, a tese *Para uma Leitura da Arquitectura Doméstica Temporária. Uma Investigação de uma Tipologia Habitativa no século XIX Português em Lisboa – O Avenida Palace*, de Filipa Rodrigues Pires, entre outros títulos consultados constantes da bibliografia.

Ao longo da contextualização histórica, foram determinantes diversos escritos, destacando-se, além dos já referidos, bibliografia centrada no movimento moderno e nos seus princípios, autores e obras: *Architecture et Société*, Walter Gropius, *The Minimum Dwelling*, Karel Teige; *L'Habitation Minimum*, actas do segundo encontro dos CIAM; *O Modulor*, de Le Corbusier.

Também o tema da Sociologia da Habitação, pela sua importância para este estudo, conta com bibliografia fundamental, destacando-se essencialmente dois autores: Paul Chombart de Lauwe e Luis Cortés Alcalá. Começando por este último e mais recente, Alcalá, foi essencial o livro *La Question Residencial: Bases para una Sociologia del Habitar*, que estabelece definições de habitação, habitar, e outros conceitos relacionados (no campo da sociologia); elenca a evolução da investigação da habitação ao longo da história, referindo diferentes correntes de pensamento e estudos sobre o tema e introduz a habitação como conceito sociológico. Referido neste livro, Chombart de

Lauwe é um autor incontornável num estudo desta natureza, por ter estabelecido as bases da sociologia da habitação. Da sua autoria constam da pesquisa ambos os volumes de *Famille et Habitation*. De modo indirecto, houve contacto com outras obras e intervenções deste autor através de artigos na revista *Arquitectura: Sociologia da Habitação: Métodos e Perspectivas de Investigação e Aspectos Sociais na Concepção do Habitat*.

No que diz respeito ao panorama português, foi fundamental o catálogo da exposição *Arquitectura do Século XX. Portugal*, organizado por Ana Tostões, Annette Becker e Wilfried Wang, constituindo uma base histórica equivalente aos dois volumes referidos inicialmente – de Giedion e Benevolo –, mas em relação à realidade portuguesa. E, de modo idêntico à transcrição das actas do segundo CIAM, foi especialmente relevante a publicação do *Primeiro Congresso de Arquitectura. Relatório da Comissão Executiva*, referente ao primeiro congresso de arquitectos, em Portugal e centrado no problema da habitação.

Já referida e de realce é a revista *Arquitectura*, importante no entendimento do pensamento da classe em relação à habitação nas décadas de 60 e 70 do século XX, com destaque para os artigos *I Colóquio Organizado pelo S.N.A. sobre Temas Habitacionais: 'Aspectos Sociais da Concepção do Habitat'*, *O Desafio à Arquitectura Moderna*, de Claude Schnaidt e *Desenho e Apropriação do Espaço da Habitação*, de Nuno Portas. Este último é de especial relevo no panorama teórico português no tema da habitação, pela sua investigação, nomeadamente para o Laboratório Nacional de Engenharia Civil, tendo sido importante a consulta de *Funções e Exigências de Áreas da Habitação*, constante da 'Informação Técnica – Edifícios', do LNEC. Para o mesmo organismo e sob a mesma temática, Ruy José Gomes publica *Necessidades Humanas e Exigências Funcionais da Habitação*, utilizado de modo complementar à obra de Portas.

Por fim, e como central a este trabalho, foi indispensável a consulta e análise de dados censitários, constantes tanto da publicação provisória como definitiva dos Censos 2011, bem como publicações de recenseamentos anteriores, para comparação de dados. Foram igualmente consultados dados estatísticos europeus, do Eurostat.

Como complemento a estas publicações e dados, e de modo a substanciar as análises e conclusões, foram consultados diversos artigos de sociologia sob as temáticas da habitação e das evoluções demográficas e familiares, bem como um relatório de um estudo desenvolvido pelo Centro de Estudos Territoriais, ISCTE, acerca do mesmo tema:

Novas Necessidades de Habitação: Alterações Sócio-Demográficas e Oferta Habitacional.

Para o capítulo das proposições finais, avaliação das conclusões e proposta de investigação futura foram importantes alguns trabalhos: *Penser L'Habiter. Le Logement en Questions*, de Monique Eleb-Vidal, Anne-Marie Chatelet e Thierry Mandoul, pela descrição do concurso PAN14 para um conjunto habitacional e os métodos de avaliação programática e tipológica desenvolvidos pelas equipas; e *Os Novos Lugares do Habitar e as Formas de Apropriação Contemporânea*, tese de Francisco Nascimento e Oliveira, pela reflexão acerca do conceito de apropriação.

2. Enquadramento Histórico e Teórico do Tema

2.1. O conceito de Habitação

2.1.1. Definição do Objecto de Estudo

A etimologia e significado das palavras são importantes no entendimento dos conceitos e na sua aplicação. Por essa razão, de modo a melhor compreender o objecto de estudo, é necessário perceber o seu sentido. Aqui apresenta-se um conjunto de definições de Habitação e palavras do seu grupo lexical, as primeiras constantes num dicionário geral de Língua Portuguesa, seguidas de algumas definições retiradas do *Dictionnaire de l'Urbanisme et de l'Aménagement*, de Pierre Merlin e Françoise Choay. Esta opção de referir ambas as definições deve-se ao facto de, para além da definição em termos arquitectónicos, importante para profissionais desta área, ser essencial perceber o que é a Casa para o homem-comum e o que esse conceito significa na nossa cultura e tradição.

Definição corrente ⁴	<p><i>Casa – s.f. (do latim casa). Edifício para habitação; morada, moradia, vivenda. Cada uma das divisões (salas, quartos) de uma habitação.</i></p> <p><i>Habitação – s.f. Lugar, casa em que se habita; morada, residência, domicílio. (etnogr.) A habitação corresponde ao grau de civilização daqueles que a habitam.</i></p> <p><i>Habitar – v.t. Ocupar como morada. Residir ou viver em.</i> <i>v.i. Residir, viver.</i></p> <p><i>Morada – s.f. Lugar onde se mora, casa de habitação, domicílio. Estada, permanência, residência. (fig.) Lugar onde uma coisa está habitualmente.</i></p> <p><i>Morar – v.i. Habitar, residir. (fig.) Permanecer, estar.</i></p> <p><i>Domicílio – s.m. Casa, residência habitual de uma pessoa.</i></p> <p><i>Alojamento – s.m. Acto de alojar. Morada. Lugar onde alguém ou alguma coisa se aloja ou está colocado.</i></p> <p><i>Alojar – v.t. Recolher, hospedar, armazenar.</i> <i>(etim). do francês Loger</i></p> <p><i>Doméstico – adj. Relativo à casa, à família.</i></p>
---------------------------------	--

⁴ Dicionário Lello Universal

Definição arquitectónica⁵

Maison - Dans la tradition ethnologique, le mot désigne tout a fois les membres d'un groupe de filiation (lignage notamment) et l'habitation où ils vivent ensemble.

Logement - Local ou ensemble de locaux formant un tout, destine à l'habitation et où habitent ensemble plusieurs personnes, qu'elles aient ou non des liens de parenté entre elles, qui constituent un ménage.

Le concept de logement est plus précis que celui d'habitation qui est une unité physique, identifiée à la maison, rurale ou urbaine, avec ses dépendances, et qui peut comprendre plusieurs logements (ayant des accès et des équipements, tels que la cuisine ou la salle d'eau, distincts), sans qu'il s'agisse toujours, pour autant, d'un immeuble collectif.

Le logement est une unité fonctionnelle où l'organisation de l'espace répond aux normes culturelles de la société et de l'époque.

L'organisation interne du logement traduit les normes culturelles dominantes, mais est aussi le fruit d'une évolution historique. On distingue les espaces collectifs (...) et les espaces privatifs (...), mais l'organisation de l'espace du logement occidental ne correspond pas nécessairement au mode de vie d'autres sociétés.

Ménage - Ensemble des personnes résident habituellement dans un même logement, qu'elles aient ou non des liens de parenté entre elles. Le ménage correspond donc au logement, mais est aussi une unité élémentaire de la vie économique.

La taille moyenne des ménages est un élément important pour l'urbaniste, notamment pour la détermination des besoins (nombre et dimensions) en logements.

Habitant - Originellement 'celui qui habite, qui fait sa demeure fixe en un lieu'.

⁵ CHOAY, Françoise; MARLIN, Pierre – Dictionnaire de L'Urbanisme et de L'Aménagement.

Do conjunto de definições referidas retém-se que a Habitação (nos seus múltiplos sinónimos) é o local de morada, residência, onde está, onde permanece o indivíduo⁶. Esta é uma característica importante pois compreende a casa como um lugar fixo, onde o acto de residir é contínuo. Também em espanhol a palavra *vivienda* significa o assentamento ou residência continuada em determinado lugar⁷. Em 1954, Martin Heidegger, no artigo *Building, Dwelling, Thinking*, integrante da publicação *Poetry, Language, Thought*, mais preocupado com a definição de habitar que com a de Casa ou Habitação, mostra, através da etimologia das palavras, que o acto de habitar, *to dwell* ou *bauen* (embora *bauen* em alemão actual signifique construir e Heidegger opte por centrar-se na raiz germânica da palavra - *buon*) significa permanecer, ficar num local. Mais tarde, em 1957, Havel afirma que para haver habitação (*logement*) é necessária a instalação efectiva do Homem, a ocupação do sítio⁸. Aliás, quando se debruça sobre o significado de habitar, define-o como sinónimo de *demeurer*, cuja tradução para Português é tanto morar, habitar, residir, como ficar, permanecer, manter-se⁹.

No entanto, esta definição não é universal, sendo válida para a nossa sociedade e os nossos costumes, lembrando Alcalá a existência de povos nómadas, que se caracterizam pela mobilidade, procurando condições de fixação e construindo habitações temporárias, para quem o conceito de estabilidade não é essencial na definição de habitação.

Ainda acerca da questão semântica, Havel estabelece uma diferença entre morada ou habitação e domicílio, apoiando-se no artigo 103 do Código Napoleónico que determina que para existir domicílio têm de se verificar duas condições: o constituir habitação e a intenção de fixar nela estabelecimento principal. Por outras palavras, na realidade francesa, embora todos os domicílios sejam habitações, nem todas as habitações constituem domicílios. Também a definição portuguesa de *domicílio* se destaca da de *habitação*, *morada* ou *casa* por realçar a fixação habitual.

Das definições arquitectónicas depreende-se que existe uma diferença entre *casa* (*maison*) e *alojamento* (*logement*), significando a primeira a unidade familiar e a sua habitação (independentemente do número de dependências ou espaços que contém)¹⁰ e o segundo uma unidade física, que pode incluir habitações colectivas e que está

⁶ Embora em nenhuma das definições seja referido, é indispensável o conceito de intimidade na definição da habitação.

⁷ CORTES ALCALÁ, Luis – La Cuestión Residencial: Bases para una Sociología del Habitar. p.24

⁸ *Une habitation peut servir de logement, mais n'est pas nécessairement un logement. Pour qu'il y ait 'logement', il faudrait l'installation effective de l'homme, occupation des lieux.* HAVEL, Jean Eugene Martial – Habitat et Logement. p.10

⁹ Dicionário Francês – Português, Porto Editora [em linha]. Disponível em www.infopedia.pt

¹⁰ Casa é ainda um termo com variadas aplicações, nem todas relacionadas com o habitar íntimo, que, pela sua amplitude, pode significar um contentor de uma actividade, de que é exemplo a nomenclatura *Casa da Música*.

intimamente relacionado com as normas culturais da sociedade e época em que se insere.

A par das definições literais, a habitação tem, também, significados simbólicos, que, por sua vez, influenciam a visão que temos dela e a sua utilização e idealização.

Retomando de novo o ensaio *Building, Dwelling, Thinking*, Heidegger mostra-nos que a função de abrigo não é suficiente para definir o habitar. Afirma (...) *residential buildings do indeed provide shelter; today's houses may even be well planned, easy to keep, attractively cheap, open to air, light and sun, but – do the houses in themselves hold any guarantee that dwelling occurs in them? (...) When we think of dwelling we usually think of an activity that man performs alongside many other activities*. Daqui, depreende-se que o espaço da habitação encerra uma multiplicidade de funções e actividades, nem sempre universais (podem divergir entre indivíduos, famílias ou culturas), e que são fundamentais para a sua definição espacial, mas também que a noção de habitar de Heidegger é muito lato, cujo significado se aproxima mais da criação ou existência de condições de fixação do que da definição física e espacial.

No texto *The Idea of a Home. A Kind of Space* (1993), além de partilhar o ponto de vista de Heidegger, Mary Douglas coloca a questão porquê associar a ideia de casa a um lugar, 'onde?' e não também a 'como?', 'quem?', 'quando?': *Home is located in space, but it is not necessarily a fixed space. Having shelter is not having a home, nor is having a house, nor is home the same as household*.¹¹ Muitas vezes relacionamos Casa com determinados sentimentos ou pessoas e não apenas a um local fixo. Prova disso são, também, algumas expressões metafóricas, como a anglo-saxónica *Home is where the heart is*, ou o provérbio mexicano *A casa não se apoia na terra mas numa mulher*.

Além da questão sentimental, Mary Douglas refere a memória como um factor importante na nossa relação com a Casa. Esta concepção é partilhada por outros autores, como Rafaella Sarti e Alcalá que também referem que as relações e as percepções que se experimentaram em habitações anteriores (sobretudo na casa paterna/materna) são aquelas que se procura reproduzir na habitação própria. Ainda acerca desta temática, Bachelard concebe a habitação como um elemento que integra pensamento, memórias e sonhos, realçando que os sonhos são, muitas vezes, desejos de reprodução das memórias: *An entire past comes to dwell in a new house*.¹² (...) *But over and beyond our memories, the house we were born in is physically inscribed in us*.

¹¹ DOUGLAS, Mary – 'The Idea of Home: A Kind of Space'. In LANE, Barbara Miller – *Housing and Dwelling: Perspectives on Modern Domestic Architecture*. p.62

¹² BACHELARD, Gaston – *The Poetics of Space. The Classic Look at how we Experience Intimate Spaces*, p.5

(...) *After 20 years, in spite of all the other anonymous stairways, we would recapture the reflexes of the 'first stairway' (...).*¹³

Na óptica da autora da presente tese, não são apenas as memórias sensoriais que nos marcam e que procuramos recriar, mas também alguns usos/apropriações de espaço¹⁴.

Na sua procura pela definição de Casa, Alcalá refere a característica de bem necessário, sublinhando que bem equivale a um objecto com utilidade para o Homem. *Existe um consenso generalizado ao considerar que a habitação é um bem necessário. (...) O conceito de necessidade aplicado ao caso concreto da habitação tem um sentido social (...).*¹⁵ De referir que o direito à habitação está consagrado nos Direitos Humanos Fundamentais, artigo 251, bem como na Carta Social Europeia, de 1961 (Cortes Alcalá, 1995: 27). Em Portugal, a Constituição da República também o consagra, no artigo 65: *Todos têm direito, para si e para a sua família, a uma habitação de dimensão adequada, em condições de higiene e conforto e que preserve a intimidade pessoal e a privacidade familiar.*¹⁶

Para a presente tese, importam, não só estas definições, como também as definições do Instituto Nacional de Estatística, constantes nos Censos e outros estudos estatísticos relacionados com o tema da Habitação, bem como as do Eurostat, departamento estatístico da União Europeia. Assim, o INE clarifica o conceito de Alojamento, no geral, (diferenciando Alojamento e Alojamento Familiar) e conceitos de *Alojamento Familiar Clássico, Alojamento Familiar Não Clássico e Alojamento Colectivo*¹⁷, no particular, entre outros tipos de alojamento, menos relevantes:

*Alojamento – Local distinto e independente que, pelo modo como foi construído, reconstruído ou ampliado, transformado ou está a ser utilizado, se destina à habitação com a condição de não estar a ser utilizado com outros fins no momento de referência: por um distinto entende-se que é cercado por paredes de tipo clássico ou de outro tipo, é coberto e **permite que uma pessoa ou grupo de pessoas possa dormir, preparar refeições ou abrigar-se** das intempéries separado de outros membros da colectividade:*

¹³ *Id.*, p.14

¹⁴ Por exemplo, uma pessoa vinda de uma família que toma as refeições na cozinha tenderá a reproduzir esse comportamento na casa que ocupar individualmente ou com a família que vier a formar (tendo em consideração que o espaço assim o permita).

¹⁵ Tradução da autora. CORTES ALCALÁ, Luis – *La Cuestión Residencial: Bases para una Sociología del Habitar*. p.26-27

¹⁶ Constituição da República Portuguesa [em linha]. Disponível em <http://www.parlamento.pt/Legislacao/Paginas/ConstituicaoRepublicaPortuguesa.aspx>

¹⁷ As presentes definições correspondem a uma classificação no momento do inquérito.

por independente entende-se que os seus ocupantes não têm que atravessar outros alojamentos para entrar ou sair do alojamento onde habitam.

Alojamento Familiar – Alojamento que, normalmente, se destina a alojar apenas uma família e não é totalmente utilizado para outros fins no momento de referência;

*(Não Clássico – Alojamento que não satisfaz inteiramente as condições do alojamento familiar clássico pelo tipo e precariedade de construção, **porque é móvel, improvisado ou não foi construído para habitação**, mas funciona como residência habitual de pelo menos uma família no momento de referência);*

Alojamento Colectivo – Alojamento que se destina a albergar um grupo numeroso de pessoas ou mais de uma família e que no momento de referência está em funcionamento, ocupado ou não por uma ou mais pessoas, independentemente de serem residentes ou apenas presentes.

Quanto aos conceitos constantes no Eurostat, salienta-se a de *Housing Unit*, definida tanto pela ONU como pelo departamento das estatísticas sociais do Eurostat. De acordo com a ONU, a unidade de habitação define-se como *a separate and independent place of abode intended for habitation by a single household, or one not intended for habitation but occupied as living quarters by a household at the time of the census (although intended for habitation by one household, a housing unit may, at the time of the census, be occupied by one or more households or by a part of a household)*¹⁸. Já o Eurostat define que *the main content of the definition is that a housing unit used as the principal usual residence of at least one person, it is separate in the sense that persons living there can isolate themselves from other persons, it is independent in the sense that it can be accessed without passing through anybody else's accommodation*¹⁹, aproximando-se da definição de Alojamento do INE.

Postas estas definições, é possível identificar alguns conceitos e condições essenciais, intimamente relacionados com a função de habitar e alojamento. No que diz respeito a condições, se atentarmos na definição de alojamento do INE, constatamos que é considerado vital, para o acto de alojar, a existência de um espaço que simultaneamente constitua abrigo e permita dormida e confecção/toma de refeições, definindo, deste modo, as funções básicas da habitação. Consta, também, a condição de independência, também referida na definição do Eurostat. Esta condição remete para o

¹⁸ Eurostat's Concepts and Definitions Database [em linha]. Disponível em http://ec.europa.eu/eurostat/ramon/nomenclatures/index.cfm?TargetUrl=DSP_GLOSSARY_NOM_DTL_VIEW&StrNom=CODED2&StrLanguageCode=EN&IntKey=16951213&RdoSearch=BEGIN&TxtSearch=housing&CboTheme=&IsTer=&IntCurrentPage=1&ter_valid=0

¹⁹ *Harmonisation Of Recommended Core Units, Variables And Classifications: 2000 Edition* [em linha]. Eurostat, p.4. Disponível em http://ec.europa.eu/eurostat/ramon/index.cfm?TargetUrl=DSP_PUB_WELC

conceito de *Privacidade*, da habitação como local privado, onde se desenrola a vida privada e íntima dos seus ocupantes.

Além do conceito de Privacidade, são referidos outros dois, relacionados entre si – *Família* e *Household*, desenvolvidos de seguida.

Tendo em conta todas as significações de casa e suas variantes lexicais, é possível delimitar o objecto de estudo, optando pela definição que mais interessa para o presente trabalho. Assim, será o conceito de *Alojamento*, como definido por Merlin e Choay e como contentor da vida e do habitar íntimo, o tema a analisar. Esta noção de alojamento é compatível com o definido pelo INE e pelos organismos estatísticos europeus, pelo que permite constituir-se como base da investigação. Ao longo da dissertação, nalguns momentos, será, no entanto, referida a palavra *Casa* pois corresponde, num sentido mais lato, à representação física e contida do habitar íntimo, no imaginário quer dos arquitectos quer do homem-comum.

2.1.2 Conceitos Relacionados

Num estudo acerca do habitar privado é inevitável a referência ao conceito de Família, vista por muitos autores como a unidade essencial em habitação^{20 21}. No entanto, este trabalho não se centrará exclusivamente nesta unidade social, por entender que hoje em dia há tendências distintas de ‘famílias’ ou agrupamentos sociais que se traduzem em tendências de habitar diferentes, pelo que seria redutor o estudo da família nuclear ou tradicional como a única unidade importante na habitação. No entanto, por considerar que é um factor/unidade de extrema importância na história da habitação, é aqui referida.

No livro *Casa e Família: Habitar, Comer e Vestir na Europa Moderna*, Rafaella Sarti detêm-se longamente no conceito de Família, explicando a sua origem e evolução. Assim, inicialmente, família referia-se a um grupo de servos (*famuli*) dependentes de um só patrão. Sarti afirma que *era a dependência, portanto, não a convivência, o elemento que associava os diferentes significados que o termo possuía em latim*. (Sarti, 2001: 65) Esta condição manteve-se durante a idade média, sendo família o conjunto de dependentes de um senhor (ou seja, não só os servos). *Família é filhos, a mulher, e os outros criados, família e servos*.²² (Alberti, 1969) Mais tarde que Alberti, em 1609, os

²⁰ *Au point de vue de l'habitat, la famille doit, en effect, être considérée comme l'unité 'habitant'*. HAVEL, Jean Eugene Martial – *Habitat et Logement*. p.31

²¹ Ao longo da história, são notórios momentos em que tal aconteceu, como a ideologia familiar e habitacional do Regime Nazi, do Estado Novo português e mesmo de arquitectos como Raúl Lino, como descrito mais detalhadamente no capítulo de contextualização.

²² cit. por SARTI, Rafaella – *Casa e Família: Habitar, Comer e Vestir na Europa Moderna*. p.66

autores do *Breve Trattato del Governo Familiare* defendem *por casa entende-se a casa material, e o conjunto daquelas pessoas que, morando juntas, constituem e formam uma família*²³.

É no século XIX que a noção de família mais se altera, com o realce do Indivíduo, que constitui um ponto de charneira e que marca o pensamento das sociedades ocidentais deste então. Segundo François de Singly, *as famílias contemporâneas resultam do processo de individualização que começa a inscrever-se na esfera política com a Revolução Francesa*²⁴, parafraseando, a comprová-lo, *Mémoires de Deux Jeunes Mariées*, de Balzac: *Cortando a cabeça a Luís XVI, a Revolução cortou a cabeça a todos os pais de família. Já não há família; tudo o que há são indivíduos*.

Além da individualização da sociedade, o século XIX assiste ainda a uma outra alteração de relevo – um novo pensamento em relação ao casamento –, que se acentua ao longo do século XX, constituindo a década de 60 um período de grande transformação da noção e definição da família, com o aprofundamento da individualização, a alteração do papel da mulher em casa e na sociedade e nas mudanças matrimoniais – mais divórcios e maior coabitação. Apesar destas alterações sugerirem constituir o início da família nuclear, com um número reduzido de membros, François de Singly adverte que esta não é uma novidade, fazendo referência ao colóquio *La Famille Réduite: Une Réalité Ancienne et Planétaire*, de 1969, em que se defendeu que o grupo doméstico simples (pai, mãe e filhos) era o modelo dominante nas sociedades pouco urbanizadas e industrializadas. No entanto, adverte que apesar do modelo familiar nuclear poder existir desde sempre, tal não significa que esse núcleo e os seus constituintes desempenhem sempre funções idênticas, concluindo que *a originalidade da família moderna não está, portanto, na sua estrutura, mas no seu sistema de relações*²⁵.

Caracterizando a família moderna, este autor salienta, então, a mudança de normas familiares como factor importante, com destaque para a individualização e, de certo modo relacionada, a pluralidade e diversidade de modelos, um novo paradigma que será relevante e comprovado nos capítulos finais de análise da sociedade contemporânea.

Aproximando-se do conceito de Família, o de Agregado é aquele que se afigura como mais válido para este estudo e para a análise das tendências de habitação futuras, embora em Portugal e na língua portuguesa não acarrete a mesma importância do que o inglês *Household* ou espanhol *Hogar*, ou francês *Ménage*. *Household* define-se como um

²³ Cit. por Sarti, *op. cit.*, p.67

²⁴ SINGLY, François de – Sociologia da Família Contemporânea, p.11

²⁵ *Idem*, p.26

grupo de pessoas ligadas por laços de parentesco, matrimónio, afinidade e trabalho convivendo sob o mesmo tecto²⁶. *Hogar*, segundo definição de Ángeles Valero²⁷, é a unidade económica e social constituída pelo conjunto de indivíduos que convivem habitualmente debaixo do mesmo tecto e ocupam a mesma casa. *Ménage*, segundo Merlin e Choay, é o conjunto de pessoas que residem no mesmo alojamento, tendo ou não relações de parentesco. De todas as definições se pode depreender que o conceito de agregado implica residência conjunta e exclui a condição de parentesco, o que constitui o afastamento do conceito de família, que, pelo contrário, implica parentesco mas não pressupõe convivência habitacional²⁸. Para Sofia Aboim, o conceito de agregado doméstico é mais abrangente que a noção de família, definindo-se como um *grupo elementar de solidariedade quotidiana, tendo como base um critério de co-residência entre indivíduos, que implica quer a partilha do mesmo tecto (...), quer a partilha de recursos e mesmo de actividades (...). (...) O conceito de agregado doméstico, ao eleger como critério base a co-residência, constitui, por conseguinte, uma ferramenta indispensável para identificar as diferentes formas de organização da vida privada (...).*²⁹

Este conceito será essencial neste trabalho, tendo em conta as alterações profundas nos modelos familiares, analisadas em capítulos posteriores, podendo ser mais determinante que o conceito de família na definição das tendências de habitação futuras.

2.2. A Evolução dos Espaços Habitacionais

Desde o abandono do nomadismo e consequente sedentarização e fixação num determinado local, que os espaços habitacionais, no que respeita a funções e forma, tem vindo a sofrer variadas evoluções. Inicialmente, essas evoluções eram determinadas principalmente por factores naturais – clima, território, luz, ciclos naturais, entre outros –, verificando-se uma progressiva e crescente importância da influência de factores sociais, culturais, históricos, biológicos e mesmo económicos. Tendo em conta que para a habitação contemporânea e para o estudo das tendências futuras são bastante mais pertinentes estes últimos factores, é neles que se irá basear este capítulo de enquadramento histórico, que pretende elencar momentos importantes na história da

²⁶ Sarti, *op. cit.* p. 24

²⁷ Cit. por Cortes Alcalá, *op.cit.* p.40

²⁸ Alcalá define *Família Nuclear* como aquela que combina parentesco com residência comum.

²⁹ ABOIM, Sofia – ‘Evolução das Estruturas Domésticas’. In *Sociologia: Problemas e Práticas*. N.º 43. p. 13-14

habitação, estabelecendo paralelismos com os referidos factores que foram determinantes na sua definição.

Deste modo, e apesar de serem referidos alguns exemplos anteriores, pela sua importância na evolução dos espaços habitacionais, este capítulo centrar-se-á, essencialmente, no período compreendido entre o séc. XIX, data em que as cidades e a vida urbana passam a ter mais relevância e se afirmam os valores burgueses de família, de intimidade e de habitação, e a actualidade, já que a tese foca o modelo metropolitano de habitar.

Do ponto de vista metodológico, este enquadramento evolutivo é marcado por dois grandes períodos, que reflectem a identificação, no decorrer da investigação, de um momento importante na história dos espaços domésticos: a data em que estudiosos e arquitectos começam a entender a relevância da sociologia da habitação para o projecto da habitação. Assim, será feito, primeiramente, um elenco de etapas de evolução dos diferentes espaços domésticos, acompanhado das motivações sociais e culturais que expliquem a sua existência e tipo de uso, bem como referência às alterações ao conceito de família, factor que muito determinou estas evoluções. De seguida, serão referidos os momentos, já no séc. XX que marcaram o início do projecto de unidades de habitação tendo em conta necessidades e características sociais e especificidades e particularidades locais e culturais e a contribuição da sociologia da habitação para a arquitectura doméstica desde então. Aqui, no que se refere à consciência da importância de aspectos e estudos sociológicos no projecto da habitação, é igualmente referido o caso Português, sendo dados exemplos de momentos em que a avaliação de factores sociais e de exigências funcionais deles decorrentes estiveram intimamente ligadas à prática arquitectónica, constituindo um paradigma e uma base para os estudos que hoje se impõem.

Apesar de se realçar este momento como charneira no projecto da habitação, é igualmente importante salientar a mudança de pensamento em relação à vida doméstica, com a introdução da ideia de intimidade e a concepção da habitação como um local privado, íntimo, familiar e inviolável.

2.2.1. Da Multifuncionalidade à Especialização dos Espaços

Uma das características essenciais da habitação contemporânea é a especialização dos espaços, consoante as funções. Até se chegar a este nível de funcionalismo, muitas alterações se verificaram ao longo da história da habitação. Se atentarmos na habitação urbana burguesa do séc. XIV, conforme descrita por Rybczynski, é notória a sobreposição habitar-trabalhar (característica, aliás, da

generalidade das habitações até então), sendo a área residencial constituída por uma grande câmara onde toda a vida doméstica se desenrolava (preparação, confecção e tomada de refeições, receber visitas e, inclusive, pernoita). O mobiliário móvel e portátil, de funções flexíveis, permitia esta elasticidade de usos, numa altura em que nem a cama ou o seu local eram permanentes. As noções de função e uso e a sua distinção não existiam na época³⁰. Segundo o autor, *since there was no such thing as 'pure function' it was difficult for the medieval mind to consider functional improvements (...)*. (Rybczynski, 2001: 34) Outras noções que, conseqüentemente, ainda não tinham significado eram as de intimidade/privacidade³¹ (como supra-referido, conceito fundamental no habitar contemporâneo) e conforto. Também não era frequente a existência de instalação sanitária (apenas retrete, se existente), sendo as banheiras, à semelhança dos móveis, portáteis e o acto do banho, também ele, um acto público. Desta descrição é possível depreender que, no século XIV, a habitação ainda conservava o carácter de abrigo, privilegiando este seu sentido literal – contentor das vidas dos seus habitantes, em todas as suas facetas, de um modo não privado mas partilhado por todos quantos a habitam –, cingida ao absolutamente necessário.

Até ao século XVII assiste-se a várias evoluções, de grande importância. Com a burguesia, começa a ser feita a distinção entre local de residência e local de trabalho (as moradas nobres e algumas outras habitações mantêm o carácter medieval) e dá-se início à especialização dos espaços, com o aparecimento da cozinha e, mais fundamental, do quarto de dormir. A par desta especialização, e em parte como sua consequência, surge a privatização dos espaços, *i.e.*, a casa passa a ter um carácter mais íntimo, com espaços de diferentes graus de intimidade/privacidade (sala tendencialmente menos privada que os quartos)³². Estas novas características da habitação burguesa, especialização funcional e privacidade, ainda que embrionárias, devem-se também à evolução do conceito de família, agora com maior importância e uma definição aproximada à dos nossos dias.

Neste século, é de realçar particularmente a habitação e domesticidade holandesas, onde a especialização dos espaços e a privacidade estão especialmente presentes e desenvolvidas. A Holanda, ao contrário dos restantes países europeus, que se mantinham predominantemente rurais, caracterizava-se pelo carácter metropolitano (a maior parte da sua população habitava em cidades), e tinha como classe dominante a

³⁰ (...) *the idea of associating any specialized function with individual rooms had not yet occurred to them. There were no dining rooms, for instance. Tables were demountable, and people ate in different parts of the house (...)*. (Rybczynski, 2001: 42)

³¹ A casa medieval era um lugar público, e não privado. (Rybczynski, 2001: 38)

³² *Domesticity, privacy, comfort, the concept of the home and the family: these are, literally, principal achievements of the Bourgeois Age.* John Lukacs – *The Bourgeois Interior*, cit. por Rybczynski, op. cit., p. 51

burguesia, cuja actividade base era o comércio, tendo desenvolvido, por isso, este tipo de habitação. Estas eram pequenas (fruto, também, da escassez de superfície edificável), albergando uma média de 4 a 5 pessoas, as que compunham o núcleo familiar. Esta é uma característica significativa: a casa era entendida como local para habitação em família³³ e a família factor determinante na definição de espaço e carácter da habitação. Por esta razão, a casa holandesa é um local privado, para a vida doméstica e familiar, característica expressa, também, em termos organizacionais: a casa divide-se em usos diurnos e nocturnos e áreas formais e informais, i.e., existe uma separação entre os espaços mais públicos (inicialmente a 'sala da frente', evoluindo para o piso térreo, acessível a pessoas não pertencentes à família) e os privados (primeiro 'sala traseira' e, com a expansão em altura, nos pisos superiores). Neste exemplo é notória a influência de factores e transformações sociais na definição da forma e usos da habitação: a importância da família nuclear, em vez da família alargada e complexa medieval, que determina habitações menores, com espaços para a vivência familiar, resguardados do olhar público; simultaneamente, a importância do indivíduo no seio familiar, que resulta na dotação de espaços privados – quartos; o modelo laboral, no qual o local de trabalho não é coincidente com a habitação, promovendo a privatização do habitar; por fim, a importância da mulher no controlo do espaço doméstico, como responsável pelas actividades nele decorrentes, que contribui para uma maior intimidade e, em particular, na definição da cozinha como um espaço importante na casa³⁴.

De certo modo, este exemplo é paradigmático da arquitectura doméstica mais recente, aproximando-se, pelas suas características (em termos de fundamentos no que na organização espacial/funcional e no papel da família diz respeito), dos modelos e modos de habitar do século XX. No entanto, não corresponde à realidade europeia sua contemporânea onde a habitação da nobreza ainda não exhibia estas alterações (com início apenas em finais do século XVIII), exclusivas da classe burguesa, predominante na Holanda.

³³ Os estabelecimentos comerciais e outros locais de trabalho situavam-se em outros edifícios e os empregados tinham as suas próprias habitações, não partilhando a habitação do patrão.

³⁴ Ao contrário das habitações parisienses, onde a cozinha se localizava longe da sala e outras divisões principais, ou das inglesas, onde ficava relegada junto dos aposentos dos criados. Nestes exemplos, a cozinha era encarada como uma divisão utilitária, nos bastidores, como um mal necessário, não integrada no universo doméstico, mas como apoio a este.



[1] [2] [3]

Quadros de Pieter de Hooch, artista holandês que privilegiava o retrato de cenas domésticas.

2.2.2. Família, Intimidade e Privacidade

Progressivamente, as noções de privacidade e intimidade foram penetrando e ganhando importância nas restantes sociedades europeias, tendo como principal consequência a compartimentação funcional e especialização do espaço doméstico.

No caso holandês, como visto, esta evolução deveu-se à especificidade do modo de vida social, nas suas diferentes facetas – laboral e familiar. Nos restantes países europeus, naqueles católicos por excelência, foi a Reforma da Igreja que veio constituir a base destas alterações³⁵. Assim, as directrizes traçadas pelo Concílio de Trento (Itália, 1545-1563) ditaram a adopção de novas normas de conduta social e privada,

³⁵ Num caso particular, o francês, foi igualmente fundamental a relação entre o monarca Louis XV e Madame de Pompadour, responsável, através da sua influência, pela implantação de conceitos de privacidade, intimidade e conforto na corte francesa. De realçar, igualmente, a Marquesa de Rambouillet pela introdução do conceito de quarto de dormir privado. (Rybczynski, 2001: 88-94)

estabelecendo a Família como unidade fundamental³⁶ e relevando-se o carácter íntimo da vida privada. Michelle Perrot, na *História da Vida Privada* afirma a família como o *Principal teatro da vida privada do séc. XIX (...)*, adiantando que *O que há de mais inovador é sem dúvida a importância atribuída à família como célula base (...)*³⁷, emergindo a Família Nuclear. É também nesta altura que se começam a desenhar as diferenças contemporâneas entre sexos e a distinguir os papéis masculino e feminino quer no espaço doméstico (em termos de tarefas e espaços), quer na vida pública/laboral³⁸. Esta nova aceção de habitação pressupõe um espaço privado e íntimo: *A vida privada deve ser murada. Não é permitido procurar ou dar a conhecer o que se passa na casa de um particular.*³⁹

Paradoxalmente à crescente importância da unidade familiar desponta a consciência do Indivíduo. Já presente nos ideais Renascentistas, o relevo do Indivíduo tem o seu apogeu com a Revolução Francesa, que põe fim ao feudalismo e servidão e constitui um marco na história dos direitos civis⁴⁰. Esta nova consciência traduz-se, no âmbito doméstico, no reforço da noção de espaço privado e íntimo.

Estes eventos históricos e personagens contribuíram para que, no séc. XVIII (parte dele) e XIX, nas cidades Europeias e da América do Norte, a casa tivesse adquirido um carácter muito diferente daquele que apresentava na época medieval, passando a ter uma índole mais importante, menos pública, palco da vida familiar íntima⁴¹, com menos habitantes e latitude para o comportamento individual e pessoal. A família e as suas necessidades, usos e costumes passam a ser o elemento definidor do espaço doméstico, facto que constitui uma inovação e um marco no qual se tem sustentado o projecto do habitar.

³⁶ Estabelecendo-se o Casamento católico como fundamental na formação da unidade familiar, e o Baptismo, através do qual se institui o nome de família.

³⁷ PERROT, Michelle – ‘Os Actores’. In ARIÈS, Philippe [ed.lit.]; DUBY, Georges [ed.lit.] – *História da Vida Privada: Da Revolução à Grande Guerra*. Vol. 4, p.91

³⁸ Catherine Hall salienta, em relação à nova noção de família promovida pela Igreja, o despontar das diferenças entre sexos: *O empenhamento religioso em criar um novo modo de vida, que tornava possível uma atenção constante à vida espiritual e exigia um lar praticante, tinha encontrado a sua concretização material na separação progressiva e na demarcação entre trabalho masculino e trabalho feminino*. HALL, Catherine – ‘Lar, doce lar’. In ARIÈS, Philippe [ed.lit.]; DUBY, Georges [ed.lit.] – *História da Vida Privada: Da Revolução à Grande Guerra*. Vol. 4, p.70

³⁹ Littré - *Dictionnaire*, 1863-1872, cit. por PERROT, Michelle - ‘Maneiras de Habitar’. In ARIÈS, Philippe [ed.lit.]; DUBY, Georges [ed.lit.], *op. cit.*, p.307

⁴⁰ *Liberté, Égalité, Fraternité*, mote proclamado na Revolução Francesa, ainda hoje, lema do país.

⁴¹ É fulcral enfatizar o carácter íntimo do espaço doméstico, pois espelha uma atitude da unidade familiar em relação ao seu ‘território’, em relação aos elos que unem os membros que a compõem e como eles se relacionam consoante o seu papel, significando, ao mesmo tempo, um resguardo dos olhares públicos e cisão entre vida doméstica e vida pública.

2.2.3. Dimensão e Compartimentação Funcional

Além da evolução do carácter do espaço doméstico, o séc. XVIII assiste a uma inovação no interior da habitação: o aparecimento da casa de banho, como compartimento fixo e específico⁴². A dimensão da casa também se altera, tornando-se mais pequena, à medida da nova unidade familiar tipo por um lado, mas também consequência da escassez de espaço urbano, fruto do movimento migratório, repentino e em grande escala, de população do campo para a cidade, em busca de trabalho e melhores condições de vida, resultado da Revolução Industrial⁴³.

A par das alterações dimensionais e daquelas decorrentes de novas noções de conforto (pelo acesso a tecnologia doméstica), houve igualmente desenvolvimentos na organização planimétrica e funcional do espaço doméstico. Aqui vale a pena referir um momento de especial relevância, pelo carácter inovador, surgido, não na Europa, mas nos Estados Unidos, em fins do séc. XIX. Tratando-se de estudos teóricos, tiveram grande importância no desenvolvimento e evolução do projecto da habitação, tendo influenciado a arquitectura doméstica do séc. XX.

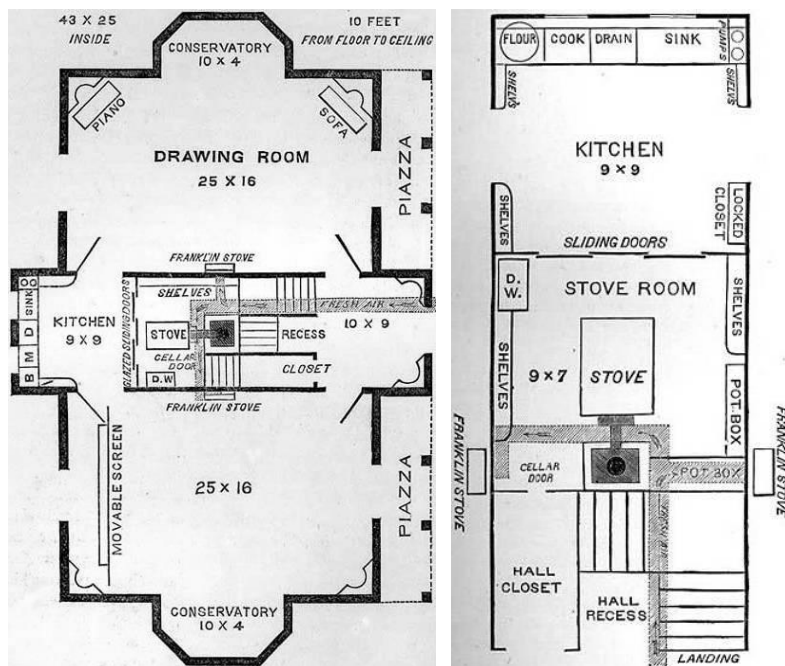
Estudiosos norte-americanos como Catherine Beecher, Christine Frederick e Eugene Gardner foram instrumentais no desenvolvimento da arquitectura doméstica no que concerne à compartimentação interior e racionalização espacial, sendo, de certo modo, precursores da 'escola' europeia dos anos 20 (Deutscher Werkbund, Ernst May, Gropius, Le Corbusier, Mies van der Rohe, entre outros), demonstrando a mesma preocupação funcionalista. Em 1841, Beecher publica *A Treatise on Domestic Economy for the Use of Young Ladies at Home and at School*, que inclui, além da estética, a faceta funcional da habitação. Segundo Rybczynski, neste tratado, Beecher exprime um ponto de vista não ouvido desde o século XVII, na Holanda – o do utilizador (Rybczynski, 2001: 159). Anos mais tarde, em 1869, em conjunto com a sua irmã, redige *The American Woman's Home*, em que preconiza interiores flexíveis que possibilitam que o mesmo espaço sirva várias funções, através de pequenas alterações⁴⁴, bem como soluções construtivas que permitem uma redução da dimensão da habitação:

Small and economical houses can be made to secure most of the comforts and many of the refinements of large and expensive ones. (Rybczynski, 2001: 161)

⁴² Reflexo de novas preocupações sociais e pessoais com a higiene.

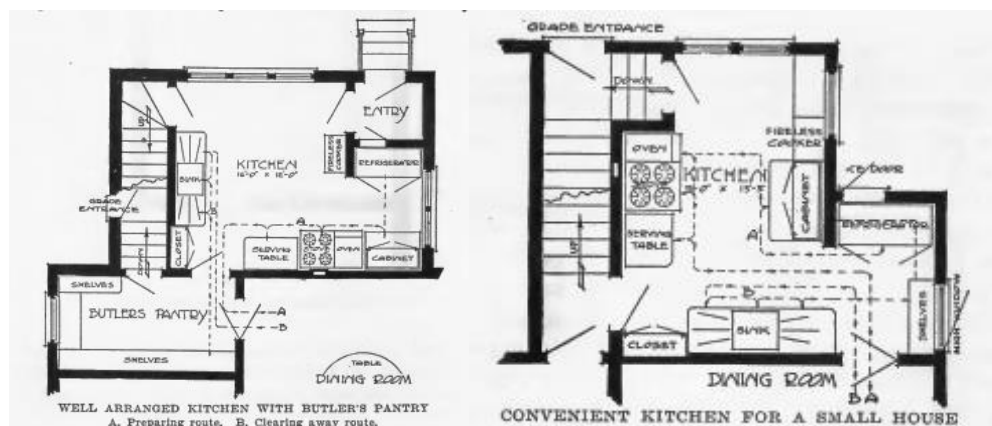
⁴³ Decorrentes, também, da Revolução Industrial foram as modificações, ao longo do final do séc. XVIII e durante o século XIX, no que diz respeito ao conforto doméstico, através do aparecimento de tecnologia doméstica (aparelhos de calefação, electrodomésticos, etc.), que vieram traduzir-se, igualmente, em alterações na estrutura do espaço doméstico.

⁴⁴ Rybczynski dá o exemplo de uma casa em que na sala de jantar é previsto mobiliário sobre rodas e que em diversas alturas do dia é preenchida com diversas actividades: à noite o armário é colocado a um canto e o espaço é utilizado como quarto; de manhã, divide-se em dois: *sitting-room* e *breakfast-room*; durante o dia, o armário é utilizado de modo a criar uma pequena área de costura e uma sala espaçosa. (Rybczynski, 2001: 161)



[4] – Planta de piso térreo de habitação apresentada por Beecher, em cuja legenda se lê: *In the description and arrangement, the leading aim is to show how time, labour and expense are saved, not only in the building, but in furniture and its arrangement.* (op. cit., p.25)

[5] – Detalhe da cozinha, estabelecendo a organização funcional dos vários elementos. C. Beecher



[6] [7] – Plantas de cozinhas e a sua distribuição funcional, *Well arranged kitchen with butler's pantry* e *Convenient kitchen for a small house*.



[8] – Plantas de habitação (Piso Térreo e Primeiro Andar): *A well arranged 'no servant' house plan*; apresentada por Fredericks. Arq. D.C. Chaffee

Algumas destas soluções economizadoras de espaço são os armários encastrados (*built-in closets*) e a concepção da instalação sanitária como um espaço único para os três equipamentos essenciais: lavatório, sanita e banheira. Esta última, apesar de ser hoje comum e um dado adquirido, é, para a altura, inovadora. De lembrar que, na Europa, à data, as habitações que gozavam de instalações sanitárias (cujo aparecimento em habitações privadas data do século XVIII, como visto anteriormente) contavam com um *water-closet* (sanita), sendo a banheira colocada no quarto ou em compartimento adjacente. A concepção americana permite a diminuição da área dos quartos ou da área relativa a outros compartimentos para colocação da banheira, tornando-se fundamental no planeamento de casas de pequena dimensão (Rybczynski, 2001: 164).

Em 1882, Eugene Gardner propõe outra solução economizadora de espaço, desta feita para a cozinha, solução essa semelhante ao que viria a ser a 'Cozinha de Frankfurt' (Giedion, 1970: 367).

Notória é, então, a preocupação com o planeamento de habitações de pequenas dimensões (para os standards da época), sendo notórias também características decorrentes dessa preocupação: a organização dos espaços ao longo de um corredor, compartimentando o menos possível o interior da casa, os pés-direitos baixos e a redução de mobiliário e ornamentação. Foram estas características que impressionaram Wilhelm Bode, historiador, que, de visita à Feira Mundial de Chicago, de 1893, comenta:

*In contrast to Germany, the modern American house is built entirely from the inside out. It not only corresponds to particular individual demands but above all to the peculiarities, customs, and needs of the Americans. That these customs are pronounced and distinctly marked gives domestic architecture in the United States a great advantage over our German Architecture.*⁴⁵

Atestando igualmente o carácter inovador da arquitectura doméstica americana desta época, Rybczynski afirma:

So many aspects of the modern home that we take for granted date from this period – the small size of the house, the correct height for work counters, the placement of major appliances to save needless steps, the organization of storage. (Rybczynski, 2001: 171).

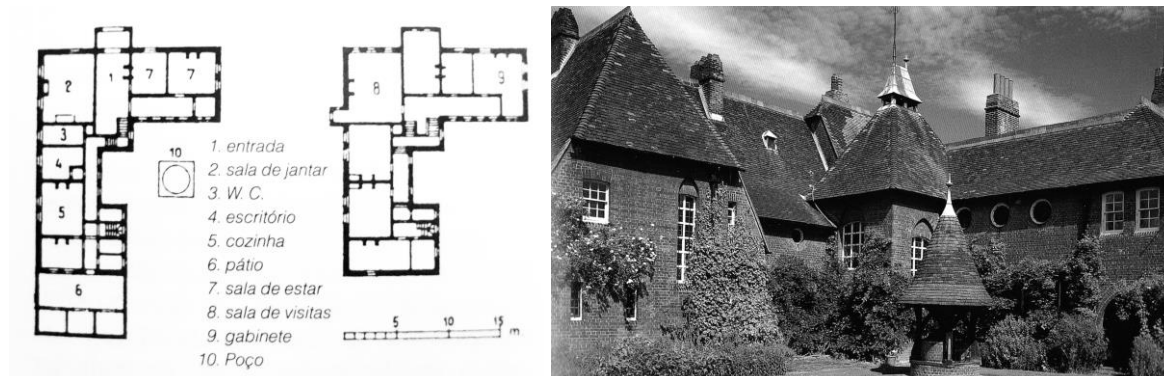
No seu artigo, Bode salienta um ponto de extrema importância quando refere que a casa americana é construída *from the inside out*, de dentro para fora, demonstrando o carácter funcionalista da arquitectura doméstica neste país. A habitação é pensada como um conjunto de espaços que servem necessidades, para cuja satisfação são adequados.

⁴⁵ 'Moderne Kunst in der Vereinigten Staaten', *Kunstgewerbeblatt* V, 1894; cit. por Giedion, *op. cit.*, p.365

2.2.4. O Despontar da Modernidade na Europa

A arquitectura doméstica adquire importância, na Europa, na Inglaterra Victoriana, no fim do séc. XIX, com destaque para o desenvolvimento funcional (um dos requisitos do funcionalismo victoriano era a separação de funções na habitação – Dixon e Muthesius, 1978) e planimétrico, patente em publicações como *The Gentleman's House; or How to Plan English Residences, from the Parsonage to the Palace*, do arquitecto Robert Kerr, 1864, um género de ‘receituário’ de arquitectura doméstica como os desenvolvidos do outro lado do Atlântico suprarreferidos.

Neste contexto, é concebida a *Red House* (1859-1860), por Phillip Webb para William Morris, um contexto marcado pelo culto da domesticidade (e no caso da *Red House*, do movimento *Arts and Crafts*, da negação da indústria e valorização do trabalho manual e técnicas tradicionais), cuja tipologia de eleição é a moradia isolada em contexto suburbano ou rural. *The house is not large; it is solid, serious and unpretentious outside. (...) Morris saw the Red House as being in ‘the style of the thirteenth century’. (...) The Red House has been talked of as a revolutionary building (...).*⁴⁶ Segundo Pevsner, que destaca o carácter despretensioso da sua arquitectura e realça a correspondência do desenho das fachadas à organização e distribuição interior⁴⁷, a *Red House (...) broke the classical mould, embraced the vernacular and paved the way for the Domestic Revival in English architecture (...).*⁴⁸



[9] [10] Plantas e perspectiva exterior da *Red House*

Este desenvolvimento de uma nova domesticidade na arquitectura motivou Hermann Muthesius a deslocar-se a Inglaterra, onde exerceu funções de adido cultural na Embaixada Alemã, pesquisando a ‘casa inglesa’⁴⁹, à qual admirava a simplicidade e racionalidade (Pevsner, 2011). Fortemente influenciado por estas características e pelos princípios orientadores do movimento *Arts and Crafts*, Muthesius retorna à Alemanha

⁴⁶ DIXON, Roger; MUTHESIUS, Stefan – *Victorian Architecture*. p.50

⁴⁷ (...) Webb was concerned to design his buildings “as they should be” from inside out. PEVSNER, Nikolaus – *Pioneers of Modern Design: From William Morris to Walter Gropius*. p.55

⁴⁸ *Idem*, p.54

⁴⁹ Tendo publicado, em 1904, o livro *Das Englische Haus*.

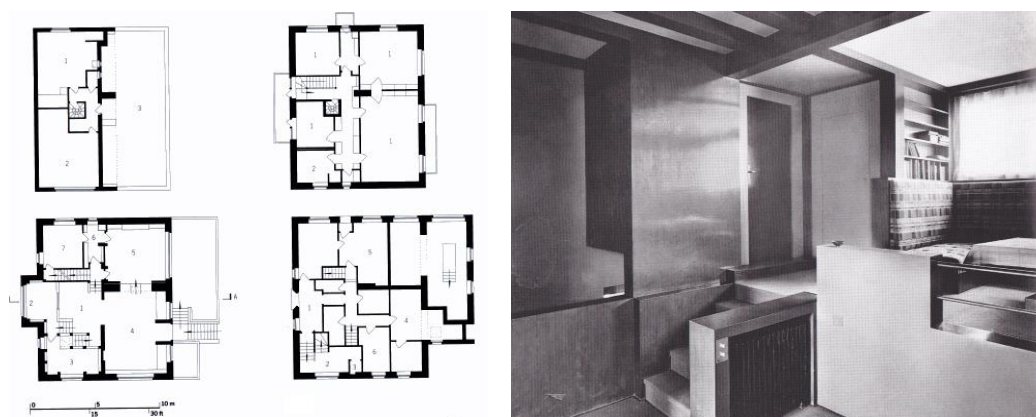
onde colabora na fundação, em 1907, da *Deutsche Werkbund*⁵⁰ e, onde procura implementar um novo conceito, fruto das características que observara ao movimento inglês: a *sachlichkeit* – objectividade e funcionalismo –, um conceito que será determinante na definição da arquitectura e da habitação do século XX e precursor do pensamento subjacente ao Movimento Moderno.

Igualmente influenciado pela cultura anglo-saxónica, Adolf Loos, arquitecto Vienaense, parece dar resposta à necessidade de objectividade na arquitectura exigida por Muthesius⁵¹, merecendo especial destaque o desenvolvimento do *Raumplan* – estudo e desenvolvimento planimétrico da habitação com base na função dos espaços e que tem como resultado o desenvolvimento da casa em níveis, diferenciando os espaços/funções pelo nível a que se encontram, manipulando também as alturas. Este ‘plano espacial’ entende a habitação como uma sucessão de espaços, criando-se um percurso, ao longo do qual as funções e o grau de privacidade se definem. *A reflexão livre no espaço, o planeamento de quartos, que se encontram a níveis diferentes e não estão limitados a um mesmo piso (...). Dependendo do seu propósito e importância, as divisões da casa não só têm diferentes dimensões mas também alturas diferentes. (...) Um único indivíduo criou os fundamentos da economia espacial: Adolf Loos. E quando antes se falava exclusivamente de uma planta, desde Loos pode falar-se de um Raumplan.*⁵² O *Raumplan* representa o despontar de um novo tipo de pensamento arquitectónico, aquele que assume a edificação como um objecto funcional (e não estético) e que concebe o traçado planimétrico como elemento crucial definidor de espaço, procurando a adequação espacial à função e conformando o desenho exterior (fachadas) ao planeamento racional interior.

⁵⁰ Uma associação de artistas, entre os quais Peter Behrens, que duas décadas mais tarde seria responsável pelo desenvolvimento de uma das urbanizações mais importantes para a evolução do espaço habitacional e da sua concepção – o complexo Weißenhof, descrito em pormenor mais à frente.

⁵¹ Autores como Frampton e Sarnitz afirmam inclusive existir influências de Muthesius e do seu *Das Englische Haus* na obra de Loos: *O típico plano irregular do ‘Neogótico’, documentado em ‘Das Englische Haus’ de Muthesius, inspirou claramente Loos em seu desenvolvimento do Raumplan (...).* (Frampton, 2000: 107); *Muitas das ideias espaciais de Loos fazem lembrar as pesquisas que Hermann Muthesius efectuou em Inglaterra e que publicou na sua obra em três volumes, ‘Das Englische Haus’ (...).* (Sarnitz, 2006: 15)

⁵² Heinrich Kulka (biógrafo de Loos), cit. por SARNITZ, August – Loos. p.13



[11] [12] Casa Möller, Viena, Adolf Loos: Plantas dos pisos e vista de interior (entrada e biblioteca)

2.2.5. Crise Habitacional, Primeiras Políticas e Alterações Sociais

Após este elenco de evoluções sucessivas, em vários tempos, do espaço interior da casa, é imperativo retomar o acontecimento da Revolução Industrial, pois teve outras consequências no que à habitação diz respeito. Tendo originado o aparecimento de novas classes sociais, a classe média e a classe operária, a industrialização é responsável pelo aumento populacional nos centros urbanos, sendo a nova classe a principal vítima da escassez e das más condições de habitações⁵³. Surge, pela primeira vez, uma crise habitacional, não só relacionada com a não existência de habitação, como também com a falta de salubridade das existentes. Alguns autores, como Karel Teige⁵⁴ e Engels⁵⁵, apesar dos anos que os separam, defendem ainda que esta crise habitacional tem também origem nas más condições laborais, nomeadamente baixos salários, que impossibilitam o acesso da população à habitação:

Basically, we are dealing here not with a shortage of apartments but with the fact that even the cheapest apartments are beyond the financial means of the proletariat (...). (Teige, 2002: 59)

The so-called housing shortage, which plays a great role in the press nowadays, does not consist in the fact that the working class generally lives in bad, overcrowded and unhealthy dwellings. This shortage is not something peculiar to the present; it is not even one of the sufferings peculiar to the modern proletariat (...). What is meant today by housing shortage is the peculiar intensification of the bad housing conditions of the

⁵³ *The rural workers had no choice but to abandon their 'native soil', leave for the cities, accept a job in a factory, and become propertyless proletarians; they were forced to exchange their old world cottage for accommodation in the city rental barracks, cut up into tiny apartments frequently located in cellars or garrets, where every cubic meter is put to maximum use and where a large family of three generations (or more than one family) had to lodge in a single room.* (Teige, 2002: 51)

⁵⁴ *Op. cit.*

⁵⁵ ENGELS - *The Housing Question*. Disponível em www.marxists.org/archive/marx/works/1872/housing-question/index.htm

workers as the result of the sudden rush of population to the big towns; a colossal increase in rents, a still further aggravation of overcrowding in the individual houses, and, for some, the impossibility of finding a place to live in at all. And this housing shortage gets talked of so much only because it does not limit itself to the working class but has affected the petty bourgeoisie as well. (Engels, 1887)⁵⁶

Dá-se, então, início ao desenvolvimento de estudos sociais com vista ao melhoramento das condições de vida nas cidades:

O começo das investigações sociais sobre a problemática da habitação pode ser situado na Europa, no séc. XIX. Estes primeiros estudos iniciaram-se motivados pela crescente sensibilidade das classes burguesas europeias pelos problemas de saúde pública e a deterioração que sofriam os valores e costumes (...). (Cortés Alcalá, 1995: 51)

(...) estudar o problema da habitação equivale a analisar o problema da habitação da classe trabalhadora. O nascimento e consolidação do proletariado urbano implicam um problema generalizado de crise de alojamento. (...)⁵⁷

Um destes primeiros estudos sobre as condições de habitabilidade é o de Jacques Bertillon, responsável pelo serviço de trabalhos estatísticos de Paris, sobre a habitação nessa cidade⁵⁸, baseado nos censos de 1891, tendo contribuído para o aumento da preocupação social com o problema da habitação operária. (Cortés Alcalá, 1995)

Além disso, a tomada de consciência das más condições de vida da classe operária e da carência habitacional nesta classe social proporcionam, ainda na segunda metade do séc. XIX, diversas operações de criação de bairros operários – o equivalente ao que hoje chamamos de habitação social –, embora de iniciativa privada, salientando-se, a título de exemplo, as *cités* operárias parisienses (Bairro de Rochechouart ou a *Cité Napoléon*, com 200 alojamentos, para 600 pessoas, em 1853) ou os diferentes conjuntos habitacionais construídos à imagem dos falanstérios de Fourier⁵⁹. A partir desta altura,

⁵⁶ Curiosamente, a solução proposta por Engels para colmatar a crise habitacional foi semelhante à adoptada mais tarde pela URSS – a espoliação de propriedades palacianas aos seus proprietários para as compartimentar e transformar em habitações colectivas comunais: *But one thing is certain: there are already in existence sufficient buildings for dwellings in the big towns to remedy immediately any real 'housing shortage', given rational utilization of them. This can naturally only take place by the expropriation of the present owners and by quartering in their houses the homeless or those workers excessively overcrowded in their former houses. (Engels, op. cit.)*

⁵⁷ Díaz Zoido, 1992, cit. por Cortés Alcalá, op. cit., p.53

⁵⁸ Essai de Statistique Comparée du Surpeuplement des Habitations à Paris et dans les Grandes Capitales Européennes, 1894

⁵⁹ Segundo Díaz Zoido, distinguem-se três tipos de intervenção na Habitação, no séc. XIX: as intervenções de preocupação higienista, apoiadas nas investigações de medicina acerca das condições de salubridade, visando criar habitações baratas e 'saúáveis'; as intervenções duras, que implicam grandes acções à escala da cidade; e as

começa a tomar forma o conceito de 'alojamento mínimo', em termos de dimensão, conforto e salubridade, em relação à habitação urbana popular, conceito que será retomado mais tarde, no séc. XX, e que terá desenvolvimento mais adiante.



[13] [14] Bairro de Rochechouart, primeiro projecto de bairro operário; Famillistério, Godin, 1872

Embora este constitua o início da aplicação da análise dos grupos e condições sociais no estudo e desenvolvimento da habitação, só mais tarde, no séc. XX, com a formalização das Ciências Sociais como disciplinas científicas, a relação entre habitação e condições sociais se torna verdadeiramente objecto de investigação⁶⁰ e os arquitectos tomam consciência da necessidade de se apoiar noutras disciplinas.

Toda a discussão pública e política em torno da crise habitacional, habitação e condições de vida, coloca o foco no tema da *habitação* (foco que tem continuidade nas primeiras décadas do séc. XX), salientando-se o seu relevo na publicação, em 1873, da *Histoire d'une Maison*, de Viollet-le-Duc e na escolha, por parte da secção de economia social da Exposição Universal, em Paris, 1889, do tema *A Casa através dos Tempos*.

De realçar é ainda outro acontecimento importante, a nível social - a discussão do papel da mulher na sociedade. Até então submissa às vontades do homem – pai ou marido – a mulher vista pelos socialistas menos tradicionalistas, saint-simonianos, deveria libertar-se e afirmar-se como igual. *A extensão dos privilégios das mulheres é o princípio geral de todos os progressos.*⁶¹ Estas correntes, e a discussão social por elas iniciada, abriu caminho ao aparecimento do feminismo, que, no séc. XX, possibilitou grandes alterações no papel da mulher na vida social (e política) e na esfera doméstica, alterações que se repercutiram no espaço da casa.

reformas – ou pela via da utopia social, como são as propostas de Fourier, ou pela via de políticas habitacionais, como o bairro e *cités* referidos. (cit. por Cortes Alcalá, *op. cit.*, p.56-59)

⁶⁰ Segundo Alcalá, Podia-se concluir que nesta primeira etapa de consideração da habitação como objecto de investigação social se produziu uma inicial tomada de consciência da gravidade que podia ter para a estabilidade social manter uma situação de vida como a que padecia a classe operária. As primeiras investigações tiveram por objectivo proporcionar um conhecimento mais preciso da situação residencial dos operários, para demonstrar a correlação entre estas condições de vida e as epidemias e enfermidades, assim como com a crise moral da qual podiam surgir conflitos sociais. Estas primeiras investigações e escritos correspondem a uma etapa que poderia denominar-se pré-disciplinária porque se realizam sem um marco teórico capaz de integrar as perspectivas parciais numa óptica mais geral que permitisse construir um objecto preciso de investigação enquadrada no seio das ciências sociais. (*op. cit.*, p.61-62)

⁶¹ Fourier, cit. por. Perrot, *op cit.*, p.101

2.2.6. A Nova Habitação: Novos Modelos para o Novo Homem

Assim, o século XX desponta com esta forte herança de grande importância para o tema da habitação: a produção teórica acerca do tema que indicia a sua relevância; a construção, de iniciativa privada, de habitações populares como resposta à crise habitacional operária; a tomada de consciência, por parte dos poderes políticos, da crise habitacional e da importância de políticas habitacionais e, não menos fundamental, o novo papel da mulher na sociedade. É nesta conjuntura que começa a surgir o interesse dos arquitectos em projectos de habitação em grande escala, por perceberem a sua importância no processo de melhoria das cidades e das condições de vida dos seus cidadãos⁶². Um desses primeiros projectos é o que Gropius apresenta a Emil Rathenau, industrial alemão, fundador da AEG (*Allgemeine Elektrizitäts Gesellschaft*): um programa para a construção de habitações operárias com componentes standardizadas – *Programm zur Gründung einer allgemeinen Hausbaugesellschaft auf künstlerisch einheitlicher Grundlage m.b.H* (Programa para o Estabelecimento de uma Sociedade de Construções Gerais numa Base Artística Unificada). Nele, pode-se ler:

Due to extensive building speculation and poor management throughout the past decades, the state of building has deteriorated, both in taste and in durability, to such an extent that the public, consciously or unconsciously, suffers under these conditions.

*(...) this company not only intends to supply its customers with low cost, well-built, and practical houses in good taste, but it also endeavors to comply with requests for individual variations, provided they do not intrude on the principle of uniformity based on industrial production.*⁶³

No entanto, as primeiras décadas do séc. XX continuam a assistir ao continuar da crise e carência habitacional, que se agrava com o evento da 1ª Guerra Mundial (1914-1918), que, além de representar uma interrupção da actividade construtiva, tem como resultado grande destruição⁶⁴, além do aumento do custo de vida, de materiais, mão-de-obra e terreno. É neste quadro que se dá início a diversas iniciativas públicas no sentido de eliminar a escassez habitacional, planeando novas zonas residenciais, controlando consequente e simultaneamente a qualidade construtiva e projectual, a salubridade e criando uma identidade e unidade formal.

Uma outra mudança tem, por isso, origem neste período: a de alteração da clientela do arquitecto, que passa a ter mais comissões públicas (de governo e

⁶² Arquitecto como artista deixa de fazer sentido; o Arquitecto passa a ter um papel e preocupações sociais.

⁶³ Gropius, cit. por Lane, p.237-240

⁶⁴ Em França, 350 mil habitações foram destruídas (Benevolo, 1971: 507); na Alemanha, em 1920, a falta de habitação era de um milhão, tornando-se a situação ainda mais gravosa nos anos que se seguiram até 1924, quando se iniciam estratégias de *re-housing*. Em 1930, o movimento de habitação cooperativo tinha já construído 650.000 habitações, alojando 2.360.000 pessoas. (Anderson, *Architecture*; cit. por Herbert in Lane p.247)

organismos públicos)⁶⁵, e na consciência do seu papel enquanto profissional com responsabilidades sociais. Estas mudanças representam uma transformação na arquitectura residencial: o foco passa a ser a habitação colectiva e a urbanização habitacional, em vez da moradia unifamiliar isolada. Consequentemente, o desenvolvimento de modelos planimétricos-tipo torna-se vital, pois não havendo um cliente concreto com exigências e gostos, é imperativo projectar para o Homem-tipo, ou como lhe viria a chamar Persico, *the Man in the tram* (o homem comum) e a família-tipo, o que representa uma evolução extraordinária.

Reacende-se, também nesta altura, a discussão acerca do papel da mulher na sociedade, no trabalho⁶⁶ e na vida familiar, tendo como modelo a imagem liberal da mulher Americana, retratada nos filmes. Esta ‘Nova Mulher’ é alvo de grande discussão na Alemanha⁶⁷, levando o estado a assumir políticas de ‘redomesticação feminina’, promovendo o trabalho doméstico como profissão equivalente ao trabalho operário masculino. A casa era vista como o ‘escritório’ da mulher, profissionalizando a esfera doméstica. (Henderson, 1996; in Lane, 2006)

A década de 20 foi especialmente importante na história e desenvolvimento da habitação. A par do desenvolvimento de urbanizações por comissão estatal e dando continuidade ao que vinha sendo praticado, efectuaram-se Exposições Internacionais, que procuravam dar a conhecer o que de melhor e mais moderno se fazia na arquitectura e nas artes, constituindo, ao mesmo tempo, propaganda de um novo estilo de vida, revelando o estilo e a habitação do homem moderno⁶⁸. O mais relevante é o facto da Casa Moderna ser o tema recorrente e quase exclusivo de tais eventos⁶⁹.

⁶⁵ Gilbert Helbert refere que esta alteração de clientela se deveu principalmente à crise habitacional que se sentia, sendo necessário voltar as atenções para a habitação colectiva (*Siedlungs*), em vez da privada e unifamiliar. (Lane, *op. cit.*, p.244)

⁶⁶ Com a ida dos homens para o combate na I Guerra Mundial, coube às mulheres ocuparem os seus postos de trabalho nas fábricas.

⁶⁷ Neste capítulo acerca de transformações sociais e do papel dos arquitectos e do projecto de habitação na sociedade, a Alemanha é de grande relevo visto ter sido palco dos principais acontecimentos e evoluções e pátria dos arquitectos mais notáveis até à subida ao poder do partido Nazi.

⁶⁸ *The aim of the method of presentation was not so much to exhibit as to demonstrate: the artists were aiming at explaining and making comprehensible to all an alternative to the traditional way of living. (...) the exhibition lost its original character of showplace for goods and was conceived – ideally – as a mechanism for influencing the visitor.* (Benevolo, 1971: 489)

⁶⁹ 1923, Weimar – Exposição Internacional de Arquitectura, organizada pela Bauhaus; destaque para a casa experimental de Georg Muche e Adolf Meyer – *Ein Versuchshaus des Bauhauses*, Weimar, am Horn

1925, Paris – Le Corbusier apresenta o pavilhão L’Esprit Nouveau e os Immeubles-Villas

1927, Estugarda – Complexo Weißenhof

1928, Berlim – Exposição *Wohnen im Grünen*;

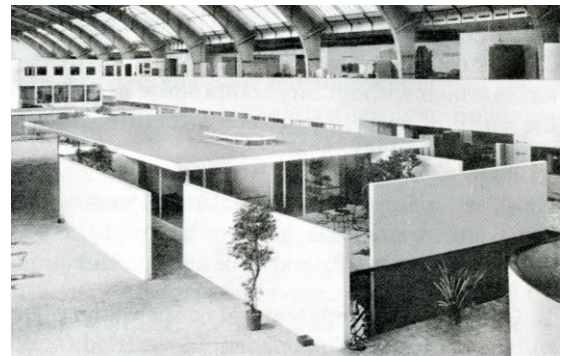
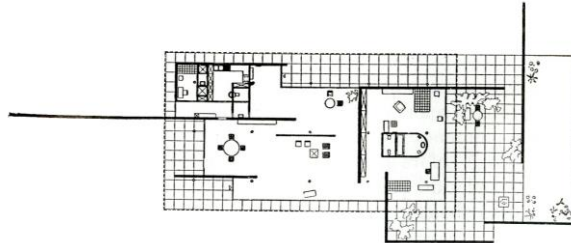
Brno, Checoslováquia – Exposição da Cultura Contemporânea, tema: *Nový Dům* (A Nova Casa)

1929, Breslau – *Wohnung und Werkraum*, iniciativa da Deutsche Werkbund, foco na *kleinstwohnung* (pequena habitação)

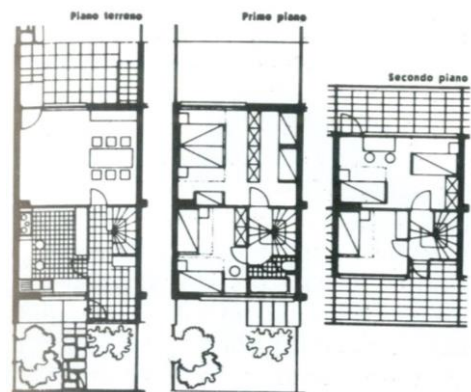
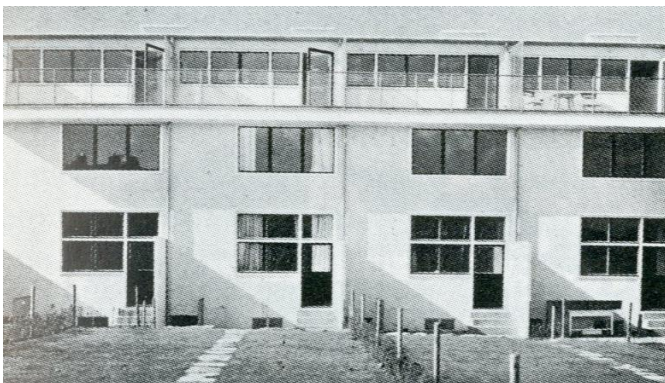
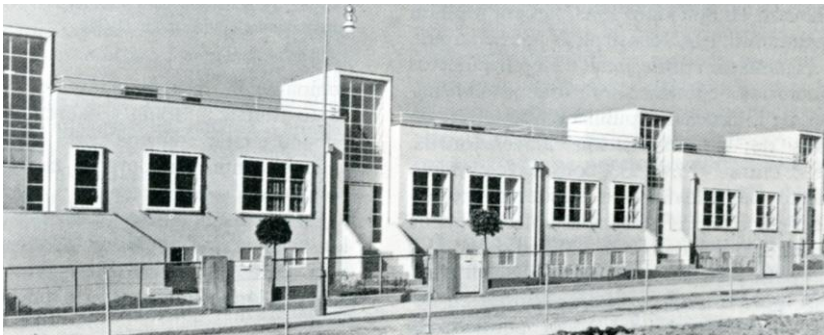
1931, Paris e Berlim – a de Berlim, *Bauaustellung* organizada pela Sociedade de Habitação Cooperativa, foi entregue a Gropius, Moholy-Nagy e Bayer (todos membros da Bauhaus), com o objectivo de mostrar ao público como humanizar o problema da habitação (Giedion, 1970: 594)



[15] [16] Pavilhão l'Esprit Nouveau, Le Corbusier, Exposição de Artes Decorativas Industriais e Modernas de Paris, 1925; *Immeuble-villas* – desenho



[17] [18] *Casa de Campo para Solteiro*, Mies van der Rohe, Exposição de Berlim, 1931: Planta e modelo (à escala real) construído no pavilhão da exposição.

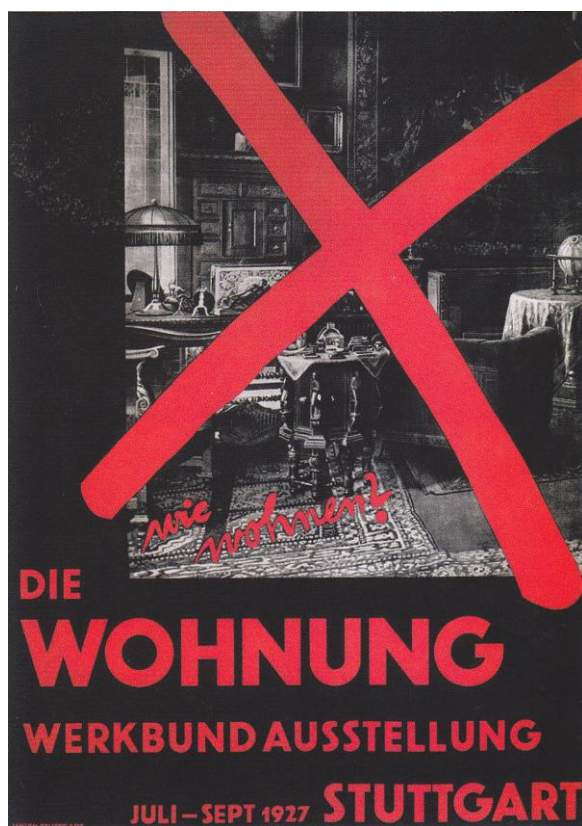


[19] Habitações de A. Lurçat, Vienna Werkbund, 1932

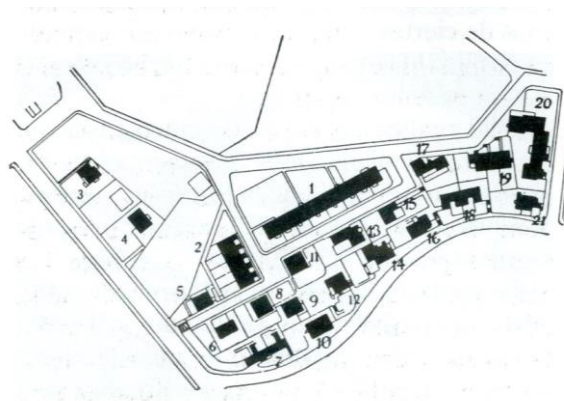
[20] [21] Habitações em banda de Rietveld para a Vienna Werkbund, 1932: Fachada e plantas

1932, Viena – organizada pela Vienna Werkbund
Praga – colónia *Baba*

Uma das exposições mais notáveis é a Siedlung de Weißenhof, em Estugarda, datada de 1927, com planeamento a cargo de Mies van der Rohe, nomeada *Die Wohnung*. O plano previa a construção de várias habitações permanentes, cada uma a cargo de um arquitecto (J. J. P. Oud, Le Corbusier, Walter Gropius, Bruno Taut, Hilberseimer, Peter Behrens, Scharoun, entre outros) e tinha como leitmotiv ‘a nova Casa’, vista como o ‘berço’ das mudanças sociais e o módulo onde a nova sociedade seria construída (Miller-Lane, 2006: 264). Foi a primeira exposição a apresentar construções reais, por oposição a pavilhões temporários e, apesar de ter como tipo dominante a moradia unifamiliar (isolada ou em banda), incluía dois edifícios de habitação colectiva, de Peter Behrens e Mies Van der Rohe, o que Teige afirma ter sido (...) *a significant achievement for this type of dwelling, so far neglected or addressed only incompletely by modern architecture*.⁷⁰ O mesmo autor classifica a exposição como um marco, (...) *the most important large exposition of modern architecture dedicated to the reform of housing of the last decade (...). (...) recognizing the reform of housing as a fundamental problem of the new architecture and making it the primarily focus of its attention*⁷¹.



[22] Cartaz da Exposição



[23] Plano de Weißenhof



[24] Fotografia de conjunto, 1927

⁷⁰ Teige, *op. cit.*, p.192

⁷¹ *Id.*, p.187-188

Benevolo e Giedion são unânimes ao considerar este complexo fundamental na história da arquitectura e da habitação:

This settlement marks the moment when contemporary architects from different countries had an opportunity to show for the first time, not by words, but by building together upon the same site, that a new approach to the housing problem had been developed. (...) The Weißenhof housing settlement was, at the same time, a living manifesto of rational planning and organization of the house interior. (Giedion, 1970: 596-599)

The Weißenhof housing settlement gives evidence of two great changes: the change from handicraft methods of construction to industrialization, and the premonition of a new way of life.⁷²

(...) may be considered as an inspiring representation of the modern city (...). (...) the public was aware, more or less confusedly, of this: this was not a collection of proposals for buildings, but a suggestion for a new concept of living, which set out to modify not only single dwellings but the whole of the urban scene. (Benevolo, 1971: 486)



[25] Casas de Le Corbusier



[26] Conjunto de Mies Van der Rohe



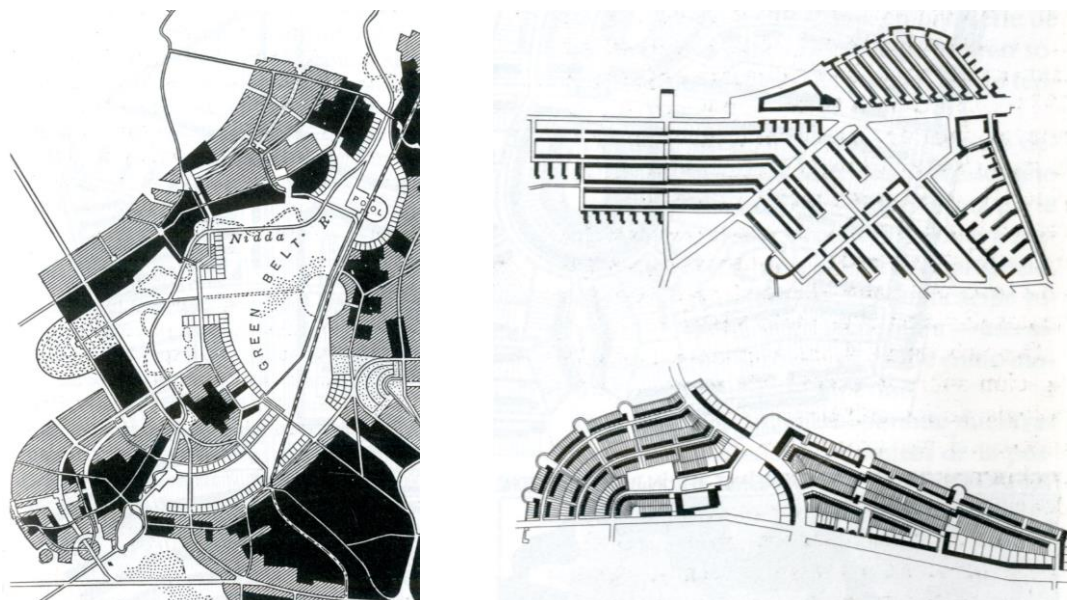
[27] Casas em banda de J.J.P. Oud



[28] Conjunto de Peter Behrens

⁷² Siegfried Giedion, *L'Exposition du Werkbund à Stuttgart 1927* e *'La Cité du Weißenhof'*, in *Architecture Vivante*, Paris, 1928, citado pelo próprio

De facto, o novo conceito de vida⁷³ de que falam Benevolo e Giedion toma forma, contemporaneamente, numa cidade perto de Estugarda – Frankfurt – pela mão de Ernst May, encarregue do Departamento de Habitação e Planeamento Urbano, onde formula um plano que visa eliminar a crise habitacional da cidade em dez anos, de 1925 a 1935⁷⁴. Este plano definia a criação de três *siedlungs* – Niddatal e Praunheim (764 habitações), Hedderheim (1500 habitações) e Ginnheim (84 habitações); Riederwaldkolonie e Rottenbush Bornheimer Hang Siedlung (1496 habitações); Bruchfeldstraße, em Niederrad (650 habitações), das quais, as habitações do vale do Nidda (projecto de 1925/26, construção 1928/29) são as que melhor representam os princípios da nova arquitectura para um novo modo de vida – a nova *Wohnkultur*. (Quiring *et al.*, 2011: 53-56) Uma das inovações deste processo construtivo foi a utilização de dispositivos de expropriação de terrenos e compra por parte do estado de outros, de modo a dispor de superfície suficiente. *Of all the German (and on the whole, West European) cities, the largest-scale, most comprehensive, and best planning methods were applied to the expansion of Frankfurt am Main and its new residential districts. (...) These remarkable planning and construction activities, organized by Ernst May, drew the attention of the whole world to the accomplishments of the Frankfurt 'siedlungs-politik' and significantly influenced the course of modern architecture.* (Teige, 2002: 205)



[29] [30] Plano geral do vale do Nidda; Planos de Heimatsiedlung e Römerstadt

⁷³ Notório nos *slogans* 'o novo homem', 'a nova mulher', 'nova Frankfurt', 'nova Berlim', 'a nova Alemanha', 'a nova habitação' (esta última torna-se título de um livro de Bruno Taut, publicado em Leipzig, em 1924 – *Die Neue Wohnung*).

⁷⁴ Este plano não é, no entanto, bem sucedido, falhando da erradicação da crise habitacional, sobretudo a partir do 5º ano da sua implementação (1929), por razões económicas. Teige atribui este fracasso o facto de ser um programa composto por habitações unifamiliares e não colectivas, cuja relação custos de construção-número de habitações seria mais viável económica e socialmente.



[31] [32] [33] Habitações da *Siedlung* de Praunheim: Fachadas e Plantas



[34] [35] Habitações da *Siedlung* de Römerstadt (fachada principal e tardoz)



[36] [37] Habitações em Niederrad, Bruchfeldstraße

O programa da nova Frankfurt retoma o conceito de ‘habitação mínima’, referido anteriormente, baseando-se inicialmente (plano de Römerstadt e Praunheim) na construção de habitações pequenas, unifamiliares (que May considerava o tipo ideal), com 40 m² ⁷⁵, à medida e imagem do modelo familiar tradicional (casal com ou sem filhos⁷⁶), que primam pela racionalização dos interiores, em termos de áreas e organização funcional, sendo nesse aspecto que reside a sua importância na evolução da

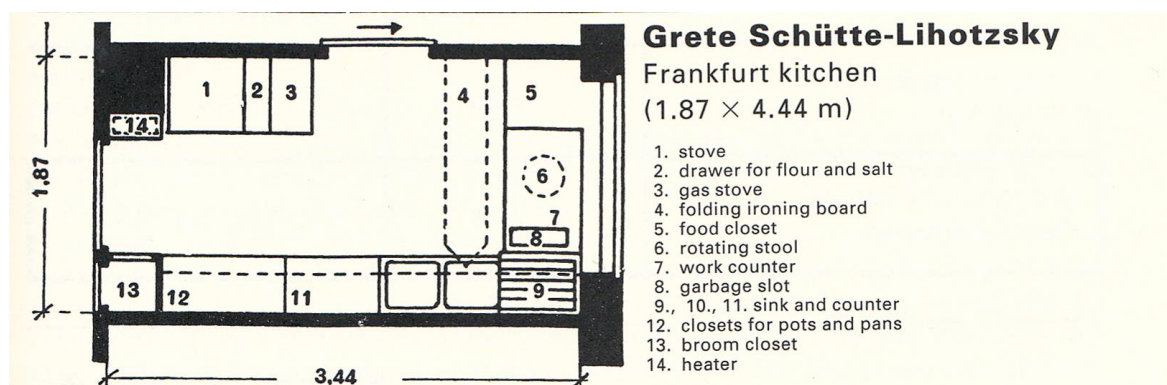
⁷⁵ Considerado por May *minimum for an average family household in a minimum dwelling*. (Teige, 2002)

⁷⁶ As normas do plano definiam que para um casal sem filhos se adequava uma habitação com sala e um quarto, enquanto que para um casal com filhos se previa uma casa de 44m², com três a quatro divisões.

habitação⁷⁷. Todo o projecto da habitação era encarado como desenho 'científico', com equipamento e mobília racional, recorrendo à standardização.

Paradigma desta racionalização e porta-estandarte da nova arquitectura é a cozinha de Frankfurt, desenvolvida por Margarete Schütte-Lihotzky, convidada, em 1925, a fazer parte da equipa de May⁷⁸. A sua cozinha, inspirada na produção industrial de *galleys* de navios e cozinhas de comboios, é exemplar em aproveitamento de área e arrumação, sendo o epítome da verdadeira racionalização aplicada ao projecto doméstico:

*The Frankfurt Kitchen was the realization of the kitchen as a machine. (...) Its tiny plan of 1.90 by 3.44 meters was 'scientifically' calculated as the optimal dimensions by which every movement was totally efficient and every operation coordinated.*⁷⁹



[38] – Esquema distributivo da Cozinha de Frankfurt



[39] [40] [41] Interior da Cozinha de Frankfurt

⁷⁷ Retomando os princípios e ideais dos engenheiros domésticos americanos das últimas décadas do séc. XIX.

⁷⁸ Até essa data, Lihotzky trabalhava com A. Loos, em Viena, quando este assumiu a liderança da Autoridade para a Habitação da cidade, e para ele desenhou habitações e novas instalações domésticas – *With Loos, Lihotzky shared both political outlook and an interest in the economizing strategies of rationalization – the reduction of living spaces to their smallest functional component.* (Susan Henderson, in Lane, op. cit., p.250)

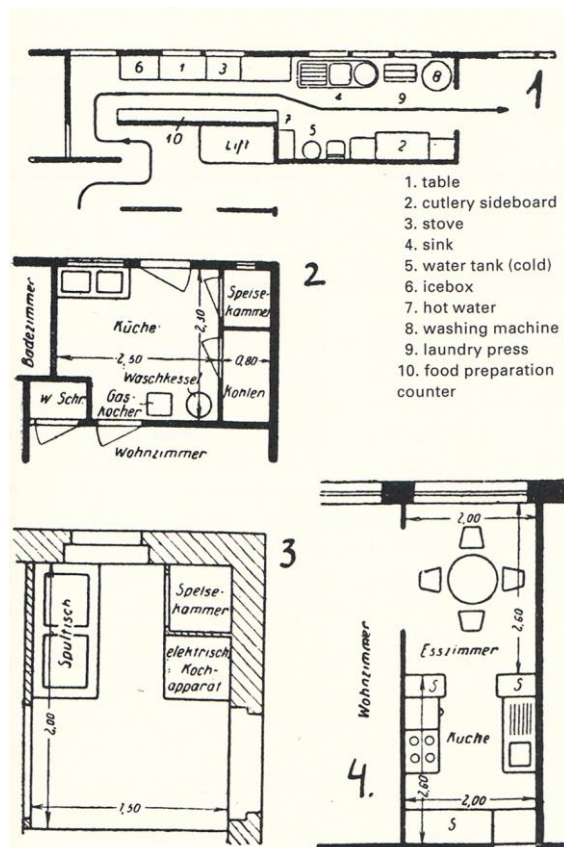
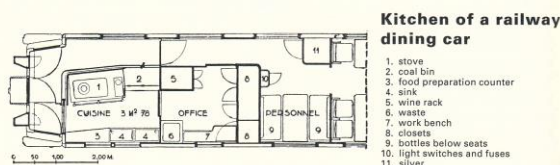
Antes ainda de integrar a equipa de May, já em 1921, desenvolvera uma cozinha modular montada em fábrica e colocada no local por meio de grua, projecto divulgado na revista *Schlesisches Heim*, dirigida por May.

⁷⁹ Susan Henderson, in Lane, op. cit., p.251

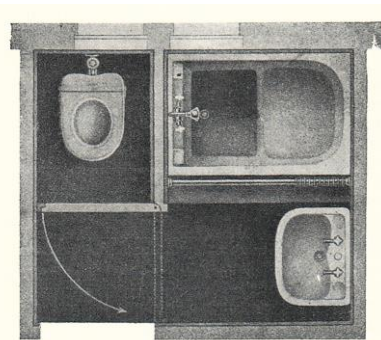
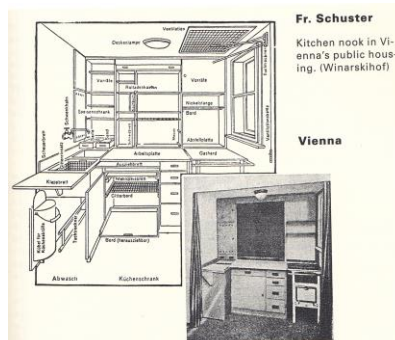
Aliás, não só em Frankfurt, mas na arquitectura doméstica moderna em geral, a cozinha passou a ser encarada como um espaço fortemente funcional, especializado, como um laboratório ou uma pequena fábrica, servindo apenas uma função – a de preparação de alimentos. A redução da sua área, imprescindível na redução da área total da habitação, deve-se à racionalização do equipamento⁸⁰.

Também as instalações sanitárias mereceram desenvolvimento, procurando soluções que permitissem, também, reduzir as suas dimensões, originando a *camera-bad*.

Kitchen		
Type	Area m ²	Average number of daily meals
in urban apartments during the 19th century	ca. 25	4–10
in common and medium apartments	ca. 11.50	2–6
standardized American	8.91	2–6
standardized Belgian	8.65	2–6
standardized Stuttgart	8.60	2–6
standardized Frankfurt First Phase	6.43	2–6
standardized Frankfurt Second Phase	5.50	2–6
standardized Berlin (R ² = Kitchen)	4.50	2–6
Kitchen of a railway restaurant car	3.78	100–150!!!



[42] [43] Tabela com comparação de áreas de cozinhas e várias propostas de organização de cozinha: 1. B. Fuchs (cozinha e lavandaria); 2. Cozinha standard alemã (6.25m²); 3. Cozinha standard inglesa; 4. Cozinha americana



[44] [45] – Cozinha em Viena; *Camera-bad*

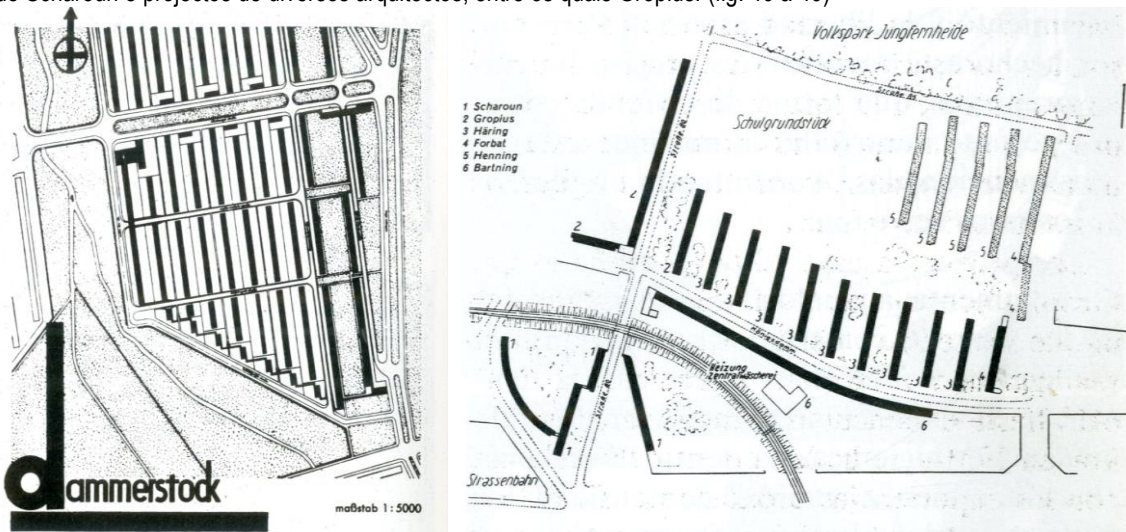
⁸⁰ Este facto é comum ao longo dos tempos: com a especialização dos espaços vem a diminuição da sua área, sobretudo no caso dos espaços funcionais (cozinha, instalações sanitárias).

Todo este novo modo de vida e arquitectura foram habilmente difundidos e propagandeados através da publicação da revista *Das Neue Frankfurt* – A Nova Frankfurt – e exibição de filmes documentais e educativos – *Neues Bauen in Frankfurt am Main* (Nova Construção em Frankfurt am Main), *Die Frankfurter Kleinstwohnung* (A Habitação Mínima de Frankfurt), *Die Frankfurter Küche* (A Cozinha de Frankfurt), *Die Häuserfabrik* (As Casas-Fábrica) e *Ein Wohnhaus in Ginnheim bei Frankfurt* (Uma Casa em Ginnheim, Frankfurt). Esta divulgação pretendia cativar os habitantes, disseminando a *wohnkultur* apregoada, fazendo-os querer adoptar aquele novo estilo de vida e habitar a nova cidade⁸¹, à semelhança das Exposições Internacionais, como a de Weißenhof.

Tanto Weißenhof como a Nova Frankfurt são de extrema importância nesta contextualização histórica da evolução do projecto doméstico. São várias as razões: a primeira, o facto de constituir um corte completo com a arquitectura doméstica praticada até então, em grande parte devido ao facto de ser feita por arquitectos, especificamente para conter a função do habitar, requerendo, por isso, um pensamento profundo acerca de cada espaço e de cada função; além disso, e mais concretamente no caso de Frankfurt, porque procura dar resposta a necessidades reais de habitação, sendo as casas projectadas tendo em mente as famílias que as iriam habitar. É esta diferença que distingue, de certa maneira, as duas operações – Weißenhof é criada essencialmente como exposição e propaganda, compondo-se principalmente de moradias unifamiliares, enquanto a Nova Frankfurt procura resolver as carências habitacionais da cidade, dando ênfase às necessidades de habitação⁸², originando um novo pensamento em relação à

⁸¹ That this architecture was intended to create a new lifestyle among its residents is also proven by the educational films of the New Frankfurt. (Quiring et al., 2011: 65)

⁸² Contemporaneamente ao desenvolvimento de Frankfurt e concebidas com o mesmo fim – a resposta às carências habitacionais –, destacam-se as urbanizações de Dammerstock (1928-1929) e Siemensstadt (1929-1930; integrante do Plano Suplementar de Habitação estatal), a primeira desenvolvida por Gropius (por concurso) e a segunda com plano de Scharoun e projectos de diversos arquitectos, entre os quais Gropius. (fig. 46 a 49)



[46] [47] Planos de Dammerstock e Siemensstadt

habitação – a habitação mínima. De facto, a preocupação com a criação de habitação de modo a suprir todas as necessidades aliada à procura da máxima racionalização interior resulta nesta concepção. No entanto, habitação mínima não equivale necessariamente a áreas mínimas, embora, nalguns casos tenha tido esse resultado⁸³, mas sim à avaliação e percepção do mínimo indispensável, de um modo racional, que permita o uso confortável da habitação⁸⁴:

*Dwelling design at Frankfurt was thoroughly standardized and great effort was expended to achieve the minimal dwelling that would permit a good way of life, but would also hold costs down. (...) Furniture was standardized and ingenious arrangements of slide-away or fold-up beds and tables made possible a maximal use of space*⁸⁵.

Foi este desenvolvimento, nomeadamente a noção de habitação mínima, que suscitou o interesse dos CIAM (Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna) e do seu órgão executivo, o CIRPAC (*Comité International pour la Résolution des Problèmes de L'Architecture Contemporaine*), que escolheu para palco do seu segundo encontro, em 1929, a cidade de Frankfurt e como tema o conceito de habitação mínima como ponto de partida na discussão de habitação subsidiada – *Die Wohnung für das Existenzminimum*. Neste congresso foi a primeira vez que arquitectos procuraram relacionar aspectos sociológicos com o problema da habitação⁸⁶, fundamentando-se em observações estatísticas e outras análises, como a de peritos de sanidade, segundo os quais se poderia reduzir a área da casa, desde que se valorizasse, além da organização funcional, a iluminação, ventilação e exposição solar. (Benevolo, 1971: 535-536)

A questão da habitação passa a ser entendida como uma questão social (como aliás preconizara Engels) a partir do primeiro encontro do CIAM, constando da declaração de princípios, redigida por Le Corbusier, o seguinte:



[48] [49] – Habitações de Gropius para Dammerstock e Siemensstadt, respectivamente

⁸³ Sobretudo a partir de 1929, conforme referido, data a partir da qual se deu início à construção de habitações com 36m² e 30 m² (Siedlung Mammolsheiner Straße).

⁸⁴ São aqui lançadas as bases para o processo de desenvolvimento e projecto da habitação social, relevante sobretudo na segunda metade do séc. XX.

⁸⁵ Lane, *op. cit.*, p.263

⁸⁶ *The minimum dwelling has become the central problem of modern architecture and the battle cry of today's architectural avant-garde.* (Teige, *op. cit.*, p.1)

O primeiro congresso convoca-se com a intenção de estabelecer um programa geral de acção que tenha como objectivo arrancar a arquitectura do impasse académico, situando-a no seu verdadeiro contexto económico e social.⁸⁷

Nesse primeiro congresso, Le Corbusier adianta ainda: *Le problème de l'architecture est aujourd'hui à la base de l'équilibre social.*⁸⁸ No entanto, vê o seu projecto para os *immeubles-villas* ser criticado por Teige, por constituir *um aglomerado de unidades simples, de casas*, defendendo este último que a arquitectura de habitação deve seguir a via cooperativa, de habitações colectivas, dotada de equipamentos colectivos (restaurante, biblioteca, etc.), projectadas para diferentes modelos familiares (incluindo pessoas sozinhas)⁸⁹. É, também, neste encontro que é dado a conhecer o trabalho do grupo alemão *Der Ring* (Bartning, Behrens, Gropius, Häring, Hilberseimer, Mendelsohn, Mies van der Rohe, Poelzig, Bruno Taut, Max Taut), anterior aos planos de Weißenhof e Frankfurt, centrado no desenvolvimento de políticas municipais de habitação, desenvolvidas na Alemanha no período entre guerras. Uma das medidas tomadas foi a criação de fundos estatais para a construção de habitação social – 10000 habitações, previstas para Berlim, de 1924 a 1926. Nos anos seguintes, (...) *com intenção de reduzir custos e conscientes que para produzir habitações económicas era necessário renovar tipologicamente as mesmas, estabeleceram-se opções mais funcionais e de menos superfície. A 'habitação pequena' (kleinwohnung) não significava reduzir a escala do modelo burguês mas sim propor uma reflexão sobre os espaços existentes, procurando racionalizar o espaço da habitação (...).*⁹⁰ É neste espírito que Tessenow (posteriormente membro do grupo *Der Ring*), reflectindo acerca da *Wohnkultur*, propõe soluções de mobiliário embutido no projecto da habitação e que Alexander Klein propõe *Novos Métodos de Investigação sobre Plantas de Habitações Pequenas*. Com este método de racionalização da habitação, apresentado pela primeira vez no artigo *Grundrissbildung und Raumgestaltung von Kleinwohnungen und neue Auswertungsmethoden*⁹¹, publicado em Berlim, em 1928, Klein advoga uma optimização do espaço habitacional, procurando demonstrar que *uma oportuna redução da habitação, como parece exigir a nossa situação económica actual, não deve acarretar necessariamente como consequência um piorar das condições de habitabilidade*⁹². O método (fig.50) pressupõe diversas fases, encabeçadas pela clarificação dos problemas de carácter geral – questões gerais (circunstâncias familiares, modos de vida, condições

⁸⁷ *L'Habitation Minimum*. p.21

⁸⁸ Cit. por Steinmann, in *L'Habitation Minimum*. p.27

⁸⁹ Mais tarde, esta crítica veria resposta na *Unité de Habitation*, em Marselha.

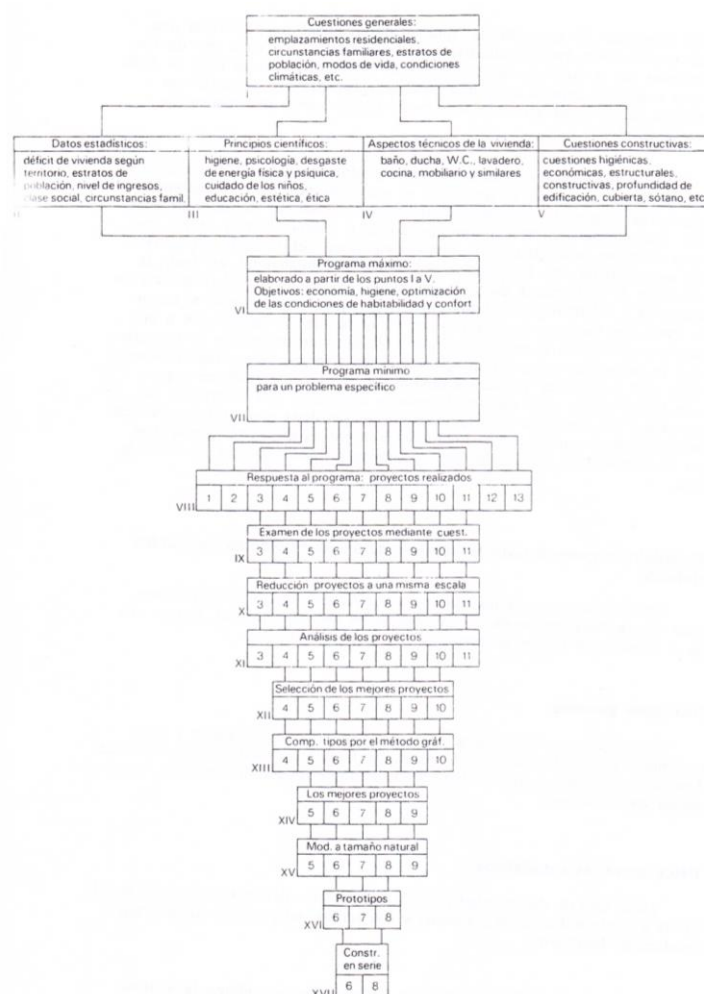
⁹⁰ *L'Habitation Minimum*. p.34

⁹¹ *Elaboração de Plantas e Configuração de Espaços em Habitações Pequenas e Novos Métodos de Valoração*

⁹² KLEIN, Alexander – *Vivienda Mínima:1906-1957*. p.81

climáticas, etc.), dados estatísticos (défice de habitação por estratos e classes sociais e modelos familiares), princípios científicos (higiene, psicologia, educação, estética, etc.), aspectos técnicos da habitação e questões construtivas. A partir destas premissas, e tendo em mente a necessidade de economia, higiene e de optimização das condições de habitabilidade e conforto, é elaborado um conjunto de soluções tipológicas mais adequado aos programas e objectivos definidos. Estes projectos são então alvo de um exame preliminar, baseado num questionário prévio em que são avaliadas, quantitativamente, superfícies da habitação e a relação entre elas e, qualitativamente, por meio de sinais positivos ou negativos (fig. 51), outros aspectos projectuais, procurando obter um total o mais próximo de 100% (valor correspondente a um projecto perfeitamente eficaz)⁹³.

Com este método, Klein, cujos esquemas seriam retomados por Gropius, *definía a ideia de Existenzminimum que se debateria em Frankfurt*⁹⁴.



[50] Alexander Klein – Organigrama do método de investigação

⁹³ Este método dos sinais pode ser utilizado não só como meio de avaliação de uma solução tipológica mas também como ferramenta de aperfeiçoamento de um determinado projecto.

⁹⁴ *L'Habitation Minimum*, p.38

[illegible]

[51] Alexander Klein – Tabela de avaliação com método dos sinais

Como já referido, o segundo encontro do CIAM centrou-se na experiência alemã, no problema da habitação mínima, focando o trabalho desenvolvido por May e pela cooperativa berlinesa de habitação – GEHAG – *Gemeinützige Heimstätten-Aktiengesellschaft*. (...) a célula era o objecto de reflexão e, acima de tudo, a sua organização e distribuição. (...) O que se procurava era standardizar não um tipo concreto de edifício mas definir o conceito mínimo da célula.⁹⁵ Na sua intervenção, de carácter geral, Siegfried Giedion discorre sobre o tema escolhido, enunciando alturas em que já havia sido discutido, situando o início da crise habitacional na industrialização e defendendo que o problema da habitação deve ser multidisciplinar, incluindo o trabalho de higienistas, sociólogos e economistas, e se deve basear em métodos mais científicos.

Além da de Giedion, foram feitas outras cinco intervenções:

- . Habitação para o Mínimo Nível de Vida (*Die Wohnung für das Existenzminimum*), Ernst May (arquitecto responsável pelo gabinete municipal de Frankfurt);
- . Bases Sociológicas da Habitação Mínima para a População Urbana (*Die Soziologischen Grundlagen der Minimalwohnung für die städtische Bevölkerung*), Walter Gropius;
- . Análise dos Elementos Fundamentais do Problema da Habitação Mínima

⁹⁵ *L'Habitation Minimum*. p.46-47

(*Analyse des Éléments Fondamentaux du Problème de la 'Maison Minimum'*), Le Corbusier e Pierre Jeanneret;

. A Organização da Habitação Mínima (*L'Organization de l'Habitation Minimum*), Victor Bourgeois;

. Regulamentos Construtivos e Habitação Mínima (*Bauvorschriften und Minimalwohnung*), Hans Schmidt-Basel.

De todas, a mais interessante e pertinente para o presente trabalho é a de Walter Gropius, embora seja de especial relevo parte da intervenção de Le Corbusier, em que este afirma que *O desenvolvimento doméstico consiste numa sucessão regular de funções precisas. A sucessão regular daquelas funções constitui um fenómeno de circulação. A circulação exacta, económica e rápida é a chave da arquitectura contemporânea. As funções precisas da vida doméstica exigem diversos espaços cuja capacidade mínima pode ser fixada com bastante precisão; em cada função é necessária 'uma capacidade mínima tipo', característica, standard, necessária e suficiente (escala humana).*⁹⁶ Esta visão da arquitectura é de extrema importância e reflecte a preocupação acerca das necessidades humanas no projectar da habitação, *i.e.*, o projecto da habitação, para ser o mais adequado, racional e funcional possível, deve ter em conta a quem se destina e quais as necessidades reais dos seus moradores. É também importante o reconhecimento do espaço habitacional como um conjunto de funções precisas, identificáveis e universais. Com esta frase pode-se considerar Le Corbusier precursor dos estudos de sociologia da habitação de Chombart de Lauwe e, no panorama português, dos trabalhos de Nuno Portas para o LNEC acerca das funções e espaços do habitar, dos quais se falará mais à frente.

A intervenção de Gropius, centrada no problema da habitação mínima (como as restantes, obedecendo ao tema do congresso) é de grande relevância, não tanto pelas resoluções acerca desse tipo de habitação, mas devido às análises por ele feitas e preconizadas com vista à adequação do projecto às necessidades dos habitantes, método que pode ser transposto para a problemática da habitação em geral, sendo válida nos dias de hoje e que se aproxima da metodologia de trabalho proposta nesta dissertação. Deste modo, Gropius apoia-se no estudo de factores sociais⁹⁷, numa análise de dados estatísticos⁹⁸ e na interdisciplinaridade (consultando higienistas como Vogler) para melhor suportar as suas conclusões acerca da habitação adequada ao seu tempo (ou ao seu futuro próximo), centrando-se principalmente nas condicionantes sociais e

⁹⁶ *Id.*, p.80

⁹⁷ A progressiva individualização; a redução da importância da família e, por conseguinte, da sua dimensão; a emancipação da mulher e sua entrada no mercado de trabalho.

⁹⁸ Aumento do número de divórcios; aumento gradual de agregados familiares; aumento do número de mulheres empregadas; número médio de quartos nas habitações, com maior relevância para as de menor dimensão (46%).

suas alterações⁹⁹. Todos os elementos analisados permitiram a Gropius concluir que a habitação mínima era uma necessidade – a família diminui de dimensão e aumentam os agregados individuais, logo as dimensões da habitação devem ser revistas e reduzidas; aumenta o número de mulheres empregadas, determinando a redução do trabalho doméstico, pelo redimensionamento da habitação e pela racionalização do equipamento e das tarefas. Este redimensionamento, segundo Gropius, não pode ser leviano, mas sim sustentado pelas alterações sociais: *Primeiro há que clarificar factos sociológicos de maneira a que o mínimo ideal de uma necessidade básica, a habitação, e o custo mínimo da sua produção possam ser alcançadas. (...) O programa para a habitação mínima não pode ser resolvido simplesmente reduzindo o apartamento maior e convencional em área e número de divisões. É necessário uma nova fórmula, baseada no conhecimento de exigências naturais e sociológicas mínimas (...). Devemos tentar estabelecer standards mínimos para todos os países, baseados em factos sociológicos e condições geográficas e climáticas.*¹⁰⁰

Ao terminar a sua intervenção, Gropius vinca a necessidade de cada indivíduo dever ter o seu próprio quarto, privado e individual e faz a apologia do edifício de habitação colectiva como o mais adequado às necessidades das novas famílias¹⁰¹. Estas duas concepções – valorização da individualidade e elevação da habitação colectiva – são também defendidas por Karel Teige, encarregue pelo CIRPAC de redigir um relatório acerca do panorama europeu de habitação mínima, a apresentar no III CIAM, em Bruxelas, sob o título *Die Wohnung für das Existenzminimum* (A Habitação para o Nível Mínimo de Vida; o mesmo título da comunicação de E. May no segundo encontro), cujas conclusões¹⁰² Teige incluiu, posteriormente, uma publicação – *The Minimum Dwelling* (Habitação Mínima) – onde disserta acerca deste conceito de habitação, a crise habitacional e suas causas, a cidade e habitação contemporâneas e o futuro da habitação. Nesta obra, Teige defende amplamente a problemática da habitação como

⁹⁹ Determinação destas alterações na sociedade deve ser o ponto de partida de qualquer trabalho neste congresso. A compreensão do desenvolvimento evolutivo dos processos biológicos e sociológicos deve levar à definição desta tarefa; só depois disto será possível resolver a segunda parte do problema: o estabelecimento de um programa prático para a realização da habitação mínima. Intervenção de Gropius no II CIAM, *L'Habitation Minimum*. p.67

¹⁰⁰ Intervenção de Gropius no II CIAM, *Id.*, p.73

¹⁰¹ (...) o grande edifício de habitação colectiva satisfaz melhor as exigências sociológicas das populações industriais contemporâneas, com a crescente autonomia do indivíduo e a separação dos filhos da família. Intervenção de Gropius no II CIAM, *L'Habitation Minimum*. p. 75

¹⁰² Baseado no relatório, o CIRPAC emitiu a seguinte declaração:

1. *The majority of city dwellers lack healthy homes.*

2. *In the majority of countries the current state (of housing) is considered inadequate (the exceptions are United States and Hungary).*

A declaração continua enumerando os obstáculos à construção racionalizada – legislação inadequada e propriedade fragmentada de terra; restrições de cércas em zonas urbanas, limitando os edifícios por número de andares em vez de na densidade populacional; protecção histórica de monumentos; falta de interesse das autoridades na habitação experimental como realizada noutros países. (Teige, 2002: 96-97)

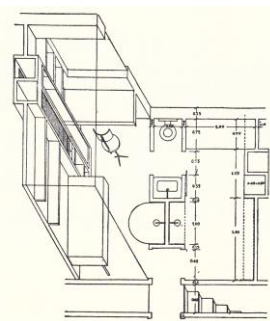
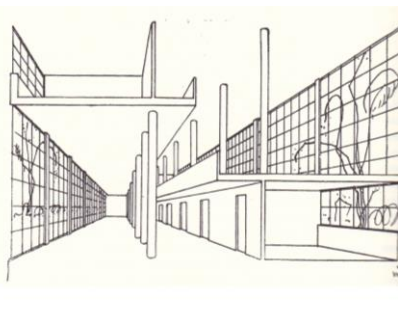
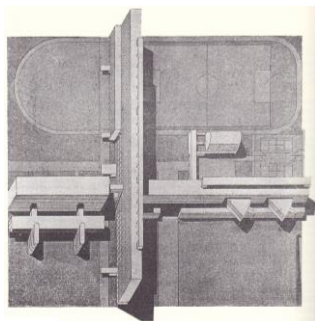
uma questão social, complexa e fundamental, criticando períodos, soluções ou arquitectos que não procuraram resolver o problema social ou cujos projectos se revelaram inadequados à população a que se destinavam (Teige defendia que o modelo familiar tradicional não era predominante na sociedade contemporânea e criticava os projectos de habitação subsidiada que nele se baseavam, sem ter em conta as alterações familiares, partindo do padrão da família burguesa). Para ele, a qualidade da arquitectura deveria ser avaliada segundo critérios baseados na resposta competente às necessidades da vida e sociedade modernas e não segundo critérios estéticos ou de acordo com o talento do seu autor: *Today, a house or any other product of design is admired by the educated primarily as a manifestation of the talent of its author, rather than for its own sake. The assumption that artistic quality and artistic talent alone should be honored as contributing to human progress is fundamentally wrong and essentially narrow-minded. (...) Quality becomes of true service only when it is situated correctly socially and in the right place. (...) The real value of an architectural work should be judged by its socially beneficial results and not by formal appearance and pompous monumentality.* (Teige, 2002: 183) Teige acreditava que a arquitectura se poderia tornar numa ciência que mudaria o mundo. Para tal, deveria fundamentar-se noutras disciplinas (sociologia, economia, medicina, política) e perceber a sociedade moderna, apoiando-se em dados estatísticos (à semelhança do que Gropius propusera na sua intervenção no II CIAM): *Essentially, the housing question is a problem of statistics and technology, as is any question concerning the provision and satisfaction of human needs (...). (...) Statistics measure and evaluate housing needs, determine the likely deficit of dwellings and square meters of dwelling area, and thereby represent the magnitude of unsatisfied demand.* (Teige, 2002: 9) Baseando-se nesses dados e nas alterações sociais que observava – emancipação da mulher, alteração dos padrões familiares e crescente relevância do agregado individual – propõe dois passos a cumprir na criação de habitação mínima racional: a formulação do programa habitacional de acordo com as mudanças no estilo de vida, horário de trabalho e condição familiar; encarar o projecto da habitação não como redução do apartamento burguês, mas como um novo modelo, com *standards* que permitam a satisfação de todas as necessidades humanas.

Em *The Minimum Dwelling*, Teige faz ainda uma retrospectiva da história recente da habitação, do séc. XIX aos seus dias, realçando as urbanizações modelo construídas para as exposições de Arquitectura e a Casa moderna. Neste capítulo, analisa em pormenor os novos espaços da nova habitação, nomeadamente a cozinha¹⁰³ e o

¹⁰³ *The kitchen is the nerve center of the apartment-household. It is best designed and most rationalized room of the modern house, simply because as a place of production, a workshop, or a miniature factory, it was the most obvious place to apply the organization experiences of modern factory production methods (...).* (Teige, 2002: 221)

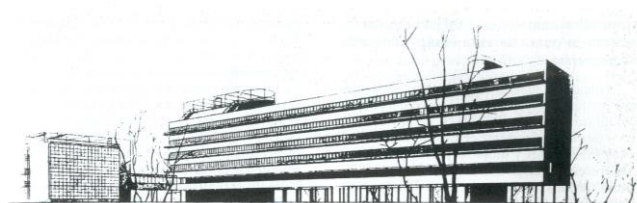
quarto¹⁰⁴, para os quais defendia como modelos o vagão-restaurante de comboio e a cabine de transatlântico ou compartimento-cama de comboio, respectivamente, e faz um resumo das reformas que se operaram no projecto da habitação – a abertura da planta rígida, através da estrutura em betão armado ou aço¹⁰⁵; o redimensionamento de espaços, aumentando a zona colectiva de estar como central e reduzindo os restantes espaços segundo as suas funções; e a separação e especialização taylorista de espaços por funções e usos: técnicas/estar, zonas comuns/zonas privadas e/ou individuais. *The primary aim was to transform the apartment in accordance with the requirements of utilitarian factors, studying its characteristics just as one would study the organization of a factory or a railroad terminal: the private house has to be conceived as a machine for living¹⁰⁶ and the apartment house as a factory for dwelling.* (Teige, 2002: 232)

No último capítulo do livro ('Toward New Forms of Dwelling'), Teige apresenta a solução que, na sua opinião, melhor resolve o problema da habitação mínima – a habitação colectiva comunal, edifícios como a Dom-Komuna, uma 'colmeia' de células individuais, nos quais cada agregado possui uma célula mínima, reduzida ao mínimo indispensável, e as actividades não privadas são comunitárias e asseguradas no próprio edifício (das quais é paradigma a construída Narkonfim, de Ginzburg). Segundo o autor, a redução racional de espaço potenciaria o aumento da funcionalidade e do conforto.¹⁰⁷



[52] [53] [54]

Dom-Komuna, Basrch e Vladimirov – perspectiva, interior e cubículo para uma pessoa (1.60x3.75m)



[55] – Narkonfim, Ginzburg

¹⁰⁴ Bedrooms have been reduced to mere sleeping cubicles, in contrast to older bourgeois apartments, where the bedroom was the largest and the 'most presentable' room in the apartment. This design goes back to a time when the act of sleeping was part of a court ceremony, the 'grand levee du roi' (...). (Teige, 2002: 226)

¹⁰⁵ A preconizada Planta-Livre, por Le Corbusier.

¹⁰⁶ A mesma máxima é defendida por Le Corbusier em *Vers une Architecture*.

¹⁰⁷ Why should the inhabitants of these cells wish to assume the burden of having to keep up a larger apartment than the one that is already sufficient for their needs (...)? A living cell of 8 to 10 m² is a dwelling that will never again make one slave to his or her home. Well then, why should a dwelling, which is much like a suitcase accompanying our life's journey, be dragged along like a heavy burden? (Teige, 2002: 351)

Neste trabalho, que pretende perceber as tendências futuras de habitação, os novos modelos de habitar, através da análise do contexto social e das suas alterações ao longo das últimas décadas, o legado de Teige e de Gropius são fundamentais, pelo seu entendimento da arquitectura, como disciplina com impacto determinante nos problemas da sociedade, e por corresponderem metodologicamente ao que aqui se propõe.

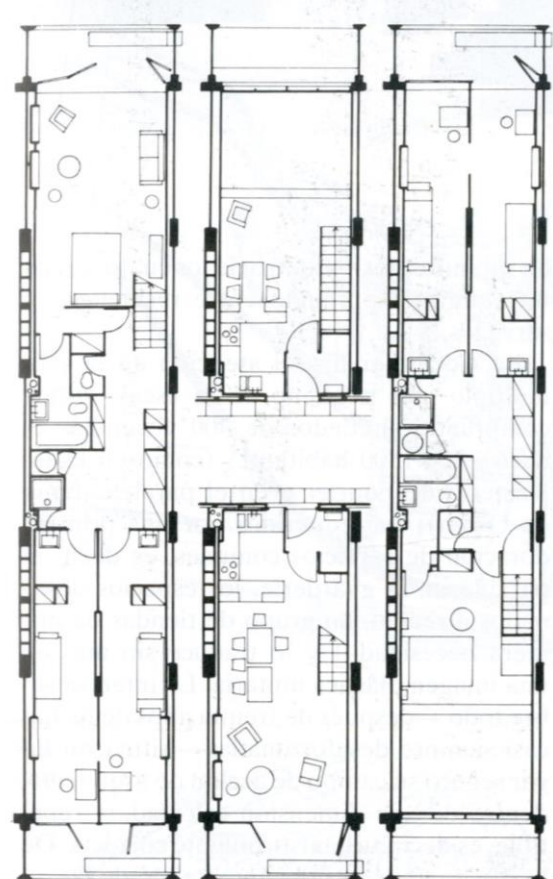
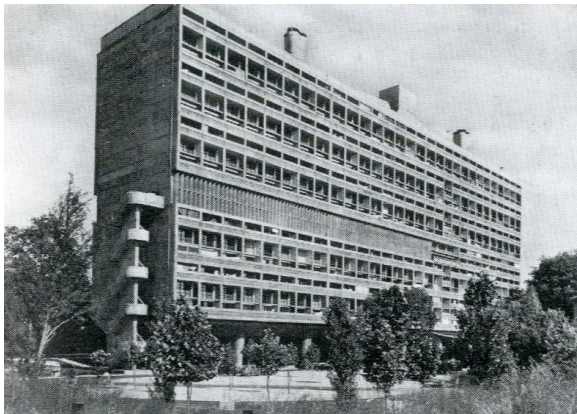
Outra figura de não somenos importância é Le Corbusier que procurou lançar as bases da arquitectura moderna e concebeu a casa como máquina de habitar, privilegiando o seu aspecto funcional, na sua eficácia, procurando racionalizar o seu desenho. Alguns anos depois dos escritos de Teige e dos projectos experimentais de *dom-komunas*, Le Corbusier proporia uma solução intermédia entre a habitação colectiva simples e a comunitária, uma evolução e aprimoração dos primeiros ensaios de *immeubles-villas* – a *Unité d'Habitation* – executada em Marselha (1947-1952). Este edifício deveria albergar 1600 pessoas e apresentava 23 variações em 337 apartamentos, desde habitações com uma divisão única até habitações para famílias com oito filhos, e incluía um centro comercial, uma creche, ginásio e área para actividades sociais, entre outros.

Além da sua extensa e importante prática projectual, Le Corbusier destaca-se pelo desenvolvimento teórico no âmbito da arquitectura, com realce para *Vers une Architecture* e a *Carta de Atenas*, a publicação dos princípios de urbanismo discutidos e acordados num encontro do CIAM, em Atenas, em 1933, orientadores de desenvolvimentos no pós-guerra, inclusive em Portugal, com o plano de Olivais Norte e os conjuntos habitacionais da Av. Infante Santo e do Bairro das Estacas. Em adição a estas obras, Le Corbusier é responsável pelo desenvolvimento de um instrumento de projecto, sobre o qual também teorizou – o *Modulor*. *O Modulor consiste num sistema de medidas concebido por Le Corbusier entre 1943 e 1950, assente nas dimensões do corpo humano e na matemática. Trata-se de uma fórmula (...), a partir da qual seria possível gerar duas séries de medidas em harmonia com o corpo humano e entre si.*¹⁰⁸ Segundo o próprio, o *Modulor* deveria ser aplicado aos projectos¹⁰⁹, ainda em fase de desenvolvimento, de modo a garantir e verificar a sua adequação: *Simple 'instrumento', rigoroso, para ajudar a dimensionar os objectos. a) Função interna: harmonizar a obra. b) Função externa. Unir, reunir, harmonizar o trabalho dos homens, actualmente divididos, chegando mesmo a ser rivais.*¹¹⁰

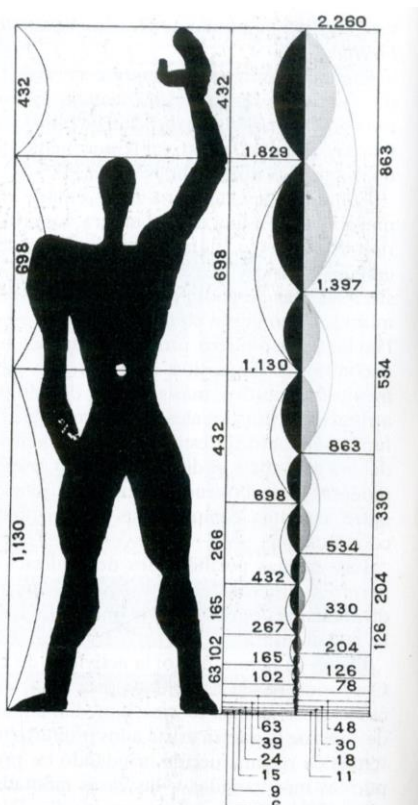
¹⁰⁸ SEQUEIRA, Marta – *O Modulor*. Vol I, p. 9 (Prefácio)

¹⁰⁹ A primeira experiência de aplicação do *Modulor* foi o projecto da Unidade de Habitação, de Marselha, em cuja fachada está gravado em relevo. (fig.62)

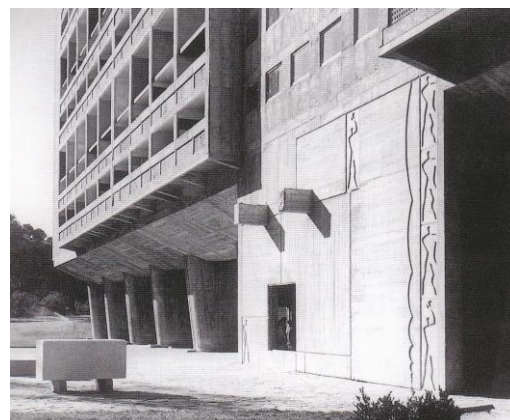
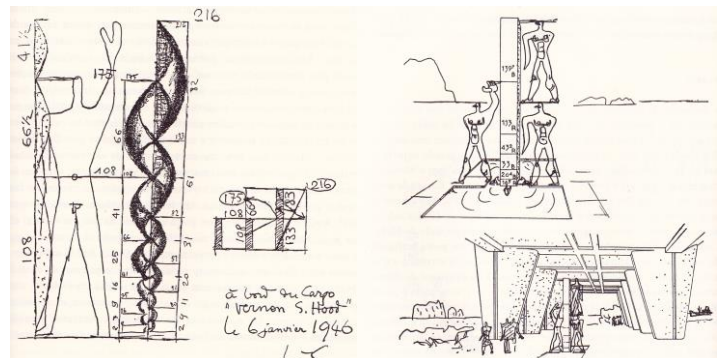
¹¹⁰ LE CORBUSIER – *O Modulor*. Vol I, p. 210



[56] [57] [58] – Unité d'Habitation, Marselha, Le Corbusier



[59] – Modulor



[60] [61] [62] – Modulor e Unité d'Habitation, Marselha

Na alínea b), quando se refere a harmonizar os homens, procura demonstrar uma característica importante e mais-valia do *Modulor*, que é a sua validade no sistema métrico e no sistema de polegadas.

Alguns anos antes da apresentação do *Modulor*, Ernst Neufert publica pela primeira vez, em 1936, o seu *Arte de Projectar em Arquitectura*. Na ficha técnica da edição brasileira¹¹¹ pode ler-se: *Arte de projectar em arquitectura: princípios, normas e prescrições sobre construção, instalações, distribuição e programa de necessidades, dimensões de edifícios, locais e utensílios. (...) 'Para arquitectos, engenheiros, aparelhadores, estudantes, construtores e proprietários'*. Neste livro, Neufert procura estabelecer normas e dimensões tipo para os vários espaços e tipos de habitação (e não só – escolas, equipamentos desportivos, etc.), com vista a uma maior racionalização, partindo do entendimento do *Homem como unidade de medida*: (...) *compilou o autor, desde 1926, os elementos que constituem a alma do presente trabalho: os princípios para projectar construções adaptadas ao homem e as bases para dimensionar compartimentos e edifícios.*^{112 113}. Esta obra, com grande aceitação na época e utilizada ainda nos dias de hoje, constitui um manual de projectação, englobando todas as facetas e elementos de um projecto e, mais importante, estabelecendo, como referido, as dimensões e organização ideais dos diferentes espaços e dos equipamentos que contêm (como mobiliário fixo, como é o caso dos armários e bancadas de cozinha).

Este desejo de standardização corresponde à *sistematização e racionalização das funções domésticas, tendo em vista uma rentabilização extrema da área a construir, o que, por sua vez, facilitaria a construções do maior número possível de habitações.*¹¹⁴

O mesmo estudo sumariza bem o contributo do Movimento Moderno para a evolução da habitação, indicando que foi o responsável pela introdução da racionalização no espaço doméstico, através:

- *da organização e sistematização das funções que passam a estar estruturadas em três sectores, o social, o privado e os serviços (separação público/privado);*

- *da redução das áreas das várias divisões e do fogo em geral, o que pressupõe a simplificação do exercício das funções que as mesmas albergam.*¹¹⁵

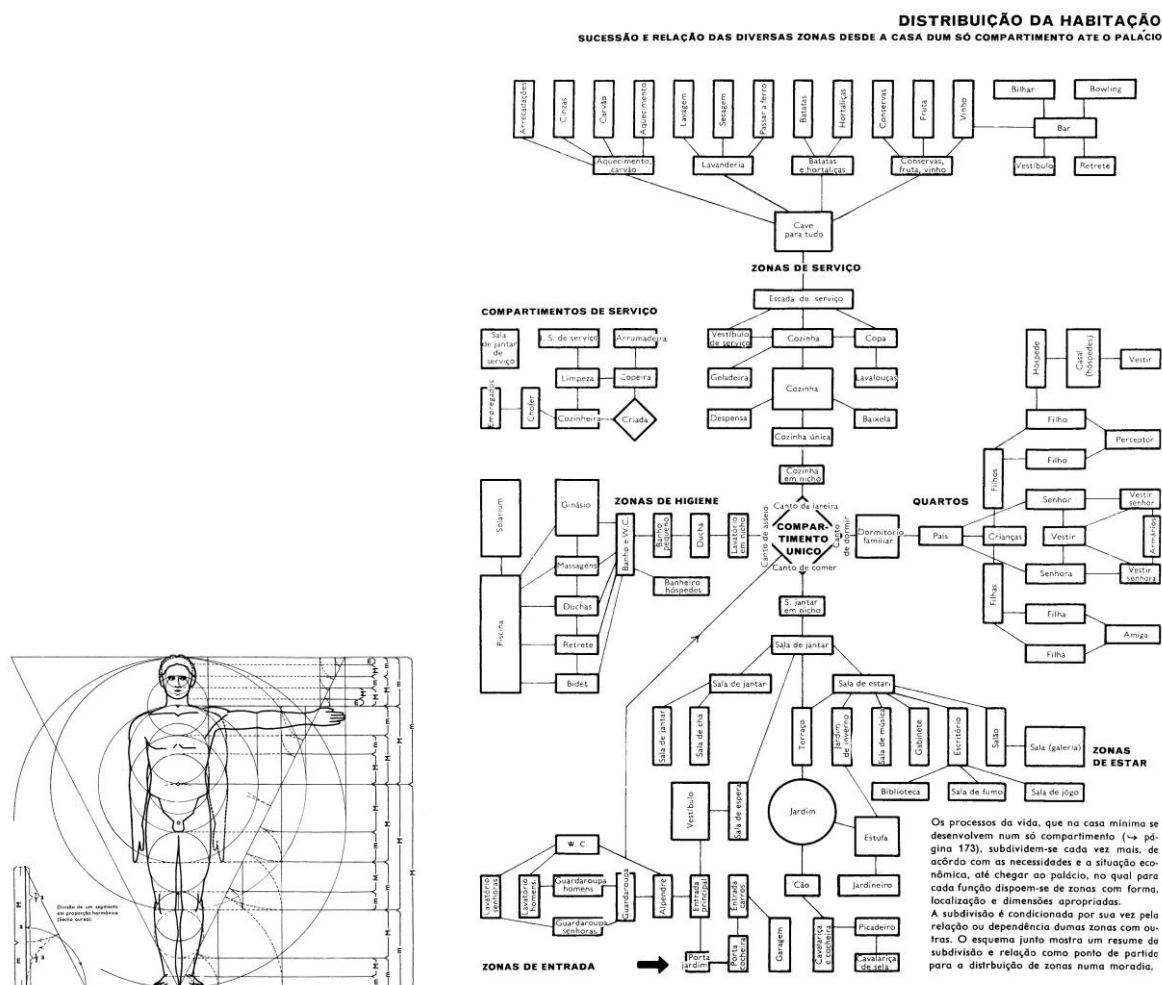
¹¹¹ A primeira edição neste país data de 1976.

¹¹² NEUFERT, Ernst – *Arte de Projectar em Arquitectura*. p.18

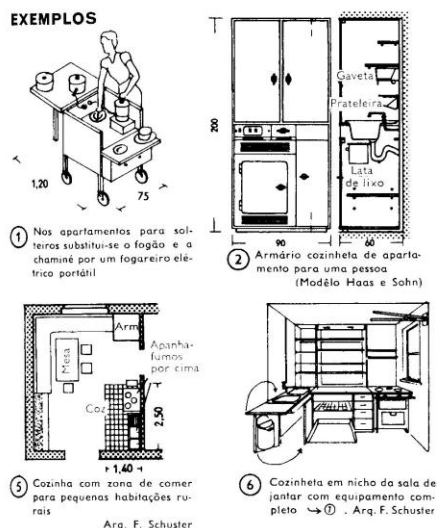
¹¹³ Também Le Corbusier tem como fundamental a ideia do Homem como medida ao apresentar o *Modulor*.

¹¹⁴ GUERRA, Isabel; MOURA, Dulce; PEREIRA, Sandra Marques - *Novas Necessidades de Habitação: Alterações Socio-Demográficas e Oferta Habitacional. Relatório Final*. p.14

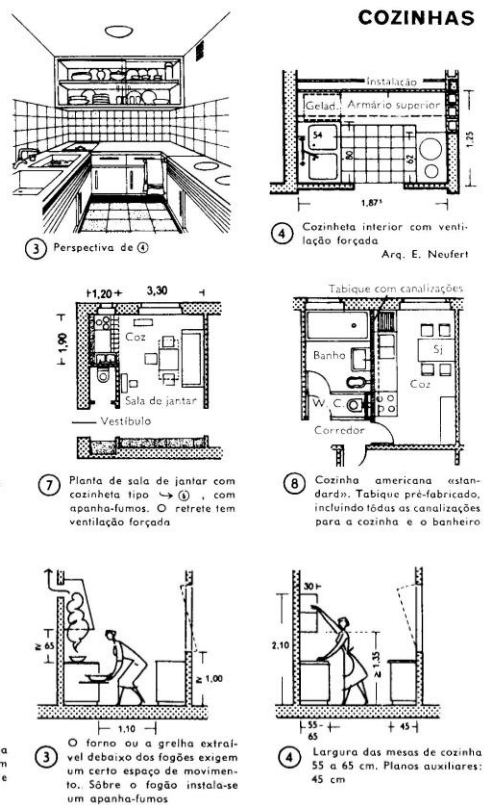
¹¹⁵ *Id.*, p.14-15



EXEMPLOS

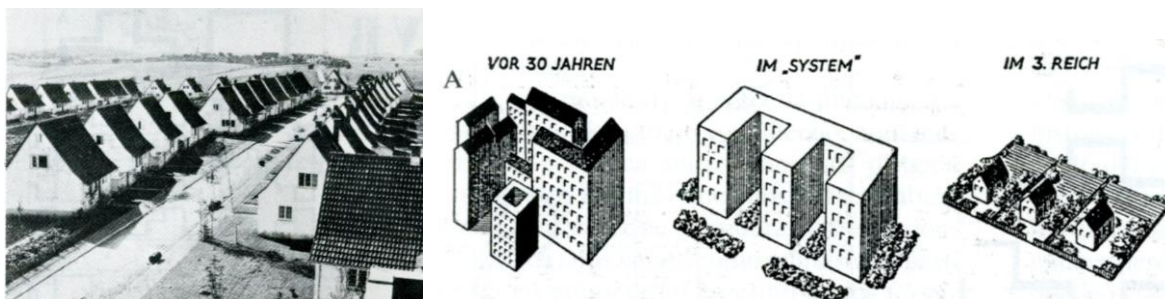


COZINHAS



Depois deste período fértil de desenvolvimento de novos modelos de habitação, motivado por alterações na sociedade, procurando-se uma interdisciplinaridade na arquitectura, com o advento da 2ª Guerra Mundial, e nos anos que lhe seguiram, dá-se um abrandamento na produção arquitectónica e teórica, não só pela instabilidade política e social como também pelo facto da maioria dos arquitectos que mais se destacaram nas décadas anteriores e que estiveram na origem das principais inovações se terem visto forçados a abandonar a Europa, escolhendo países como os Estados Unidos ou a URSS para continuar a sua prática. Este contrapasso foi sentido mais fortemente na Alemanha, onde a arquitectura de vanguarda e a experimentação deixou de ser ‘desejável’ e apoiada e impulsionada pelo estado. Gropius, Albers, Mies van der Rohe, Moholy-Nagy (EUA), May, Taut, Hilberseimer (URSS) foram alguns dos que abandonaram o país. O ideal de urbanização habitacional para o partido nacionalista e aquele que foi promovido foi a colónia rural, com moradias unifamiliares, de estilos tradicionais/historicistas (neo-medievais, gótico, neo-clássico, greco-alemão) com uma parcela de terreno cultivável.¹¹⁶

Thus the course of German architecture between the two world wars wound up with an unfortunate epilogue; after having made a decisive contribution to modern architectural culture, Germany was temporarily cut off from this culture, deprived of her best men, and became the theatre of the most grotesque experiment in stylistic disinterment. (Benevolo, 1971: 555)



[67] [68] Exemplo de colónia construída sob os princípios nazis e propaganda do novo estilo

Estes arquitectos ‘exilados’ influenciaram grandemente a arquitectura dos países que os acolheram, inclusive nos Estados Unidos da América, onde, além da prática, puderam dedicar-se ao ensino universitário, dando continuidade ao trabalho que desenvolveram na Europa. A declaração de intenções que Gropius apresenta em Harvard é disso sintomática:

My intention is not to introduce a, so to speak, cut and dried ‘Modern Style’ from Europe, but rather to introduce a method of approach which allows one to tackle a problem according to its peculiar conditions. I want a young architect to be able to find his

¹¹⁶ Também o Estado Novo, em Portugal, se baseou no mesmo modelo e paradigma de habitação, conforme descrito no subcapítulo referente à realidade nacional.

way in whatever circumstances; I want him independently to create true, genuine forms out of the technical, economical and social conditions in which he finds himself instead of imposing a learned formula on to surroundings which may call for an entirely different solution. It is not so much a ready-made dogma that I want to teach, but an attitude towards the problems of our generation which is unbiased, original and elastic. (Benevolo, 1971: 652-653)

2.2.7. Desenvolvimento Sociológico do Problema da Habitação

Finda a 2ª Guerra Mundial e perante a destruição dela resultante, na Europa voltou a enfrentar-se uma crise habitacional, que ainda não havia sido resolvida antes da guerra e se via agora agravada pela estagnação da actividade construtiva e crise económica. No entanto, não se retomou a mesma experimentação construtiva da década de 20. Em sua vez, difundiram-se os estudos sociológicos sobre o problema da habitação¹¹⁷, assim como inquéritos de opinião acerca de necessidades e desejos da população em matéria de habitação. Estes últimos foram levados a cabo nos países do norte da Europa – Alemanha, Holanda, Suécia, Dinamarca e Noruega. Também em França se deu início a trabalhos semelhantes, destacando-se o inquérito promovido pelo *Groupe d'Ethnologie Sociale*, encabeçado por Paul Henry Chombart de Lauwe, que resultou na publicação *Famille et Habitation*, em dois volumes – *Sciences Humaines et Conceptions de l'Habitation* e *Un Essai d'Observation Expérimentale*. Segundo o seu autor, o inquérito pretendia (...) *étudier d'une manière concrète les besoins et les aspirations de ménages appartenant à des catégories socio-professionnelles différentes et vivant ensemble dans le cadre de nouveaux groupes d'habitation*.¹¹⁸ Tendo como objecto de estudo as necessidades (particulares e colectivas) e as relações sociais num novo meio social, centrou-se em três casos de estudo de urbanizações recentes – Maison Radieuse, de Le Corbusier (uma das *unités d'habitation*); a Cité de la Plaine e La Benauges – e procurou universalidade de resultados, analisando três classes sociais: operários, trabalhadores e profissionais liberais. O método, intitulado *observação comparativa experimental*, consistia na observação controlada de modo experimental, usando comparações dos casos de estudo e de categorias de sujeitos e comparações com inquéritos anteriores nos bairros tradicionais.

No primeiro volume de *Famille et Habitation*, de carácter mais geral, Chombart de Lauwe identifica, como verdadeiras causas da crise habitacional a modificação de

¹¹⁷ Chombart de Lauwe refere o trabalho de Merton, *Sociology of Housing*, de 1948, como um dos pioneiros, adiantando que se tratava de um tema recente, atestado pelo facto de este estudo incluir apenas nove referências bibliográficas anteriores a 1940.

¹¹⁸ LAUWE, Paul Chombart de – *Famille et Habitation*. Vol II, p.12

valores, novas aspirações decorrentes da transformação das estruturas familiares e, acima de tudo, o aparecimento de novas necessidades que a sociedade é incapaz de satisfazer.¹¹⁹ Lauwe constata, também, que a maior parte dos estudos ou inquéritos à habitação efectuados na Europa abordam o problema da casa do ponto de vista exterior, sendo poucos os que se dedicam ao estudo da célula habitacional. Destes últimos, destacam-se, dos exemplos enunciados por Lauwe, três, inovadores no panorama em questão e que constituíram uma mudança no objecto e metodologia de estudo: o inquérito a 215 famílias em Estocolmo, por A. Riemer, em 1941 – *Family Life as the Basis for Home Planning. A Sociologist Looks at Homing Design Techniques*; o inquérito de Lennart Holm, de 1951 a 1954, na Suécia; e o de Kennedy, arquitecto, nos Estados Unidos, em 1953 – *The House and the Art of its Design*. No primeiro, de Riemer, é feita a observação das actividades no tempo e no espaço, no interior da habitação, procurando perceber a adequação da planificação da habitação às necessidades e usos dos moradores; Holm faz o estudo do equipamento (cozinhas, armários, disposição quartos, lavandaria, insonorização, etc.) e avalia a sua eficiência funcional na vida familiar; por fim, Kennedy, procura definir as necessidades dos membros da família e as suas relações, identificando três necessidades fundamentais: a existência de zonas de retiro e zonas de cooperação, a circulação e graus de intimidade. De todos, talvez o mais inovador seja o de Riemer, cuja abordagem parece assemelhar-se ao método *space-syntax*, surgido na década de 70, do qual se falará mais adiante.

É, ainda, nesta obra que Chombart de Lauwe lança das bases da sociologia da habitação¹²⁰, clarificando conceitos importantes para a disciplina – Família, Habitação, Espaço, Necessidade e Função – e demonstrando que as alterações familiares e sociais se devem reflectir no desenho da habitação¹²¹, sendo instrumentais na sua evolução, realçando a necessidade de conhecer os modelos familiares mais representativos e quais as suas necessidades de modo a poder criar habitações mais adequadas à sociedade contemporânea:

L'habitation moderne est faite pour un type de famille et non pour une famille determine. L'architecte travaille de moins en moins pour une personne, de plus en plus pour des groupes ou des catégories de personnes. (...) Le travail des chercheurs dans les sciences humaines doit consister, en collaboration avec les architectes, les administrateurs, et les services sociaux, à analyser ces besoins dans toute leur complexité

¹¹⁹ Também Andreina Daolio partilha desta concepção: (...) a crise da habitação não aparece apenas como consequência do atraso do sistema construtivo ou da insuficiente reconstrução pós-bélica ou de uma conjuntura económica ou da pressão demográfica, mas sobretudo como uma manifestação evidente das novas necessidades que a sociedade é incapaz de satisfazer. cit. Por Cortés Alcalá, op. cit., p.85

¹²⁰ Em conjunto com *Sociologie de l'Habitation: Méthodes et Perspectives de Recherches*.

¹²¹ A habitação como reflexo da estrutura familiar.

*et leur variété pour que l'habitation puisse s'adapter aux familles et leur permettre de s'épanouir au lieu de s'imposer à elles.*¹²²

Nas décadas que se seguiram, sobretudo na de 70 e em França, sucederam-se as investigações e estudos sobre habitação, com especial relevância para a habitação social e intervenção pública na construção de habitações. (Cortés Alcalá, 1995) Nos anos 80, foram os países anglo-saxónicos e escandinavos aqueles que mais destaque tiveram, seguindo uma linha *behaviorista*, procurando determinar comportamentos de procura de habitação. Segundo Alcalá, *É muito importante que se valorize este aspecto concreto da trajetória anglo-saxónica sobre os estudos residenciais, pois permitiram a realização de um conjunto de investigações empíricas que proporcionaram um conhecimento muito preciso sobre a estrutura residencial e suas relações com a estrutura social e com os processos e as mudanças sociais. Estas análises permitiram ainda que a habitação se convertesse em objecto específico de investigação, abordando-se a sua análise sob uma perspectiva sociológica, minoritária até então nos 'Estudos da Habitação'.*¹²³

A partir desta data, foram escasseando os estudos em relação à habitação e o estado foi tendo cada vez menos participação na sua construção, tendo-se mantido o carácter experimental de algumas propostas sem que se destaque alguma que demonstre preocupações com questões sociais e a sua transformação.

2.3. O Caso Português: Da Casa Portuguesa ao Movimento Moderno e aos Nossos Dias

Acerca do caso português e evolução das realidades habitacionais no nosso país, importa referir apenas acontecimentos no século XX. Como noutras áreas, as consequências da industrialização e experimentalismos e estudos habitacionais sentiram-se mais tarde em Portugal que nos seus congéneres europeus¹²⁴. Parcialmente responsável por este atraso foi o clima político, de alguma instabilidade, em inícios de século – da queda da monarquia e consequente instauração da República, em 1910, ao estabelecimento do Estado Novo, em 1933, ao qual se seguiram 41 anos de ditadura, durante os quais também a arquitectura foi dominada e orientada pelos princípios defendidos pelo regime (entre 1935 e 1945) e se foi consolidando e agravando o atraso

¹²² LAUWE, Paul Chombart de – *Famille et Habitation*. Vol I, p.19

¹²³ Cortés Alcalá, *op. cit.*, p.91

¹²⁴ *Situação periférica, desfasamento temporal e atraso tecnológico têm constituído factores determinantes na definição da especificidade da arquitectura portuguesa (...).* TOSTÕES, Ana et al. – *Arquitectura do Século XX – Portugal*. p.11

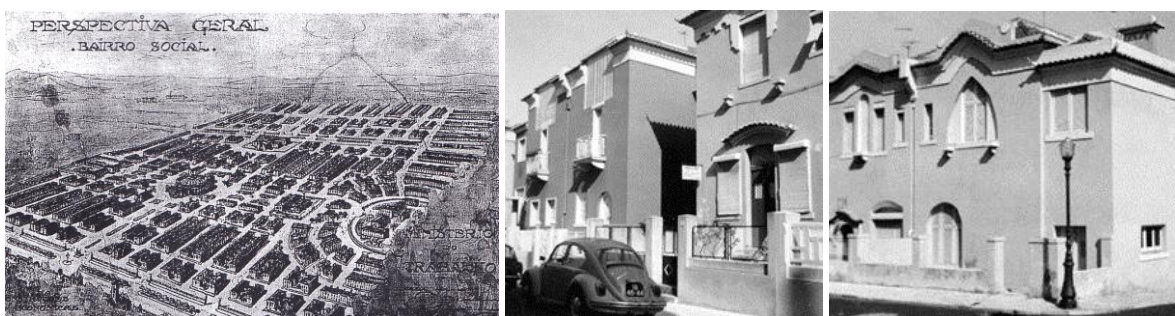
em relação aos restantes países da Europa. Assim, enquanto na Alemanha os anos que antecederam a tomada de posse do partido Nazi foram de grande produção e experimentalismo, constituindo um período de grande evolução no pensamento por detrás do projecto da habitação, em Portugal não se registaram evoluções em relação aos modelos de habitar tradicionais. Esta diferença deve-se, contudo, às diferentes conjecturas político-sociais dos dois países: a Alemanha enfrentava, como outros países grandemente industrializados, um forte aumento da população urbana, que dava origem a uma crise habitacional, agravada pela destruição decorrente da primeira Guerra Mundial, motivando a criação de políticas habitacionais e construção em grande escala; Portugal não registou uma migração em tão grande escala para os centros urbanos no séc. XIX e primeiras décadas do séc. XX (sobretudo porque, à data, o seu território era muito vasto, contabilizando as várias colónias portuguesas, para onde alguma população emigrava, e o país se mantinha predominantemente rural) nem sofreu a destruição registada na Alemanha ou França. Este contexto ditou que, em Portugal, não se enfrentasse uma crise habitacional, não sendo necessário pensar o tema da habitação com a mesma premência. Apesar disso, foram desenvolvidos planos de expansão da cidade, levados a cabo por Frederico Ressano Garcia, engenheiro-chefe da Repartição Técnica da Câmara Municipal de Lisboa, formado na *École des Ponts et Chaussées*, em Paris, cidade onde tomou contacto com as operações *haussmannianas* em desenvolvimento. O seu plano para Lisboa previa a expansão da cidade ao longo do eixo Avenida da Liberdade, Praça Marquês de Pombal, Avenida Fontes Pereira de Melo e Praça Duque de Saldanha e Avenida da República até ao Campo Grande, formando, juntamente com as zonas envolventes, também incluídas no plano, o que se veio a chamar as Avenidas Novas. Estas novas áreas urbanas foram destinadas sobretudo à habitação das classes mais altas, quer em moradias unifamiliares quer em prédios de rendimento¹²⁵. As classes mais desfavorecidas, a população operária, sem grande interesse da parte do Estado no desenvolvimento de habitação adequada, apesar da necessidade¹²⁶, alojavam-se nos bairros antigos, novas urbanizações periféricas sem ordenamento e de construção precária¹²⁷ e em *vilas* (Lisboa) e *ilhas* (Porto), apropriando-

¹²⁵ Tipologia de habitação em que, segundo Raquel Henriques da Silva, *melhor se manifestaram as expectativas abertas pelo crescimento demográfico, a densificação e extensão da malha urbana*. SILVA, Raquel Henriques da - 'A Casa Portuguesa e os Novos Programas, 1900-1920', in TOSTÕES, Ana et al. - *Arquitectura do Século XX - Portugal*. p.18

¹²⁶ O problema maior residia, em Portugal como em toda a Europa, na insuficiência de alojamento proletário, acumulado nos velhos bairros de origem medieval. Id., p.19

¹²⁷ Ao dissertar acerca do Problema da Habitação, Keil do Amaral, em 1945, critica estas operações 'especulativas': *Simples particulares adquiriam quintas e hortas, as características quintas e hortas da 'Lisboa de outras eras', pagando-as bem como terreno agrícola. Depois estudavam uma distribuição de arruamentos, levando ao máximo (...) o aproveitamento do terreno, e propunham à Câmara a realização daquele plano (...). (...) o terreno vendia-se por muitas vezes o seu preço de custo, enchendo os bolsos àqueles 'beneméritos' que tão 'desinteressadamente' se esforçavam*

se de interstícios e espaços vazios da cidade consolidada ou de edifícios antigos. Merece destaque o Bairro Grandela, em Benfica, uma vila operária de iniciativa privada, seguindo modelos utópicos de falanstério, que inclui equipamentos como creche e escola primária¹²⁸. Das poucas iniciativas públicas, sendo raras as que passaram da fase de projecto, tem especial relevância o Bairro Social do Arco do Cego, delineado por Adães Bermudes, em 1919, que se baseava em tipos habitacionais variados – casas unifamiliares em banda e prédios colectivos de oito fogos, em dois ou três andares. No entanto, o projecto de habitação social operária falhou, tendo o bairro sido ocupado por famílias burguesas, já durante o regime Salazarista. Só décadas mais tarde se retomaria a problemática da habitação social, tendo este hiato graves consequências no desenvolvimento e desenho urbano e na qualidade de vida da população: *nenhuma das iniciativas antes ou depois desenvolvidas impediu que, a par da densa ocupação dos bairros históricos, a habitação operária se fosse alargando pela periferia das cidades, em manchas clandestinas que eram a face miserável do progresso industrial.*¹²⁹



[69] [70] [71] Bairro do Arco do Cego

Além das curtas iniciativas de alojamento operário, o tema da habitação, sobretudo individual, ganha importância na arquitectura e sociedade portuguesas, no início do séc. XX.¹³⁰ A par deste enfoque tipológico, estilisticamente adopta-se uma corrente historicista, ecléctica e revivalista, procurando-se imbuir a arquitectura de identidade portuguesa.¹³¹ O expoente máximo deste historicismo nacionalista aplicado à Arquitectura Doméstica é Raul Lino, sem título académico mas com formação inglesa e

em dotar a capital com as habitações necessárias. (...) [sobre encargos da Câmara] além do problema, muitíssimo mais grave, de integrar aqueles núcleos estruturalmente errados nos planos e princípios de extensão correcta da cidade (...). A par desta crítica, Keil do Amaral, fala dos números da carência habitacional: *Segundo o censo de 1936, existiam em Lisboa 41796 pessoas vivendo em barracas clandestinas ou em fumas; 31834 famílias, num total de cerca de 150000 pessoas, vivendo em quartos ou partes de casa alugada.*

AMARAL, Keil – *O Problema da Habitação*. p.31-33

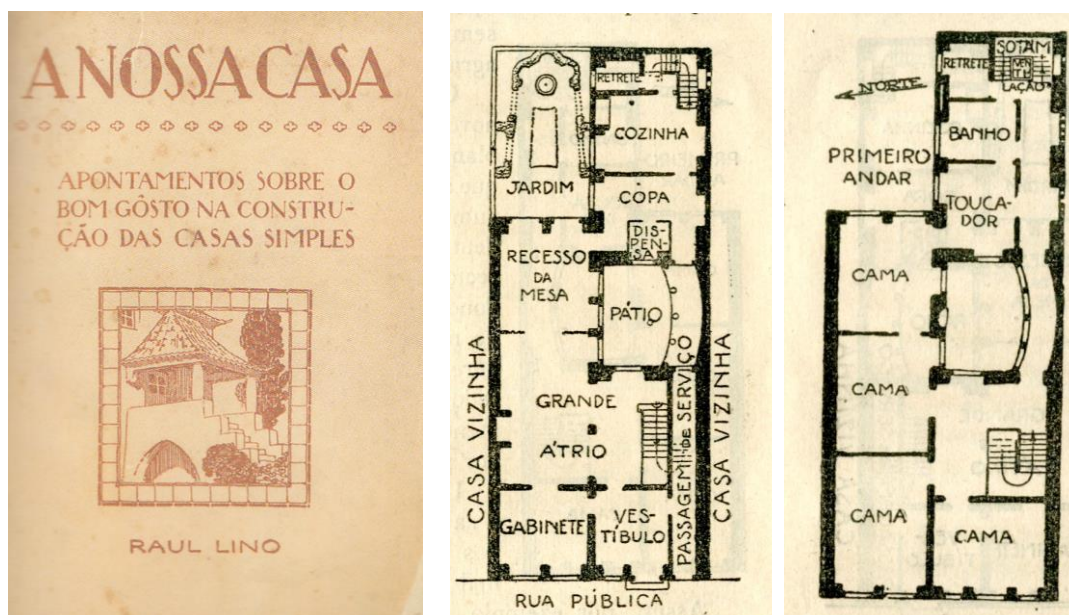
¹²⁸ (...) o caso mais notável de aplicação do espírito filantrópico (...) de acordo com o pensamento utópico, caracteristicamente oitocentista, de integrar o operariado nos valores da sociedade burguesa. *Id.*, p.22

¹²⁹ *Id.*, p.20

¹³⁰ *Esta redução programática confirma, positivamente, a preocupação muito epocal pela questão da habitação. Id.*, p.16

¹³¹ Destaca-se o inquérito e levantamento do etnólogo Rosa Peixoto levado a cabo nas vilas do norte do país sobre as singularidades do habitar nacional, dando início ao tema revivalista rural e identidade portuguesa na arquitectura doméstica.

alemã (estuda em Hanover, em escolas industriais, onde é influenciado por Albrecht Haupt, investigador da arquitectura portuguesa quinhentista e seiscentista)¹³². Dedicado à habitação, publica em 1918 o livro *A Nossa Casa - Apontamentos sobre o Bom Gosto na Construção de Casas Simples*, destinado a todo o público, não só arquitectos, um género de receituário para a arquitectura doméstica, definindo os princípios do que se viria a denominar a *Casa Portuguesa*: o entendimento do sítio (ou, como dizia, o espírito do lugar), o uso de materiais e técnicas de construção tradicionais (à semelhança do *Arts and Crafts*) e a elaboração do projecto a partir da planta, tendo em conta as necessidades dos habitantes (fig. 73-74). Mais tarde, o modelo tipológico da *Casa Portuguesa* tornar-se-ia o epítome da habitação social desenvolvida e promovida pelo Estado Novo¹³³, correspondendo ao imaginário rural, afastando-se dos ideais vanguardistas, prejudiciais ao regime autoritário. (...) a '*Casa Portuguesa*' de Lino foi, nas formulações iniciais da sua carreira, um paradigma consistente e inovador, depois muitas vezes empobrecido por ele mesmo, através de uma miniaturização decorativa que se adequava a investimentos modestos, mas que seria ideologicamente utilizado como intencional modelo antiurbano.¹³⁴



[72] [73] [74] Raul Lino: livro *A Nossa Casa* e plantas de habitação constantes no livro

¹³² É possível que num dos países tenha tido contacto e colhido influências de escritos e ideais de Hermann Muthesius, que, investigando o tema da arquitectura doméstica em Inglaterra (escrevendo, posteriormente, *Das Englische Haus*), fazia a apologia do movimento *Arts and Crafts*, da utilização de materiais e técnicas autóctones.

¹³³ À semelhança do programa habitacional promovido pelo partido Nazi, conforme anteriormente referido. (fig. 75-79)

¹³⁴ SILVA, Raquel Henriques da - 'A Casa Portuguesa e os Novos Programas, 1900-1920', in TOSTÕES, Ana et al. - *Arquitectura do Século XX - Portugal*. p.17



[75] [76] [77] Bairros sociais do Estado Novo: Encarnação, Serafina e Madredeus – O ‘elogio’ da *Casa Portuguesa*



[78] [79] Bairros sociais do Estado Novo: Ajuda (vista aérea) e Encarnação (plano)

Ao contrário do que acontecia na Europa, onde o movimento moderno dava os primeiros passos, a arquitectura portuguesa de inícios de séc. XX, caracterizava-se sobretudo pela estética e princípios historicistas, quer espelhados no tema nacionalista, do qual é exemplificativa a *casa portuguesa*, quer de cariz mais internacional, de estilo *beaux-arts*.

Este afastamento deve-se à falta de conhecimento e informação dos arquitectos portugueses em relação à arquitectura que se praticava no resto da Europa, tendo sido igualmente determinante a falta de apoio dada pelo regime ditatorial à arquitectura moderna. Nuno Portas refere-se a propósito: *Os testemunhos que recolhemos de alguns desses homens confirmam e confessam a pobreza das fontes que tinham à mão, como da formação que haviam recebido [...]. Ao fim e ao cabo, a ligação ao internacionalismo militante do ‘Esprit Nouveau’ de Le Corbusier, ou da ‘Bauhaus’ de Gropius, fez-se indirectamente pela frágil via de algumas estadas em Paris, alguma viagem à Alemanha já pré-Hitleriana, à Itália mussoliniana ou apenas a Madrid [...] ou à consulta das várias revistas que aqui chegavam*¹³⁵. Também João Vieira Caldas concorda, adiantando uma outra razão para o atraso português: (...) *faltou aos portugueses uma geração de*

¹³⁵ Cit. por CALDAS, João Vieira – ‘Cinco Entremeios sobre o Ambíguo Modernismo’, in TOSTÕES, Ana et al. – *Arquitectura do Século XX – Portugal*. p.32

*transição. Uma geração de pioneiros que, como Van de Velde ou Mackintosh, Behrens ou Hoffmann, Loos ou Berlage, tivessem preparado o caminho ao advento moderno do pós-guerra. (...) Nasceram pois quase órfãos os arquitectos modernistas portugueses. As revistas terão contribuído para o conhecimento que foram tendo da arquitectura europeia. As viagens também (...)*¹³⁶.

Este desfasamento é responsável pela ausência, na arquitectura portuguesa de início de século, das preocupações sociais que pautaram o movimento moderno e estiveram na base do desenvolvimento de aglomerados habitacionais como os de Frankfurt ou na discussão estimulada pelos CIAM e princípios defendidos por alguns dos seus membros (destacando-se Gropius). Por isso, em Portugal, *a pesquisa e as propostas nos domínios da habitação social e do utopismo urbano são raras e inconsequentes*¹³⁷ e alguns dos princípios modernos adoptados foram-no essencialmente do ponto de vista estilístico e estético, desconhecendo-se os factores sociais que os motivaram. *A primeira geração dos arquitectos modernistas não teria meios para produzir uma reflexão teórica digna de nota e não seguiu nem respondeu a uma fundamentação ideológica consistente*¹³⁸. Aliás, *a geração Modernista afinal não constituiu um movimento e não alicerçou uma expressão mais moderna em bases disciplinares reconhecíveis, sendo afinal eclética e produto do ensino, bem assente na Tradição Clássica, das Belas Artes, cujos membros nunca a negaram (...)*. (Toussaint, 2009)

Esta primeira vaga modernista portuguesa¹³⁹, ainda que só do ponto de vista estilístico, não teve a oposição inicial do Estado, gozando de um impulso sustentado pela política de obras públicas de Duarte Pacheco¹⁴⁰, chegando este curto período ao fim em finais da década de 30¹⁴¹, data em que o regime, conservador e tradicionalista, impõe os ideais nacionalistas, identificando a arquitectura moderna como subversiva e comunista. Para Nuno Teotónio Pereira, *a viragem decisiva nos rumos da arquitectura portuguesa dá-se com a Exposição do Mundo Português, em 1940, uma exibição da nacionalidade, propagandeando, através da arquitectura e das artes, o carácter e a identidade portuguesas. Demonstrando a aproximação estético-ideológica à Alemanha Nazi, realiza-*

¹³⁶ CALDAS, João Vieira – ‘Cinco Entremeios sobre o Ambíguo Modernismo’, in TOSTÕES, Ana et al. – *Arquitectura do Século XX – Portugal*. p.24

¹³⁷ *ibidem*

¹³⁸ *ibidem*

¹³⁹ Importa estabelecer a diferença entre esta primeira geração de arquitectos (anos 30), chamada *Modernista*, e a geração que se evidenciará nos anos 50 e será responsável pela mudança e evolução da arquitectura portuguesa, esta sim *Moderna*.

¹⁴⁰ À semelhança do que fazia Ernst May, em Frankfurt, também Duarte Pacheco assentava a expansão urbana em políticas de expropriação. (PEREIRA, Nuno Teotónio – ‘Arquitectura de regime, 1938-1948’, in TOSTÕES, Ana et al. – *Arquitectura do Século XX – Portugal*.)

¹⁴¹ *O que aconteceu foi que esta arquitectura de vanguarda foi sufocada à nascença por razões políticas e ideológicas, não se tendo permitido que dessa experiência se tirassem benefícios.* PEREIRA, Nuno Teotónio – ‘Arquitectura de regime, 1938-1948’, in TOSTÕES, Ana et al. – *Arquitectura do Século XX – Portugal*. p.33

se, em 1941, a Exposição da Moderna Architectura Alemã, apresentada por Albert Speer, arquitecto do regime hitleriano. Por essa ocasião, *Cristino da Silva (...) afirmava a propósito aos seus alunos, que aquela arquitectura é que seria a do futuro, e não a do movimento moderno, que estes teimavam em seguir.*¹⁴²

No entanto, torna a haver uma mudança de paradigma em finais da década de 1940, um *momento de viragem na reconquista da liberdade de expressão dos arquitectos*¹⁴³, marcado por uma nova geração de arquitectos (a chamada Geração Moderna), com destaque para Januário Godinho e, sobretudo, Keil do Amaral, que, em 1945, publicara *O Problema da Habitação*, onde discorre acerca de uma questão que considera ser vital e merecedora da atenção e preocupação de arquitectos e políticos: *Não será, então, do mais elementar bom senso, que este problema (...) comece por ser considerado como um dever, uma necessidade social, fora do âmbito do negócio, da exploração do dinheiro pelo dinheiro, e a solução seja entregue ao poderes públicos?*¹⁴⁴ No mesmo ano vê, também, publicada *A Moderna Architectura Holandesa*, uma publicação de conferências acerca da sua viagem à Holanda, em 1936. Nestas dá a conhecer aos arquitectos portugueses, até então ignorantes em relação às vanguardas europeias, exemplos de arquitectura moderna e os seus princípios¹⁴⁵ (como, aliás, também o fez em parte n' *O Problema da Habitação*, onde inclui imagens das urbanizações de Siemensstadt, Berlim, e Römerstadt e Bruchfeldstraße, em Frankfurt, entre outras, e onde propõe, como soluções, algumas das *premissas que orientaram a Habitação Mínima na procura em encontrar soluções para o grave problema da habitação entre as duas guerras pelas vanguardas do Movimento Moderno*. (Toussaint, 2009: 324-326)).

¹⁴² PEREIRA, Nuno Teotónio – 'Arquitectura de regime, 1938-1948', in TOSTÕES, Ana et al. – *Arquitectura do Século XX – Portugal*. p.35

¹⁴³ Nuno Teotónio Pereira cit. por TOSTÕES, Ana – 'Modernização e Regionalismo, 1948-1961', in TOSTÕES, Ana et al. – *Arquitectura do Século XX – Portugal*. p.42

¹⁴⁴ AMARAL, Francisco Keil do – *O Problema da Habitação*. p.35

Sobre este arquitecto e este livro, Michel Toussaint Pereira, na sua Dissertação de Doutoramento *Da Arquitectura à Teoria e o Universo da Teoria da Arquitectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX*, afirma: *Keil do Amaral procura fundamentar historicamente o problema da habitação iniciando-se com a situação europeia para enquadrar a portuguesa. Desta faz um retrato em que adianta números e processos que levaram à situação do tempo do texto. E finalmente aponta para perspectivas de solução do geral para o particular, referindo-se às políticas económicas e de apoio estatais, aos colaboradores possíveis e à necessidade de planos de urbanização e transportes e de bons projectos. Percebe-se que Keil tem um conhecimento sistematizado e informado do problema, reconhecendo-lhe a complexidade, mas tentando, com essa sistematização, dominá-la. A diferença está no entendimento de que o problema da habitação é um problema também da Arquitectura e, como tal, estende-se a várias escalas e perspectivas.(...) Francisco Keil do Amaral representa, deste modo, uma abertura ao Movimento Moderno que a geração Moderna cumprirá, em parte com o apadrinhamento do próprio Keil. (op. cit., p. 326)*

¹⁴⁵ *Faz-se na Holanda uma arquitectura racional, mas de um racionalismo sem dureza, sem secura, um racionalismo que anda de braço dado com a poesia. Estudam-se os projectos de dentro para fora, como deve ser, mas não se considera suficiente uma distribuição correcta de serviços.* Keil do Amaral - *A Moderna Architectura Holandesa*, cit. por Toussaint, op. cit., p.332

Esta nova abertura ao que de melhor se fazia noutros países permitiu, assim, o desenvolvimento da Geração Moderna, que, em 1948¹⁴⁶, se evidencia no primeiro Congresso Nacional de Arquitectura, promovido pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos, com o patrocínio do Estado (como celebração dos 15 anos de Obras Públicas e como medida de renovação, procurando uma imagem democrática e um afastamento do regime nazi, derrotado anos antes). Nele, os arquitectos *criticaram as imposições estilísticas que até ali haviam suportado e fizeram a apologia do movimento moderno e da Carta de Atenas*. (Teotónio Pereira, *op. cit.*, p.38) Além de representar a quebra com a censura estilística¹⁴⁷, o Congresso teve grande importância ao centrar-se no papel social da arquitectura, fazendo a apologia da ‘linguagem’ arquitectónica como resultado do contexto social, aproximando-se assim do primeiro modernismo europeu e absorvendo, ainda que tardiamente, o verdadeiro cerne dos seus princípios. Por isso, o tema da habitação foi o principal, defendendo os arquitectos intervenientes a participação da classe na resolução do problema da habitação.

Foram dois os temas discutidos no Congresso – *A Arquitectura no Plano Nacional e O Problema Português da Habitação*. Nas intervenções referentes à *Arquitectura no Plano Nacional*, além do supra-referido (liberdade estilística, aproximação ao movimento moderno e adopção dos princípios da Carta de Atenas), é feita a defesa do Arquitecto como figura central e insubstituível em todas as fases projectuais, sendo enfatizadas as suas novas responsabilidades sociais¹⁴⁸.



**1.º CONGRESSO NACIONAL DE
ARQUITECTURA**
MAIO / JUNHO DE 1948
PROMOVIDO PELO SINDICATO NACIONAL
DOS ARQUITECTOS COM O PATROCÍNIO
DO GOVERNO

[80]

¹⁴⁶ Ano em que Keil do Amaral se torna presidente do S.N.A. (um mandato curto, de um ano apenas, por demissão do Estado Novo)

¹⁴⁷ O congresso concluiu *Quanto à 'feição portuguesa' dos novos edifícios*:

- *Que se considere que, nem os arquitectos prestam bom serviço à Nação quando (...) dão às suas concepções uma expressão plástica que não traduz os ideais artísticos e as possibilidades técnicas dos nossos dias, nem a Nação aproveita inteiramente a colaboração que os arquitectos podem dar ao progresso do País, se lhes dor cerceada a capacidade criadora.*

- *Que o 'portuguesismo' da obra de Arquitectura não continue a impor-se através da imitação de elementos do passado (...).*

(...)

- *Que os arquitectos portugueses repudiem toda e qualquer insinuação de que a sua obra – quando se exprima de maneira diferente da considerada como 'portuguesa' – representa alheamento da sua personalidade profissional e, o que é pior ainda, da sua nacionalidade.* Congresso Nacional de Arquitectura, 1º, Lisboa, Maio/Junho de 1948. *Conclusões e Votos do Congresso*

¹⁴⁸ *Ainda, como factor de interesse para o progresso na arquitectura no nosso país, sugere-se que o Arquitecto, no exercício das suas funções, possa estar mais próximo da origem dos elementos condicionadores e inspiradores da obra que vai projectar.* CUNHA, Paulo de Carvalho – 'Aspectos que Urge considerar na Evolução da Arquitectura Nacional', in Congresso Nacional de Arquitectura, 1º, Lisboa, Maio/Junho de 1948. *Relatório da Comissão Executiva. Teses. Conclusões e Votos do Congresso.* p.16

Sob o segundo tema foram apresentadas nove teses, das quais se destacam: *A Casa, o Homem e a Arquitectura*, do Arq.^o António Lobão Vital; *O Problema Português da Habitação*, Arq.^o Viana de Lima; *A Racionalização na Habitação e na Urbanização*, Arq.^o Miguel Jacobetty; *A Solução Vertical na Habitação Colectiva e nos Aposentamentos*, Arq.^o Jorge Segurado; *O Alojamento Colectivo*, Arq.^{os} João Simões, José Huertas Lobo e Francisco Castro Rodrigues; *Habitação Económica e Reajustamento Social*, Arq.^{os} Teotónio Pereira e Costa Martins; *Contribuição para o Estudo do Problema da Habitação Económica em Lisboa*, Arq.^o Pardal Monteiro.

Na sua intervenção, Lobão Vital aproxima-se, em certos pontos, da ideologia de Karel Teige, defendendo que o problema da habitação consiste na falta de casas, casas ao alcance de toda a população, e fazendo a apologia da habitação colectiva como aquela que *melhor corresponde às múltiplas necessidades da população*¹⁴⁹. Na sua tese afirma ainda a família como unidade fundamental da sociedade, aquela que a habitação deve servir, defendendo que é necessário um novo pensamento em relação ao Homem, às suas novas necessidades e ao Alojamento (para ele, uma das facetas da Habitação, que entende ser um conceito mais lato, que abarca não só o alojamento – onde se habita, permanece, come e dorme –, mas também o local onde se trabalha, onde se cultiva o espírito e onde se pratica desporto):

*A um novo HUMANISMO, corresponde uma NOVA ARQUITECTURA, hoje ao serviço do Homem – do HOMEM TOTAL. Portanto, o primeiro objectivo da ARQUITECTURA é o Homem (...). (...) a Arquitectura contemporânea, corresponde a novas condições naturais, históricas e sociais. (...) as cidades actuais estão desactualizadas. Não correspondem, nem às funções constantes, nem às funções temporais do Homem*¹⁵⁰.

*(...) a vida melhor só se torna possível num alojamento melhor; - num alojamento que corresponda inteiramente às necessidades fisiológicas, materiais e psicológicas do Homem Moderno. E alojamento não significa simplesmente abrigo, abrigo da chuva e do frio. Alojamento quer dizer 'unidade de habitação'*¹⁵¹.

A função do Arquitecto é a solução de muitos problemas humanos: é a ele que cabe o estudo dos problemas da instalação dos homens e dos organismos que os servem; é a ele que cabe o estudo das diferentes necessidades de um grupo social, planeando cidades, monumentos, edifícios públicos e habitações, arrumando tudo num conjunto harmónico e racional; é a ele que cabe, ainda, interpretar as necessidades de um indivíduo ou grupo de indivíduos estudando-lhe a sua casa (...), cuidando da sua saúde e do seu bem-estar. SOARES, Ernâni Nunes – 'Da Função do Arquitecto e dos Factores que Intervêm na sua Má Orientação', in Congresso Nacional de Arquitectura, 1º, Lisboa, Maio/Junho de 1948. *Relatório da Comissão Executiva. Teses. Conclusões e Votos do Congresso*. p.19

¹⁴⁹ VITAL, António Lobão – 'A Casa, o Homem e a Arquitectura', in Congresso Nacional de Arquitectura, 1º, Lisboa, Maio/Junho de 1948. *Relatório da Comissão Executiva. Teses. Conclusões e Votos do Congresso*. p.205

¹⁵⁰ Funções constantes – alimentação, alojamento, desporto, recreamento moral e circulação; funções temporais – formação moral e física, trabalho e repouso.

¹⁵¹ VITAL, António Lobão – 'A Casa, o Homem e a Arquitectura', in Congresso Nacional de Arquitectura, 1º, Lisboa, Maio/Junho de 1948. *Relatório da Comissão Executiva. Teses. Conclusões e Votos do Congresso*. p.197-214

Como Lobão Vital, também Viana de Lima defende o acesso universal à habitação e a habitação colectiva em altura como tipologia preferencial, acreditando, igualmente que *a habitação deve ser reorganizada, de forma a adaptar-se aos meios modernos da nossa época*¹⁵². Além disso, faz referência à necessidade de todos os indivíduos, membros de família, terem direito à sua célula pessoal, no seio da habitação familiar.

A defesa da habitação colectiva é partilhada pelos arquitectos responsáveis pelas exposições subsequentes – Miguel Jacobetty (que defende ainda a racionalização da habitação ao máximo, como meio para uma economia na construção¹⁵³, à semelhança do que praticou May, em Frankfurt), Jorge Segurado e João Simões, Huertas Lobo e Castro Rodrigues¹⁵⁴.

É ainda relevante a intervenção de Nuno Teotónio Pereira e Costa Martins, focada nas funções da habitação e na correlação que o estudo destas deverá ter com a forma da habitação¹⁵⁵, demonstrando alguma aproximação à posição de Chombart de Lauwe e a sua Sociologia da Habitação¹⁵⁶, que, alguns anos mais tarde, iria influenciar os trabalhos de Nuno Portas, no LNEC.

Como parte integrante do relatório do congresso, foi, também, publicada uma comunicação de Miguel Jacobetty intitulada *Estudo de Casas de Renda Económica*, um trabalho que tem como objecto o projecto de urbanização do Bairro de Alvalade¹⁵⁷. Este estudo enquadra-se no tema da tese desenvolvida por Teotónio Pereira e Costa Martins, sendo, de certo modo, a formalização do que nela preconizavam, na medida em que tenta avaliar a melhor solução formal para cada tipo construtivo, tendo por base estudos

¹⁵² LIMA, Viana de – ‘O Problema Português da Habitação’, in Congresso Nacional de Arquitectura, 1º, Lisboa, Maio/Junho de 1948. *Relatório da Comissão Executiva. Teses. Conclusões e Votos do Congresso*. p.215-222

¹⁵³ *Por meio da racionalização da habitação, reduzindo-a ao mínimo de área compatível com uma eficiência funcional perfeita (tanto quanto possível) e com o aspecto atraente que deve ter, podem, de facto, conseguir-se soluções económicas, sobretudo desde que se adoptem os partidos verticais que os modernos processos de construção nos permitem.* ROSA, Miguel Jacobetty – ‘Racionalização na Habitação e na Urbanização’, in Congresso Nacional de Arquitectura, 1º, Lisboa, Maio/Junho de 1948. *Relatório da Comissão Executiva. Teses. Conclusões e Votos do Congresso*. p.226

¹⁵⁴ Da tese destes últimos três arquitectos realça-se: *Em estudos já comprovados pela prática, as construções tornam-se económicas quando a sua solução é feita em blocos de 4 a 12 andares, segundo os Ingleses, ou de maior número ainda segundo os Brasileiros. É evidente, que essa construção económica, é aquela que se prescreve, com um máximo de conforto, um máximo de higiene, um mínimo de espaço (...).* SIMÕES, João; LOBO, José Huertas; RODRIGUES, FRANCISCO CASTRO – ‘O Alojamento Colectivo’, in Congresso Nacional de Arquitectura, 1º, Lisboa, Maio/Junho de 1948. *Relatório da Comissão Executiva. Teses. Conclusões e Votos do Congresso*. p.241

¹⁵⁵ Os Arquitectos fazem uma distinção entre funções individuais (dormida e higiene) e funções familiares (recreio e alimentar), procurando organizar o interior da habitação de acordo com a proximidade/contiguidade de funções.

¹⁵⁶ *No que respeita à casa, pensamos que é necessário tentar resolver as funções habitacionais com base nas características sociológicas observadas e à luz dos princípios enunciados.* PEREIRA, Nuno Teotónio; MARTINS, Costa – ‘Habitação Económica e Reajustamento Social’, in Congresso Nacional de Arquitectura, 1º, Lisboa, Maio/Junho de 1948. *Relatório da Comissão Executiva. Teses. Conclusões e Votos do Congresso*. p.249

¹⁵⁷ Última extensão do plano de Ressano Garcia, esta destinada a habitação social e, segundo Nuno Portas, *um estaleiro de inovações técnicas como um exemplo de ‘mix social’ e de actividades e espaços livres generosos (...).* PORTAS, Nuno – ‘A Arquitectura da Habitação no Século XX Português’, in TOSTÕES, Ana et al. – *Arquitectura do Século XX – Portugal*. p.119

funcionais, com vista à racionalização dos interiores – *Aumentar o valor da habitação, reduzindo ao mínimo compatível a área da mesma*¹⁵⁸ – e adequação da habitação aos moradores, facilitando a vida doméstica, baseando-se no sistema de Alexander Klein. Para Jacobetty, *é necessário que seja [a casa] bem adaptada às variadas funções da família, mas especialmente ao trabalho da dona de casa (...). Necessário se torna, em suma, que a sua conformação permita reduzir ao mínimo o esforço a despendar com os serviços do lar, sem que sofram diminuição quer a comodidade, quer a higiene.*¹⁵⁹

Como princípios orientadores, consideraram-se vitais três factores: a ordenação das comunicações e movimento e redução dos percursos, distinguindo-se três ciclos – cozinhar-comer, trabalhar-repousar e dormir-lavar-se –, devendo os compartimentos da habitação ser agrupados de acordo com estes ciclos, evitando a sua intercepção e reduzindo as distâncias e percursos entre eles; a concentração da superfície livre, procurando libertar de mobiliário a maior superfície de pavimento possível, reduzindo o número de armários, racionalizar a sua colocação e adoptando, quando possível, mobiliário integrado e embutido, solução economizadora de espaço; e, por fim, a boa afinidade geométrica e correlação dos compartimentos. Além da avaliação funcional baseada no agrupamento de compartimentos por ciclos e as distâncias entre eles, foi também feito uma análise pelo ‘Método dos Sinais’, que, além de incluir esta avaliação funcional¹⁶⁰, classifica a solução projectual segundo as suas características higiénicas¹⁶¹ e a boa utilização de todos os compartimentos, bem agrupados e colocados¹⁶². Esta análise tem como objectivo a comparação de duas soluções formais interiores, para a mesma tipologia, para determinar qual a mais adequada (racional e funcionalmente).

Esta comunicação é de especial relevância para o âmbito do presente trabalho pois representa uma sorte de análise que poderá fazer sentido e ser preconizada como método de avaliação, em relação a todos os tipos de habitação, não só a económica, e que, na altura significou uma evolução no pensar do projecto da habitação, sendo uma

¹⁵⁸ ROSA, Miguel Jacobetty – ‘Comunicação – Estudo de Casas de Renda Económica’, in Congresso Nacional de Arquitectura, 1º, Lisboa, Maio/Junho de 1948. *Relatório da Comissão Executiva. Teses. Conclusões e Votos do Congresso*. p.276

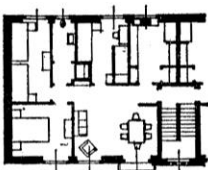
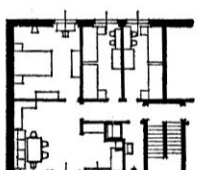
¹⁵⁹ *ibidem*

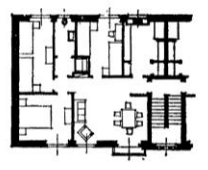
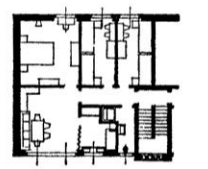
¹⁶⁰ Itens avaliados: se os compartimentos estão bem proporcionados aos seus destinos, se é boa a posição dos compartimentos, se os compartimentos estão bem colocados uns em relação aos outros, se esteticamente é boa a distribuição de luz, se os armários são integrados na construção ou têm o seu lugar indicado.

¹⁶¹ Itens avaliados: se é boa a orientação da sala de estar e quarto de cama, se a insolação dos compartimentos principais é diminuída pelas saliências da construção, se a iluminação é suficiente.

¹⁶² Itens avaliados: se existem compartimentos dependentes de outros, se os filhos podem ser separados, se tecnicamente é bom o agrupamento dos compartimentos, se o W.C. é separado do banho, se o banho e W.C. têm acesso directo do quarto de cama ou da ante-câmara, se a janela e a porta estão bem dispostas em relação à posição dos móveis, se algum quarto de cama recebe luz de alpendre, se os armários estão em posição adequada, se estão concentradas as superfícies livres. (fig.81)

ferramenta importante no desenvolvimento formal e organizacional dos interiores domésticos tendo em mente a sua racionalização funcional.

TIPOS DE PLANTAS	CARACTERÍSTICAS ECONÓMICAS DA CONSTRUÇÃO															
	CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS DA HABITAÇÃO							COMP. ^{tos} PRINCIPAIS		COMPARTIMENTOS SECUNDÁRIOS			COEFICIENTES			
	Superfície coberta	Cobertura (superfície x altura + sobrado)	Superfície útil	Número de compartimentos	Número de camas	Superfície coberta por cama (l.f.)	Cobertura por camas	Superfície da sala de estar	Superfície do quarto, ante-câmara e banho	Superfície do quarto, etc. + Sala de estar	Superfície da cozinha	Superfície do banho e W. C.	Superfície do corredor	Superfície total dos compartimentos secundários (11 + 12 + 13)	Coeficiente de utilização (superfície útil e superfície coberta)	Coeficiente de habitabilidade sala de estar + quarto de cama e superfície coberta)
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
 SÉRIE I — TIPO 3	70,80	216,648	53,60	4	6	11,80	36,108	17,30	14,30	31,60	6,48	4,48	0,85	11,81	0,757	0,446
 SÉRIE I — TIPO 3 (VARIANTE)	70,49	215,699	53,97	4	6	11,75	35,949	13,12	21,92	35,04	5,40	3,79	4,125	13,32	0,765	0,497

TIPOS DE PLANTAS	CARACTERÍSTICAS HIGIENICAS			BOA UTILIZAÇÃO DE TODOS OS COMPARTIMENTOS BEM AGRUPADOS E COLOCADOS															RESULTADO DO INQUÉRITO
	Se é boa a orientação da sala de estar e quarto de cama	Se a insolação dos compartimentos principais é diminuída pelas saliências da construção	Se a iluminação é suficiente	Se existem compartimentos dependentes de outros	Se os filhos podem ser separados	Se tecnicamente é bom o agrupamento dos compartimentos	Se o W. C. é separado do banho	Se o banho e W. C. têm acesso directo do quarto de cama ou da ante-câmara	Se a janela e a porta estão bem dispostas em relação à posição dos móveis	Se algum quarto de cama recebe luz de alpendre	Se os armários estão em posição adequada	Se estão concentradas as superfícies livres	Se os compartimentos estão bem proporcionados aos seus destinos	Se é boa a posição dos compartimentos	Se os compartimentos estão bem colocados uns em relação aos outros	Se estática é boa a distribuição de luz	Se os armários são integrados na construção ou têm o seu lugar indicado		
	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	32	33		
 SÉRIE I — TIPO 3	+	+	+	+	+	+	-	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	16	
 SÉRIE I — TIPO 3 (VARIANTE)	+	+	+	-	+	-	-	-	+	+	-	+	-	-	-	+	-	8	

[81] Miguel Jacobetty - Aplicação do método dos sinais como método de avaliação de projectos, neste caso, habitações no Bairro de Alvalade

Como súmula de todas as teses apresentadas, foram compiladas algumas conclusões, a ser entendidas como linhas directrizes para projectos futuros. Destas acentuam-se:

- *A habitação deve ter como fim primordial a defesa da família e, como tal deverá conceber-se em função da vida familiar unicamente.*

- *A casa colectiva como melhor solução para as múltiplas necessidades da população.*

- *Revisão dos métodos usados na construção habitacional, adoptando-se, ainda que a título experimental, o princípio da 'Construção em altura'.*

- *Intensifique-se o estudo da habitação colectiva por ser impraticável a modalidade das moradias unifamiliares.*

- *Racionalize-se a habitação dando-lhe os requisitos impostos pela vida higiénica e pelo nível cultural dos moradores.*

- *Que se defina como 'habitação económica' aquela que reúna expressamente na menor área a maior soma de condições de habitabilidade compatíveis com a dignidade humana, num mínimo de dispêndio para o locatário que usufruirá o máximo conforto possível, abolindo-se em definitivo o preconceito que leva a criar habitações económicas do tipo já clássico dos 50m² e menos, sem o conforto e as condições de higiene preconizadas.*

- *Que se proceda a um estudo prévio das classes proletária e média com objectivo de reajustamento social, e se integrem na Cidade as habitações proletárias, abolindo-se os bairros exclusivos.*

- *Como medida económica, que se impõe muito especialmente na construção de habitações, adopte-se a normalização do maior número possível de elementos-tipo e a criação de novas indústrias para a sua fabricação em larga escala.*¹⁶³

Estas conclusões, como, aliás o espírito e temáticas do Congresso, assemelham-se às intervenções e proposições finais do II CIAM (1929), amplamente referido anteriormente, o que revela o atraso da arquitectura portuguesa em relação ao resto da Europa, atraso esse que, por um lado, se demonstra benéfico na medida em que permitiu que os arquitectos portugueses pudessem aprender com as experiências de outros países, adoptando as bem-sucedidas e repudiando as falhadas¹⁶⁴. Além disso, demonstram o carácter percursor e pioneiro das ideias e escritos de Keil do Amaral,

¹⁶³ 'Conclusões', in Congresso Nacional de Arquitectura, 1º, Lisboa, Maio/Junho de 1948. *Relatório da Comissão Executiva. Teses. Conclusões e Votos do Congresso.* p.289-293

¹⁶⁴ A conclusão do Congresso que remete para o tema da habitação mínima, ressaltando que não são desejáveis habitações com 50m² ou menos, criticando as casas económicas do Estado Novo, parece constituir uma crítica aos modelos da Nova Frankfurt que apresentavam áreas da ordem dos 30m².

nomeadamente *O Problema da Habitação*, onde havia já identificado as carências e apontado soluções.

Além das directrizes já referidas, o Sindicato Nacional dos Architectos publica, ainda, um relatório com as conclusões gerais do Congresso – Conclusões e Votos do Congresso, onde contam, em relação ao tema da habitação, as seguintes resoluções:

- Que se organizem os inquéritos e as estatísticas necessárias ao perfeito conhecimento dos seguintes dados – base imprescindível para um estudo consciencioso deste problema:

- Necessidades da população em matéria de alojamentos;*
- Características dos agregados familiares;*
- Recursos económicos da população;*
- Número, características e localização das casas insalubres tanto nos núcleos urbanos como nos meios rurais.*

- Que o Estado encare o problema da habitação económica, pondo de parte a preocupação de recuperar directamente o capital nele investido, para evitar que um baixo nível de salários imponha às casas económicas restrições nas condições de habitabilidade, incompatíveis com a dignidade humana.

- Que, para evitar erros de concepção, em vias de se generalizarem no nosso país, se não confundam ‘casas baratas’ com ‘habitações económicas’.

- Que, como medida económica indispensável para a solução do problema da habitação, se deve: - adoptar a normalização de elementos-tipo e fomentar a criação e o desenvolvimento de indústrias para a sua produção em larga escala (...).

*- Que, para proporcionar equitativamente e em boas condições funcionais e económicas, alojamentos às grandes massas da população – e por se tornar impraticável, para esse efeito, a modalidade única de moradias unifamiliares isoladas – devem ser revistos os métodos em uso, adoptando-se, ainda que a título experimental, o princípio da construção multifamiliar em altura integrada em planos racionais de urbanização (...).*¹⁶⁵

Embora o Congresso tenha tido por tema a habitação económica, ele é aqui referido por significar uma mudança no foco dos architectos: não só a habitação para todos começa a ser um tema relevante como é entendida a responsabilidade social do architecto e das suas obras, sendo defendida a análise dos factores sociais e da população como uma ferramenta de projecto. Além disso, apesar de presente apenas em

¹⁶⁵ Congresso Nacional de Architectura, 1º, Lisboa, Maio/Junho de 1948. *Conclusões e Votos do Congresso*. p.6-8

duas das teses apresentadas, é de especial importância para este trabalho a referência a estudos funcionais como base para o desenho da habitação, procurando uma adequação da habitação à sociedade contemporânea e, mais importante, aos habitantes-tipo aos quais é destinada¹⁶⁶. São estas duas facetas – adequação social e funcional da habitação – que, anos mais tarde, nas décadas de 60 e 70, irão pautar a prática e a investigação arquitectónica em Portugal, destacando-se a figura de Nuno Portas, como um dos principais impulsionadores desta nova preocupação na arquitectura, que, conforme referido, em muito se apoia na sociologia da habitação de Chombart de Lauwe.

Nesta linha, realiza-se, em 1960, o I Colóquio do Sindicato Nacional dos Arquitectos sobre Aspectos Sociais na Concepção do *Habitat*, que tem como temas Problemas da Célula Familiar¹⁶⁷, Problemas da Forma de Agrupamento de Células, Elementos Sociológicos do *Habitat* Urbano e Aspectos da *Unidade de Vizinhança* no meio Português. Para o arquitecto Carlos Antero Ferreira, o colóquio torna-se a *manifestação de uma classe que deseja tomar consciência da multiplicidade de factores intervenientes na sua acção profissional, neste caso especificamente, os factores que, directa ou indirectamente, implicam pontos de contacto com os problemas sociais sugeridos pela concepção do 'habitat' do homem*.¹⁶⁸

Este encontro conta com a importante participação de Chombart de Lauwe, à data Director do Grupo de Etnologia Social do Centro Nacional de Investigação Científica de Paris, referido como orador do CIB¹⁶⁹ de Roterdão (secção de sociologia aplicada ao *habitat*), responsável pelas palestras *Habitação e Comportamento das Famílias e Ciências Urbanas e Urbanismo*.

Uma das directrizes do colóquio é a integração da Sociologia no desenvolvimento do projecto da habitação, para *que o Homem para quem se projecta não seja mais um ser abstracto e indiferenciado, nem tão pouco um número numa estatística, ou num inquérito, mas sim uma realidade concreta, múltipla, mas individualizada*¹⁷⁰. Por isso, identificaram-se diversas carências no processo e método projectuais, nomeadamente, a

¹⁶⁶ Também o Estado acompanha esta tendência, na figura da Previdência, principal promotor público de habitação, nas décadas de 50 e 60, promovendo experimentação tipológica e aumentando o investimento público na habitação, com os primeiros planos de fomento.

¹⁶⁷ Análise de aspectos da noção de *capacidade familiar*, distribuição do fogo e necessidades evolutivas e influência do tipo de agrupamento na estrutura do fogo.

¹⁶⁸ FERREIRA, Carlos Antero – 'Aspectos sociais na Concepção do *Habitat*. I Colóquio sobre Problemas de Habitação', in *Binário*, nº 17, Fevereiro 1960, p.59

¹⁶⁹ CIB – Conseil International du Bâtiment; *Estabelecido em 1953, com o apoio das Nações Unidas, como uma associação cujos objectivos eram estimular e facilitar a colaboração internacional e câmbio de informação entre institutos governamentais de pesquisa no sector da construção. Na altura um objective implícito era auxiliar o restabelecimento da infraestruturas de pesquisa europeia na construção a seguir à destruição da II Guerra Mundial*. Disponível em <http://www.cibworld.nl>

¹⁷⁰ FERREIRA, Carlos Antero – 'Aspectos sociais na Concepção do *Habitat*. I Colóquio sobre Problemas de Habitação', in *Binário*, nº 17, Fevereiro 1960, p.60

falta de estudos associados ao tema da habitação: inquéritos, como instrumentos de conhecimento, quer à escala nacional, como regional, quer do agregado familiar; análise crítica de textos nacionais e internacionais referentes aos temas da habitação¹⁷¹; *síntese crítica das experiências realizadas, dos protótipos como das soluções de compromisso – tendência evolutiva*¹⁷².

As conclusões do colóquio são, posteriormente, publicadas na revista *Arquitectura*, destacando-se a indispensabilidade de ter em conta as necessidades reais dos moradores, criticando programas deficientes e que não correspondem à sociedade contemporânea, encorajando o recurso a estudos sociológicos e apoio nas ciências sociais, vitais na identificação das referidas necessidades:

Dado que uma adequada política de habitação só pode ser devidamente fundamentada através da análise das necessidades reais dos grupos humanos, particularmente da família, e que essa análise só pode ser feita através da utilização de métodos científicos apoiados nas ciências têm-se por indispensável e urgente o início desses estudos em Portugal.

(...)

Razões de ordem financeira e outras não poderão justificar que sejam construídas habitações com programas deficitários, não tendo em devida conta as necessidades essenciais e evolutivas dos aglomerados familiares que as vão habitar. É neste campo que as ciências humanas dão a sua imprescindível contribuição, estabelecendo, com base no conhecimento dos quadros sociológicos actuais e do estágio de evolução da sociedade considerada, as bases que deverão orientar o planeamento do 'habitat'.

(...)

*Em face do interesse que os problemas do 'habitat' têm para a classe, considera-se necessária a criação de uma secção permanente de estudo, assim como a realização periódica de colóquios para análise e debate destes assuntos, o que contribuirá para a formação e unidade dos arquitectos.*¹⁷³

É dado relevo, também, à importância da criação de complementos da habitação, vulgo equipamentos colectivos, bem como ao estudo das funções do habitar e a sua distribuição espacial:

A problemática da zona diurna, em torno das funções trabalho caseiro, refeições e reunião familiar, tornou patente a necessidade de rever os modos de compartimentar o

¹⁷¹ *Evolução dos princípios da urbanização, como conceito de habitação, estudos dos movimentos demográficos e suas determinantes, influências do meio sobre o homem (...), legislação geral e específica, higiene da habitação (...). Ibidem*

¹⁷² *Ibidem*

¹⁷³ *Idem*, p. 59

*espaço, com o suceder das propostas concretas presentes, enquanto se punha de forma central a delicada questão das áreas mínimas (...).*¹⁷⁴

A essência deste colóquio é, portanto, a chamada de atenção para a necessidade de utilização de estudos relacionados com a habitação – inquéritos, ensaios sociológicos, outros trabalhos práticos ou científicos –, no seu projecto, com vista à adequação da unidade de alojamento às necessidades reais dos seus moradores, e é nesse aspecto que reside a sua importância, marcando uma charneira no pensamento da classe em relação à habitação¹⁷⁵.

Atestando esta nova preocupação dos arquitectos portugueses, é publicado na revista *Arquitectura*, no mesmo ano no colóquio, em Julho, um artigo de Chombart de Lauwe, intitulado *Sociologia da Habitação: Métodos e Perspectivas de Investigação*. Sobre o texto, na nota introdutória lê-se: (...) *poderá constituir uma estimulante incitação aos problemas que aborda e é oportuno até na medida em que os arquitectos portugueses são agora postos perante tarefas habitacionais de extensão e responsabilidade verdadeiramente novas*¹⁷⁶. Constituindo uma base de referência para os arquitectos portugueses, o artigo estabelece o estudo das funções como um aspecto da sociologia da habitação, funções que dependem e variam conforme a definição das necessidades e aspirações dos moradores, o estudo grupo familiar/vizinhança, as transformações económicas, a evolução demográfica e as diferenças de modos de vida por camadas da população. Respeitante ao tema das funções, Lauwe realça a importância da disposição interior da habitação, nomeadamente, a separação das funções no espaço, dando três exemplos de diferentes classificações, válidos na determinação da referida separação: a divisão dia/noite (Prieur), a divisão pais/filhos (Wogenscky) e a divisão vida íntima/vida comum (Pingunsson)¹⁷⁷. No artigo são ainda enumerados alguns conceitos vitais no projecto da habitação – o conhecimento das necessidades¹⁷⁸, as condições de vida e problemas económicos e o aspecto cultural e aspirações. O segundo conceito corresponde à identificação de necessidades da família tendo em conta constrangimentos de tempo e de rendimentos – a organização do espaço doméstico dependerá do uso efectivo dos diferentes compartimentos e da disponibilidade financeira da família –; enquanto o terceiro conceito, referente ao contexto cultural,

¹⁷⁴ *Ibidem*

¹⁷⁵ (...) *poderá, no entanto, deduzir-se desde já a necessidade – como contributo indispensável para uma sã política da habitação – da aquisição de conhecimentos das necessidades da família portuguesa, conhecimento apenas possível através da concretização de inquéritos e estudos realizados no domínio das ciências sociais (...).* *Idem*, p.60

¹⁷⁶ LAUWE, Paul Chombart de – ‘Sociologia da Habitação: Métodos e Perspectivas de Investigação’. in *Arquitectura*, nº 68, Julho 1960, p.41

¹⁷⁷ A classificação das funções e a organização do interior da habitação à luz dessa classificação é um tema relevante que pode ser utilizado como um dos processos de identificação dos novos modos de habitar.

¹⁷⁸ (...) *o plano de um alojamento não pode ser elaborado sem definir a civilização em que vivem os seus ocupantes, nem o plano de urbanismo em que se insere.* *Idem*, p.42

demonstra o paralelismo entre necessidades e meio ambiente e cultural, a evolução da sociedade e da família – as necessidades de um indivíduo ou de uma família serão sempre referentes ao seu contexto¹⁷⁹. O artigo é finalizado com a referência a inquéritos como métodos de trabalho e estudo das necessidades em habitação, fazendo menção à habitação mínima e necessidades de espaço – (...) *a necessidade de espaço e a necessidade de adequação desse espaço devem ser consideradas em si mesmas e que a redução de normas de superfície, mesmo que auxiliada pela melhor disposição interior, pode ter consequências psicológicas e socialmente graves*¹⁸⁰.

A revista *Arquitectura*, meio que dá ensejo à publicação de artigos e teses da nova geração de arquitectos, propagandeia, ao longo dos anos 60, esta nova corrente de preocupações sociais relacionadas com o tema da habitação. Além dos artigos já mencionados, é publicado, em 68, o artigo *O Problema da Habitação em Portugal: Necessidades e sua Evolução*, de Raul da Silva Pereira, autor de outros trabalhos que incidem na mesma temática – *Problemática da Habitação em Portugal* e *Habitação e Urbanismo em Portugal* –, onde é feita a apologia da utilização de dados estatísticos no cálculo das necessidades habitacionais: censos, inquéritos e estatísticas sobre construção de habitações. No mesmo número da revista¹⁸¹, Claude Schnaidt publica *O Desafio à Arquitectura Moderna*, onde critica o funcionalismo puro e incita os arquitectos da sua geração a pensar criticamente a arquitectura e o seu papel na sociedade, devendo procurar servir a população, conhecendo-a de perto¹⁸². Schnaidt encoraja ainda a publicação de estudos, trabalhos e projectos, defendendo que só assim a disciplina pode progredir¹⁸³.

¹⁷⁹ As previsões de evolução da população ou os cálculos sobre as possibilidades da produção sobre a evolução das necessidades dos consumidores devem orientar os trabalhos dos urbanistas, pois sem eles é impossível estabelecer programas de construção de alojamentos que sejam válidos.

(...)para além destas mudanças sociais, é preciso saber qual o papel desempenhado pelas correntes do pensamento, das ideologias, das concepções de existência, dos diferentes sistemas de valores, dos modelos culturais a que se referem os homens que devem viver nas cidades. *Idem*, p.45

¹⁸⁰ *Idem*, p.48; em consonância com as decisões do Congresso de 48, de repúdio de habitações de áreas mínimas em abundância nas primeiras experiências de habitação pública, o *existenzminimum*, nas primeiras décadas do século XX.

¹⁸¹ SCHANIDT, Claude – ‘O Desafio à Arquitectura Moderna’. In *Arquitectura*, nº 101, Janeiro-Fevereiro 1968

¹⁸² (...) [os responsáveis pela criação de habitat] deverão pôr os problemas de forma mais radical e mais intransigente, dar prioridade às funções de utilização sobre as funções da forma (...). Por outras palavras, os arquitectos deverão trocar os sonhos de onipotência e de independência sagrada pela vontade de adaptação permanente à realidade do mundo em movimento. Eles deverão abandonar os pequenos ateliers poeirentos para ir trabalhar nos locais onde se forja a vida moderna: nos institutos de investigação, nas equipas pluridisciplinares nas grandes administrações, nas fábricas. Enfim, eles deverão aliar-se com aqueles para quem realmente trabalham: os sindicatos, as cooperativas, as associações de utentes e de inquilinos, os movimentos familiares, as organizações de jovens. *Idem*, p.37

¹⁸³ É justamente porque a medicina publica os resultados das suas experiências que ela avança mais depressa e mais seguramente que a construção. *Idem*, p.38

No mesmo ano, é editado o artigo *Desenho e Apropriação do Espaço da Habitação*¹⁸⁴, de Nuno Portas, lançando as bases da sua investigação no LNEC, uma síntese¹⁸⁵ da comunicação redigida para apresentação no Simpósio da comissão W45 do CIB, em Outubro de 1967, cujas resoluções foram publicadas em *The Social Environment and the Effect on the Design of the Dwelling and its Immediate Surroundings*. O artigo incide na temática dos inquéritos à habitação, no que concerne à sua adequação às necessidades dos moradores, destacando três conceitos fundamentais – Necessidades, Funções e Comportamentos –, relatando um inquérito conduzido, a sua metodologia e resultados. A metodologia adoptada foi uma avaliação de dois factores: a observação da função, ou funções, conexas para lhes compreender o sentido e as modificações sofridas com a diferenciação socio-cultural, tendo em conta que os ritmos quotidianos se alteram em função da idade, nível cultural e membros do grupo; e a observação das modalidades típicas de utilização ou formas de apropriação em função das necessidades e características das famílias. Portas distingue factores importantes de influência na organização do fogo – alteração do papel da mulher e dos jovens na sociedade, intensificação e diversificação da vida familiar em casa¹⁸⁶, equilíbrio entre privacidade e relação dos grupos (dentro da família e entre esta e a vizinhança) – e define as funções em que se baseia o inquérito – refeições (informais e especiais)¹⁸⁷, trabalhos domésticos (preparação de refeições, costura, engomadoria), reunião (lazer familiar, recepção), jovens, separação funções e relações de vizinhança.

Da análise dos casos de estudo¹⁸⁸, sob o ponto de vista das funções enumeradas, Portas retira algumas conclusões:

- quanto à função de refeição, e tendo em conta que algumas habitações estudadas não possuem sala de jantar, a maioria das refeições é tomada na sala de estar (57%), seguindo-se a cozinha (30%) e, com menor expressão, fora da habitação (13%), verificando-se alterações de comportamento e de apropriação da habitação, em parte devidas a constrangimentos do fogo (inexistência de compartimento próprio para uma determinada função ou, existindo, as suas dimensões e dos restantes compartimentos), e em parte determinadas por mudanças de comportamento da família e

¹⁸⁴ PORTAS, Nuno – ‘Desenho e Apropriação do Espaço da Habitação’. In *Arquitectura*, nº 103, Maio-Junho 1968, pp.124-128

¹⁸⁵ A síntese, como é referido no artigo, constitui uma apresentação do Relatório de Apuramento do Inquérito-piloto sobre utilização do espaço na habitação, levado a cabo pelo LNEC, entre 1963 e 1967

¹⁸⁶ Factores já anteriormente identificados no primeiro modernismo, presentes, por exemplo, na comunicação de Gropius para o segundo encontro do CIAM.

¹⁸⁷ Portas realça que é conhecida a importância das refeições como indicador da vida na habitação (...) e salienta, como factor importante, a tomada de refeições fora de casa (almoço sobretudo, por imposições laborais), acrescentando que a ausência do chefe de família surge como factor determinante das refeições que têm como lugar de eleição a cozinha.

¹⁸⁸ Ao todo foram 10 os projectos avaliados, dos quais esta síntese refere apenas quatro – Porto-Sobreiras T3, Lisboa-Alvalade T2, Lisboa-Olivais Norte T2 e T3.

mudanças sociais (de salientar que agregados familiares mais pequenos têm tendência a efectuar refeições na cozinha, por oposição a agregados maiores);

- quanto aos jovens, a tendência para fazer da sala comum um espaço multifuncional, contendor das funções de trabalho, estudo e recepção;

- quanto à separação de funções, a má organização dos interiores, com carência de um espaço de transição e distribuição, na entrada da habitação, como meio de defesa da intimidade dos habitantes.

Esta análise permite a Portas propor uma metodologia de projecto de habitações futuras, através de instrumentos diversos:

- método de programação das exigências de habitabilidade, decomposto em 16 funções essenciais¹⁸⁹;

- *método de formalização das interacções funcionais sob a forma de grafos, representando os subconjuntos das funções mais conexas ou compatíveis e o grau de comunicação ou separação desejáveis*¹⁹⁰;

- método de avaliação em *check-list*, como inquérito, com o objectivo de criar combinações em computador *de esquemas óptimos (ou tipos) assegurando um alto grau de satisfação das exigências humanas programadas*. (fig. 82)

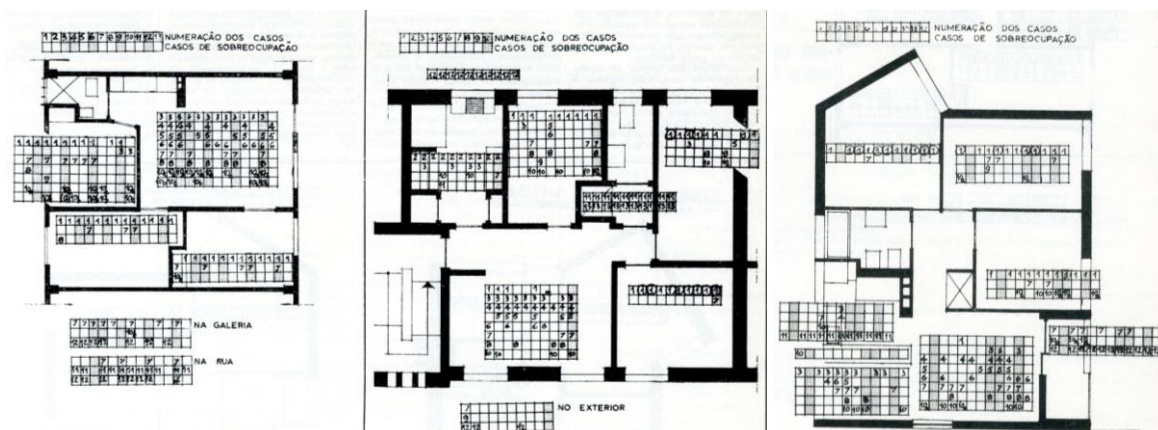
Prosseguindo esta linha de investigação, Portas publica, em 1969, com edição do LNEC, *Funções e Exigências de Áreas da Habitação*. Neste caderno, integrante da compilação 'Informação Técnica – Edifícios', continua o estudo das necessidades e exigências dos moradores em termos funcionais, propugnando que *para o projecto das habitações é imprescindível o conhecimento das necessidades fisiológicas, psicológicas e sociais dos indivíduos e do grupo familiar*¹⁹¹. Para tal, adopta o Método da Análise por Funções e Actividades, elencando 16 funções e actividades da habitação (as mesmas que no seu artigo para a revista *Arquitectura*, mencionado anteriormente) (fig.83), fazendo, por fim, uma síntese dessa análise num quadro de áreas mínimas por compartimento e habitação, segundo o autor, um *imprescindível instrumento de política da habitação – No âmbito de um plano de estudos tendente à melhoria de concepção de habitação urbana em geral (...), justifica-se uma cuidada programação das exigências humanas, a traduzir em qualidade do espaço utilizável, sua organização e equipamento*¹⁹².

¹⁸⁹ Descanso pessoal; preparação de alimentos; refeições correntes informais; refeições especiais; estar, reunião e tempos livres; estar, recepção de visitas; recreio de crianças; estudo, recreio de jovens; trabalho, recreio de adultos; tratamento de roupas – passar e costura; tratamento de roupas – lavar; higiene pessoal; permanência exterior; comunicação – separação de zonas; arrumação.

¹⁹⁰ Um género de organigrama funcional.

¹⁹¹ PORTAS, Nuno - *Funções e Exigências de Áreas da Habitação*. p.2

¹⁹² *Id.*, p.5



[82] Esquemas de Nuno Portas: Porto – T3 Sobreiras, Lisboa – T3 Alvalade e Lisboa – T3 Olivais N.

MÉTODO DA ANÁLISE POR FUNÇÕES E ACTIVIDADES

DADOS PARA PROGRAMA

Reconhecimento, definição e conteúdo da função ou actividade

Crítica semântica das designações correntes e delimitação do âmbito da designação adoptada.
Descrição dos objectivos e posição relativa no conjunto da vida quotidiana. Variação segundo o tipo de utentes. Vinculação a um espaço definido.
Duração e frequência, absoluta e relativa.
Ordenação e descrição física das acções elementares que a compõem.

Descrição dos utentes implicados

Designação dos indivíduos ou grupos por função, idade, sexo; tendências previsíveis e grau de vinculação à mesma.
Registo de situações típicas destes elementos no espaço com referência à área ocupada, distâncias mais convenientes, conformação.
Influência que se pode esperar da conformação do espaço nas relações ou independências desejáveis entre utentes.

DECISÕES DE PROJECTO

Exigências de espaço e conforto do ambiente

Registo do equipamento ou mobiliário exigido, seu número e dimensões normais.
Determinação do espaço vinculado à função ou actividade (dimensões, área, volume), a partir de 1.3, 2.2, 2.3, 3.1.
Sugestão de contorno da mesma, se vinculativa, com referência a necessidades de visibilidade ou independência, incidência solar e contacto com o ambiente exterior e ainda ao valor simbólico que assuma no espaço familiar.

Registo dos factores de conforto exigidos especificamente pela actividade ou grupos de actividades:

- Iluminação natural e artificial; obscurecimento.
- Ambiente térmico, renovação do ar, controle de humidade.
- Condicionamento acústico com especial atenção à insonorização em relação a outras zonas da habitação, a habitações vizinhas e fontes exteriores de ruído.

Exigências de inter-relações com outras funções ou actividades

Compatibilidade — ou possibilidade de acomodação no mesmo espaço com outras actividades a determinar.
Contiguidade — ou contacto com outros espaços determinados, por forma a possibilitar qualquer forma de comunicação directa.
Conexões — ou afinidades funcionais com outras actividades que conduzam à formação de grupos ou zonas.

Previsão de flexibilidade ou reconversão futura

Probabilidade de alterações qualitativas da função por motivação cultural ou técnica.
Probabilidade de alterações devidas a evolução quantitativa do agregado.

NOTA: Esta metodologia de análise foi seguida no programa que constitui a II Parte desta publicação, embora se não encontre uma estrita correspondência entre a numeração e ordem de um e outros documentos.

LISTA DAS FUNÇÕES E ACTIVIDADES DA HABITAÇÃO

Actividades	Designação do grupo	Número
— dormir ou descanso — fazer a cama — tratar de doentes ou crianças — vestir-se e arranjar-se — arrumar roupas, etc.	Dormir Descanso pessoal	1
— receber, conservar alimentos — preparar, lavar, cortar alimentos — cozinhar — preparar pratos — lavar a loiça e talheres — arrumar trém cozinha e de mesa — eliminar detritos	Alimentação Preparação	2
— pôr a mesa — servir os alimentos — comer — levantar a mesa	Alimentação Refeições correntes Alimentação Refeições formais	3 4
— conversar, jogar — descanso, leitura, escrita individual — ouvir rádio, ver TV, discos — actividade de bricolagem, tocar música, etc. — atender telefone	Estar Reunião tempos livres	5
— receber e acompanhar desde e até à entrada — actividades diversas como em (5)	Estar Receber	6
— actividade lúdica — vigilância e tratamento	Recreio — Crianças	7
— trabalhos escolares ou outros — reunir amigos: act. como em (5)	Estudo recreio — Jovens	8
— estudo ou trabalho — escritório — trabalho oficial (reparações, bricolagem, etc.) — trabalho artesanal (tecelagem, costura, etc.)	Trabalho recreio — Adultos	9
— passar, limpar — arrumar roupas — costurar à mão ou à máquina	Tratamento roupas a) Passar a ferro b) Costura	10
— lavagem, manual — lavagem mecânica	Tratamento roupas Lavagem	11
— secagem natural ou activada	Tratamento roupas Secagem	12
— lavar mãos e rosto — banhar-se ou dar banho a crianças — excreções — vestir-se, fazer «toilette», barbear-se — proceder a curativos — fazer exercícios físicos	Higiene pessoal	13
— descansar, reunião, solário — cuidar de flores ou animais — jogos ao ar livre	Permanência em exterior	14
— introdução na casa, espera — independências de grupos ou zonas — comunicação directa ou só audiovisual de zonas	Comunicação-separação	15
— guardar roupas de casa ou pessoais — guardar calçado — idem, artigos alimentares — idem, artigos de limpeza e combustíveis — idem, meios de transporte privativo	Arrumação a) Roupas b) Reserva vária	16

Além de Nuno Portas, outros autores desenvolveram o tema das necessidades e exigências funcionais na habitação, sendo este um período bastante fértil, no panorama português, no que a estudos e análises com foco na habitação diz respeito. Dos referidos autores destacam-se Maria da Luz Valente Pereira – *Inquérito Piloto sobre Necessidades Familiares em Matéria de Habitação* (LNEC, 1967), *O Uso do Espaço na Habitação* (em colaboração com Maria Amélia Gago, LNEC, 1974) e *Inquérito à Habitação Urbana* (LNEC, 1974) – e Ruy José Gomes – *Necessidades Funcionais da Habitação e Modos da Sua Satisfação* (LNEC, 1971) e *Necessidades Humanas e Exigências Funcionais da Habitação* (LNEC, 1978). De salientar o facto de todas as publicações mencionadas serem de publicação do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, denotando uma preocupação desta instituição em dotar os arquitectos portugueses de ferramentas válidas e de todos os dados necessários ao projecto de habitação, adequando as obras às necessidades efectivas da população.

Este clima de desenvolvimento teórico espelha a realidade do país, constituindo um desejo dos arquitectos de lutar contra a construção desenfreada, sem planos adequados (de urbanismo ou unidade de habitação), fruto de uma especulação imobiliária, iniciada na década de 60, e de construção popular suburbana¹⁹³, procurando estabelecer linhas orientadoras para uma boa arquitectura doméstica, representativa das necessidades e aspirações da sociedade.

Os resultados dos estudos tipológicos e funcionais encontraram aplicação em operações urbanísticas de iniciativa pública, nomeadamente nos bairros de Olivais¹⁹⁴ e Chelas, em Lisboa, e no Bairro da Pasteleira, no Porto, tendo sido convidados arquitectos portugueses de renome, encorajando-se a experimentação.

No entanto, as novas urbanizações resultantes da nova política estatal revelaram-se insuficientes a dar resposta às necessidades reais do país, colmatando apenas 10% do défice habitacional. Uma carência que conduz à construção ilegal na periferia urbana, com consequente ausência de integração urbana, equipamentos e infraestruturas, criando-se bairros clandestinos, com más condições de habitabilidade. Esta conjectura, aiada ao descontentamento popular¹⁹⁵, já no pós-25 de Abril, motiva a criação de um

¹⁹³ E assim, Lisboa (e não só), no início da segunda metade do século, é uma cidade-metrópole urbanisticamente dualista, na qual o sector marginal tomou o lugar que nos países europeus avançados tinham os grandes bairros públicos do Estado-Providência. PORTAS, Nuno – 'A Arquitectura da Habitação no Século XX Português'. In TOSTÕES, Ana et al. – *Arquitectura do Século XX – Portugal*. p.120

¹⁹⁴ Um verdadeiro laboratório de experiências tipológica e urbanística inspiradas na cultura das 'new towns' do pós-guerra inglês. TOSTÕES, Ana – 'Modernização e Regionalismo. 1948.1961'. In TOSTÕES, Ana et al. – *Arquitectura do Século XX – Portugal*. p.50

¹⁹⁵ Crítica à segregação social e geográfica de bairros sociais, especulação imobiliária e monopólio bancário, exigindo uma política popular de alojamento e equipamentos urbanos. (COSTA, Alexandre Alves da – '1974-1975. O SAAL e os Anos da Revolução'. In TOSTÕES, Ana et al. – *Arquitectura do Século XX – Portugal*)

mecanismo estatal que dê resposta à carência habitacional, o programa SAAL¹⁹⁶, posto em prática de 1974 a 1976. A importância do programa SAAL não se deve à qualidade dos projectos arquitectónicos, que Alexandre Alves da Costa caracteriza como tendo pouca inovação construtiva e de modelos, sendo sim exemplar o processo participativo que está na sua génese, transferindo o poder para os municípios e cooperativas e associações de moradores, procurando incluir estes últimos na ‘construção’ do bairro, definindo implantação, tipologias, materiais e possibilidades evolutivas. No despacho da sua criação, em 1974, pode-se ler que o programa *visa apoiar, através das Câmaras Municipais, as iniciativas da população mal alojada, no sentido de colaborarem na transformação dos próprios bairros*¹⁹⁷.

A partir de meados da década de 70, o experimentalismo é progressivamente abandonado, desaparecendo as iniciativas de habitação e acentuando-se, simultaneamente, o crescimento urbano desregulado, agravado pela falta de planos municipais e de legislação que estipule a obrigatoriedade da autoria de projectos por parte de arquitectos¹⁹⁸.

Desde então até aos nossos dias, manteve-se o domínio da especulação imobiliária, de investimento privado, sem que estas intervenções reflectam alterações sociais, comportamentos e necessidades dos habitantes, a par do desinteresse, por parte dos arquitectos, em desenvolver estudos teóricos de suporte à prática profissional, valorizando-se o mediatismo e a imagem em lugar da adequação e consciência social.

¹⁹⁶ É, no entanto, importante referir que anteriormente ao programa SAAL, houve outras tentativas de estabelecimento de políticas de habitação, através da instauração de Decretos-Lei e organismos dedicados ao problema da habitação, dos quais se salienta a criação, em 1969, do Fundo de Fomento da Habitação, através do Decreto-Lei n.º 49033, que estabelece este organismo centralizador das medidas de política habitacional, cujo objectivo último é *fomentar a construção de habitação social, servindo como um instrumento de política que visa contribuir para a resolução do problema habitacional especialmente das classes não beneficiárias dos planos de habitação das caixas de previdência ou de quaisquer outras instituições semelhantes*. (D.L. 49033/1969, disponível em Diário da República Electrónico, www.dre.pt)

É ainda digno de nota o Decreto-Lei n.º 38382, de Agosto de 1951, que constitui o REGEU – Regulamento Geral das Edificações Urbanas, ainda hoje um instrumento essencial no projecto da habitação, em Portugal.

¹⁹⁷ Cit. por COSTA, Alexandre Alves da – ‘1974-1975. O SAAL e os Anos da Revolução’. In TOSTÕES, Ana *et al.* – *Arquitectura do Século XX – Portugal*. p.67

¹⁹⁸ (...) os anos que seguiram até meados da década de 80 foram de transformação mais ou menos descontrolada do país e território. A situação geral do país impôs outras urgências, e, à anarquia popular com que muitos designaram as operações SAAL, seguiu-se o descontrolo provocado pela crescente urbanização das periferias urbanas, quase sempre de promoção privada, casuística no seu aparecimento dada a inexistência de planos de ordenamento regional ou municipal, o vazio de poder municipal o que respeita ao efectivo controlo dos territórios (...). ALMEIDA, Rogério Vieira de – ‘De 1976 ao Final de Século’. In TOSTÕES, Ana *et al.* – *Arquitectura do Século XX – Portugal*. p.80

3. Novos Modos de Habitar

O conjunto das circunstâncias atrás relatadas – a falta de iniciativas de habitação e a falta de incentivo ao desenvolvimento teórico sobre o tema, por parte dos poderes públicos e de arquitectos, que caracterizaram as últimas décadas – impõe o tratamento aprofundado do habitar, nomeadamente, e à semelhança de estudos realizados nos anos 50-70, a asserção das necessidades reais da população, de modo a poder fazer adequar as novas habitações (tipos, organização funcional interior) aos novos comportamentos e aspirações sociais.

Para tal, e conforme explanado no capítulo introdutório de metodologia proposta, será feita, aqui, uma análise dos últimos dados censitários, comparando os resultados com aqueles de censos anteriores. Esta análise, apesar de nuclear, será substanciada em textos sociológicos e estudos sobre habitação, procurando-se definir a sociedade actual e os seus modos de vida e daí retirar dados que permitam formular as características dos novos modelos de habitar.

3.1. Contextualização social contemporânea

*The relation between demography and housing has always been evident to housing policy makers. Housing need also depends on population size and household composition.*¹⁹⁹

Os Censos são um meio privilegiado de conhecimento da população de um país, *a maior fonte de informação nacional sobre a população, a família e a habitação* (INE), *informação que permitirá melhorar o conhecimento do país e constituirá um instrumento essencial para a tomada de decisão e para a definição de políticas*²⁰⁰.

Neste trabalho será importante a análise de dados referentes à aglomeração da população, a sua caracterização, modelos conjugais, família e, evidentemente, habitação, capítulos em que se divide a publicação de dados definitivos dos Censos e que se adopta neste capítulo de modo a proporcionar uma leitura e análise mais claras.

¹⁹⁹ DOL, Kees; HAFFNER, Marietta – *Housing Statistics in the European Union 2010*. p.8

²⁰⁰ Censos 2011: XV Recenseamento Geral da População; V Recenseamento Geral da Habitação. Resultados Definitivos. p. 3

População e Território

Em relação à localização da população, mantém-se a tendência de aglomeração nos centros urbanos, nomeadamente, Áreas Metropolitanas de Lisboa e Porto, reforçando a propensão para o crescimento das cidades e suas zonas periféricas, acentuando-se, assim, a concentração da população no litoral e a desertificação do interior. Na última década (intervalo censitário 2001-2011), a região de Lisboa foi aquela que registou um crescimento populacional maior, observando um aumento de 6%.

Um outro dado de grande relevância é o índice de envelhecimento da população, que tem, também, registado um aumento – em 2001 o índice era de 102, sendo, agora em 2011, de 128 (para cada 100 jovens há 128 idosos). *O envelhecimento da população representa um dos fenómenos demográficos mais preocupantes das sociedades modernas do século XXI. Este fenómeno tem marcadamente reflexos de âmbito sócio-económico como impacto no desenho das políticas sociais e de sustentabilidade, bem como alterações de índole individual através da adopção de novos estilos de vida.*²⁰¹ Este indicador é importante pois revela um modelo familiar crescente, como se verá no capítulo dedicado às famílias, que deve ser tido em conta na análise das tendências habitacionais futuras.

No que diz respeito ao modelo conjugal, continua a verificar-se a predominância do casamento na sociedade portuguesa – 47% da população é casada, sendo que, do total de casamentos, 13% corresponde a uniões de facto (esta percentagem ascende a 20% na região de Lisboa); 40% é solteira. De 2001 aos presentes censos, verifica-se um aparente decréscimo da predominância do casamento (cerca de 46% de casamentos com registo e 6% de uniões de facto, em 2001) e um aparente aumento do número de solteiros (aproximadamente 37% da população, em 2001)²⁰².

No entanto, a análise destes dados não é simples e directa, devido à alteração do conceito base em relação à modalidade conjugal: *nos Censos 2011 a observação do estado civil é efectuada tendo em conta a situação legal e não a situação de facto, como foi prática nos recenseamentos de 1991 e 2001. (...) Assim, importa salientar que estaremos a designar, com o mesmo nome, variáveis cujo conteúdo é efectivamente diferente, pelo que as respectivas modalidades não são directamente comparáveis; por*

²⁰¹ Censos 2011: XV Recenseamento Geral da População; V Recenseamento Geral da Habitação. Resultados Provisórios. p.14

²⁰² Comparativamente ao intervalo censitário anterior, 1991-2001, verifica-se uma continuidade no que diz respeito à diminuição de casais casados (aproximadamente 48% em 1991, 46% em 2001 e 40% em 2011), embora tenha aumentado o número de uniões de facto. A população solteira decresceu entre 1991 e 2001, voltando a aumentar de 2001 a 2011, verificando-se, simultaneamente, um aumento significativo de divórcios (aproximadamente 2% e 3% em 1991 e 2001 e 6% em 2011).

*exemplo, o número de solteiros apurado em 2001 não poderá ser directamente comparado com o número de solteiros em 2011. Acresce ainda a alteração dos conceitos de casamento e de união de facto que passam a contemplar também os casamentos entre pessoas do mesmo sexo e as uniões de facto do mesmo sexo, situações não consideradas no passado. Esta alteração não inviabiliza, todavia, a comparabilidade aproximada dos resultados com a série censitária dos Censos 2001 (...)*²⁰³.

Estes dados são importantes na definição dos modelos familiares, analisados mais à frente.

Um último dado relevante em relação à caracterização da população portuguesa é referente aos movimentos pendulares, *i.e.*, as deslocações casa-trabalho-casa. Os dados recolhidos apontam para um aumento da população residente nas periferias das grandes cidades, aumentando o número de pessoas em grandes deslocações casa-trabalho.²⁰⁴

Família

*Na última década acentuaram-se as transformações que se vinham operando na família e no lugar que esta ocupa na sociedade.*²⁰⁵

O INE distingue dois tipos de família: a clássica e a institucional. A Família Clássica corresponde ao *conjunto de pessoas que residem no mesmo alojamento e que têm relações de parentesco (de direito ou de facto) entre si, podendo ocupar a totalidade ou parte do alojamento, considerando-se, também como família clássica qualquer pessoa independente que ocupe uma parte ou a totalidade de uma unidade de alojamento*²⁰⁶. A Família Institucional define-se pelo *conjunto de pessoas residentes num alojamento colectivo que, independentemente da relação de parentesco entre si, observam uma disciplina comum, são beneficiários dos objectivos de uma instituição e são governados por uma entidade interior ou exterior ao grupo*²⁰⁷. Do grupo de famílias clássicas fazem parte distintos modelos familiares.

No presente recenseamento mantém-se a tendência de aumento do número de famílias clássicas, embora menos acentuado que na década anterior.

²⁰³ Censos 2011: XV Recenseamento Geral da População; V Recenseamento Geral da Habitação. Resultados Provisórios. p.18

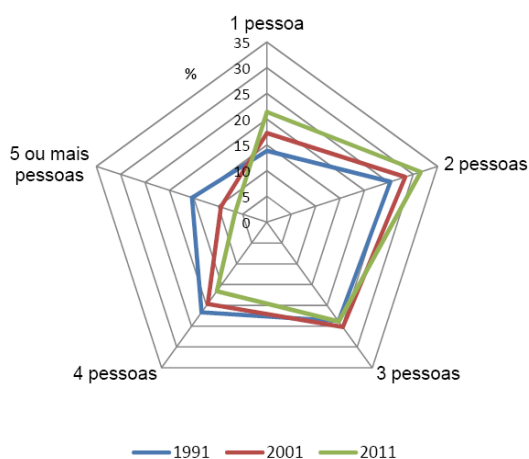
²⁰⁴ Em 2011, as sub-regiões da Grande Lisboa e Grande Porto continuaram a ser grandes bolsas de população flutuante. Censos 2011: XV Recenseamento Geral da População; V Recenseamento Geral da Habitação. Resultados Definitivos. p.35

²⁰⁵ Censos 2011: XV Recenseamento Geral da População; V Recenseamento Geral da Habitação. Resultados Provisórios. p.26

²⁰⁶ Censos 2011: XV Recenseamento Geral da População; V Recenseamento Geral da Habitação. Resultados Definitivos. p. 547

²⁰⁷ *Ibidem*

Quanto à dimensão média da família, esta tem decrescido – em 2001 era de 2.81, sendo, em 2011, de 2.58 (de realçar que em Lisboa este indicador é mais baixo: 2.4 pessoas por família)²⁰⁸. Segundo a publicação dos dados provisórios, existem hoje menos famílias numerosas (6.5%, em 2011, por oposição a 9.5%, em 2001, e 15.4%, em 1991), tendência que se deverá acentuar na próxima década, aumentando, simultaneamente, ou por consequência, o número de famílias com menor dimensão (21.4% são famílias unipessoais e 31.6% são compostas por duas pessoas; em 1991 as percentagens respectivas eram aproximadamente 15% e 21% e, em 2001, de 21% e 25%), que, à semelhança, tendencialmente se acentuará no futuro.



	2001	2011
Famílias clássicas (número)		
Portugal	3 650 757	4 043 726
Dimensão média		
Portugal	2,81	2,58
(%)		
Famílias clássicas unipessoais		
Portugal	17,3	21,44
Famílias clássicas com uma pessoa idosa (65 ou mais anos) a viver sozinha		
Portugal	8,79	10,06

[84] [85]

Relacionado com estes indicadores, aumenta conjunta e consideravelmente – 36% – o número de famílias monoparentais²⁰⁹. *O aumento da proporção de núcleos familiares monoparentais, no total de núcleos familiares, cerca de 4 pp entre 2001 e 2011, é revelador da alteração do modelo de vivência familiar que tem vindo a operar-se nas sociedades modernas.*²¹⁰

Verifica-se, paralelamente, um aumento das famílias unipessoais²¹¹ (17.3%, em 2001, 21.44%, em 2011), com maior expressão nos distritos do interior e sul e nas regiões de Lisboa e Porto (35% e 31% respectivamente), sendo de realçar, igualmente, o incremento de famílias unipessoais compostas por um idoso (8.79%, em 2001, para 10.06%, em 2011). Este último dado relaciona-se com o já mencionado crescente índice

²⁰⁸ O número de casais com filhos tem vindo a diminuir, embora seja, ainda, o modelo predominante (64.76%, em 2001, para 58.79%, em 2011).

²⁰⁹ 2001 – 11.5%; 2011 – 14.89%

²¹⁰ *Censos 2011: XV Recenseamento Geral da População; V Recenseamento Geral da Habitação. Resultados Definitivos*. p. 62

²¹¹ No seu artigo 'A Minha Casa é o meu Mundo: Consumos que Demarcam no Quotidiano do Viver Só' (revista *Sociologia Online*, nº 4, Setembro 2011), Rosário Mauritti afirma que 1/5 dos alojamentos em Lisboa é ocupado por uma só pessoa.

de envelhecimento e traz à luz um outro factor importante, referenciado e relevado pelo INE na publicação de resultados provisórios: *O número de famílias institucionais aumentou também na última década de forma muito expressiva, cerca de 25.7%, o que de certa forma traduz o aumento do número de instituições particularmente vocacionadas para responder às necessidades de uma sociedade cada vez mais envelhecida.*²¹²

Habitação

Na última década registou-se um aumento do número de edifícios e de alojamentos, sendo o último superior ao primeiro (16.3% contra 12.2%), revelando uma maior densidade construtiva²¹³. Esta densidade é mais elevada em Lisboa e Almada, sendo em Lisboa oito vezes superior à média nacional.

O número médio de alojamentos por edifício aumenta, portanto, contando a média nacional com 1.7²¹⁴. Lisboa é a região com uma média mais elevada (3.3 alojamentos por edifício), seguida de Setúbal (2.5) e Grande Porto (2.3). Uma vez que este indicador é superior a 1 (o que indica que há apenas um alojamento por edifício – moradia unifamiliar –, o que se verifica na maior parte dos municípios do país), denota-se algum aumento da tendência de construção de edifícios colectivos: *segundo os resultados provisórios, cerca de 4.1% dos edifícios do país possuem 7 ou mais alojamentos. Este indicador era em 2001 de 3.6%*²¹⁵. Uma vez mais, Lisboa é a região onde este valor é mais elevado, devido a uma densidade construtiva maior, contando com 16.3% de edifícios com mais de sete alojamentos. *Na região de Lisboa predomina a construção em altura: 12.5% dos edifícios correspondem a 24.8% dos fogos totais*²¹⁶.

E, no sentido de uma aproximação às recomendações internacionais e de uma melhor caracterização do parque habitacional, os Censos 2011 disponibilizam, pela primeira vez, informação sobre a tipologia do edifício, distinguindo os edifícios clássicos, estruturalmente construídos para possuírem 1 ou 2 alojamentos familiares, daqueles que estruturalmente foram construídos para possuírem 3 ou mais alojamentos familiares²¹⁷. A

²¹² Censos 2011: XV Recenseamento Geral da População; V Recenseamento Geral da Habitação. Resultados Provisórios. p. 27

²¹³ A publicação das Estatísticas da Construção e Habitação 2010, do INE, refere o aumento, na última década, de 8.5% do número de edifícios de habitação familiar clássica, bem como o aumento de fogos em 12.6%. Refere ainda a diminuição do número de habitantes por fogo, de 2.02 para 1.85 (-8.4%).

²¹⁴ Este valor era de 1.6, em 2001, e 1.5, em 2011.

²¹⁵ Censos 2011: XV Recenseamento Geral da População; V Recenseamento Geral da Habitação. Resultados Provisórios. p. 33

²¹⁶ Estatísticas da Construção e Habitação 2010. p.28

²¹⁷ Censos 2011: XV Recenseamento Geral da População; V Recenseamento Geral da Habitação. Resultados Provisórios. p. 34

larga maioria – 90.7% – corresponde, então, a edifícios com 1 ou 2 alojamentos, havendo 8.2% de edifícios com 3 ou mais alojamentos²¹⁸.

Em relação ao índice de envelhecimento dos edifícios, apesar de baixo na generalidade do país, o parque habitacional é mais envelhecido nas regiões de Lisboa e Porto, com excepção dos municípios em torno destas duas cidades, com parque habitacional mais jovem, indicando uma maior intensidade construtiva periférica, como resposta à falta de habitação no centro urbano.

O recenseamento procura igualmente caracterizar a unidade de alojamento. Desde o último Censos, registou-se um aumento do número médio de divisões²¹⁹ no alojamento – 4.98, em 2011, 4.62, em 2001 – tendência que se tem mantido (em 1991, o valor médio de divisões era de 4.46). Este valor é mais baixo na região de Lisboa – 4.57 –, onde se verifica, também a tendência de aumento do número médio de divisões de um alojamento – 4.3, em 2001, 4.18, em 1991. A publicação de Censos de 2001 retira, acerca deste valor e dos resultados gerais, uma conclusão interessante e aplicável actualmente: *O número médio de divisões por alojamento aumentou na última década, paralelamente a uma diminuição do número de pessoas por família, o que significa que o espaço é entendido cada vez mais como um importante elemento de conforto da habitação.*²²⁰

Além do número de divisões, os censos procuram caracterizar, pela primeira vez, a dimensão do alojamento através da sua superfície. Assim, o alojamento médio nacional tem 109.9 m² de área útil²²¹. Como no indicador anterior, Lisboa apresenta um valor inferior – 96 m². Podemos, com este novo dado tentar estimar a superfície útil por habitante, se, para isso, tivermos em conta a dimensão média do agregado familiar – 2.58 média portuguesa, 2.4 média em Lisboa – chegando a valores de 42.60m² por

²¹⁸ Estes valores alteram-se um pouco na região de Lisboa, não sendo tão extremados – 71.6% de edifícios com 1 ou 2 alojamentos e 26.5% com 3 ou mais.

²¹⁹ Definição de divisão do INE: *Espaço num alojamento delimitado por paredes tendo pelo menos 4 m² de área e 2 metros de altura, na sua maior parte. Podendo embora satisfazer as condições definidas, não são considerados como tal corredores, varandas, marquises, casas de banho, despensas, vestíbulos e a cozinha se tiver menos de 4 m².* Censos 2011: XV Recenseamento Geral da População; V Recenseamento Geral da Habitação. Resultados Definitivos. p. 544

²²⁰ Censos 2001: XIV Recenseamento Geral da População; IV Recenseamento Geral da Habitação. Resultados Definitivos. p. XCII

²²¹ Apesar de esta caracterização constituir uma novidade nos Censos, existem dados europeus referentes a 2000 ('Statistiques sur le Logement dans l'Union Européenne 2001', *Le Logement en Europe*, citados no relatório do CET), que apontavam para uma área média, em Portugal, de 83.00m² e que permitem concluir que se verificou um aumento da área média das habitações de 32.40%, aproximadamente.

pessoa em Portugal e 40m² em Lisboa²²². Além disso, sabendo o número médio de divisões pode-se inferir a área média por divisão, cujos valores são de 22.07m², na média nacional, e 21.01m², em Lisboa.

Eurostat

Além desta análise dos dados censitários portugueses, é importante uma breve observação das estatísticas europeias em relação à população e habitação, de modo a permitir perceber se as tendências em Portugal são coincidentes com a realidade europeia, o que, a verificar-se, permite um conjunto de conclusões mais substanciado. Para tal, procurando uma comparação mais fidedigna e tendo em conta que os dados do Eurostat referentes a estas matérias são de publicação anual, foi feita, quando possível, uma análise comparativa de valores de 2011 por oposição a 2001, os mesmos anos dos censos em Portugal. Foi também dada primazia aos dados referentes à Europa a 15 estados membros, em que se inclui Portugal, por constituir o conjunto de países cultural, económica e socialmente mais próximos da nossa realidade.

Esta análise revela, então, que a dimensão média da família tem decrescido lentamente, situando-se, presentemente, nos 2.3 membros, um valor abaixo da média portuguesa, mas próximo do registado na região de Lisboa. Esta tendência de redução do núcleo familiar verifica-se tanto na realidade europeia como na portuguesa, sendo mais acentuada nesta última, com um decréscimo de 8.19%²²³.

Se atentarmos na dimensão da família segundo o número efectivo de elementos, verificamos que, tanto em Portugal como na generalidade da Europa dos 15, a tendência é para um aumento das famílias unipessoais ou com dois elementos apenas e decréscimo dos núcleos familiares de três, quatro e cinco ou mais elementos, apresentando as subidas e descidas variações mais elevadas nos núcleos familiares mais extremados (unipessoais e numerosas).

Conclui-se que o núcleo familiar mais comum na Europa é aquele constituído por apenas uma pessoa, seguido do de duas e três pessoas (este bastante mais destacado dos outros dois, com metade da percentagem do primeiro), por oposição à nossa realidade, com predominância do núcleo de duas pessoas, seguido do de três e uma pessoa.

A composição do núcleo familiar conduz-nos a outros indicadores importantes. Um deles, bastante sintomático das alterações familiares europeias, é o aumento de

²²² É interessante pensar que nos nossos dias, em Lisboa, a média por habitante é de 40m², quando esta era a área de uma habitação para uma família preconizada no programa de Ernst May para as novas urbanizações de Frankfurt na década de 1920.

²²³ Embora só existam dados do Eurostat concernentes a esta matéria a partir de 2005.

pessoas solteiras em 45%²²⁴. Outros igualmente relevantes são o aumento de casais de idosos (acima dos 65 anos) – 0.7% – e o aumento das famílias monoparentais, em percentagem idêntica. Em relação à parentalidade, verifica-se a predominância de dois filhos por casal (17.5%), seguido de um filho (11.9%) e três ou mais filhos (6.9%), sendo, no entanto, a variável de um filho por casal aquela que registou aumento desde 2001, de 1.9%, havendo um decréscimo das restantes, mais acentuado nos três filhos por casal (-2.1%) que nos dois filhos (-0.5%).

A publicação europeia referente a estatísticas habitacionais sumariza correctamente esta tendência: *apart from population decline, the data indicate that households across the EU have become smaller: this is a result of more older (and thus smaller) households but also fewer children and more young single person households.*²²⁵

Perante estes indicadores, e apesar da actual predominância de casal e dois filhos, prevê-se que a tendência europeia, assim como da portuguesa, seja a de contínua redução do núcleo familiar.

Se, por um lado, existem bastantes dados que permitem caracterizar a população europeia, por outro eles são mais escassos em relação à habitação, podendo apenas inferir-se tendências de tipos de alojamento e da sua composição em termos de dimensão (número de divisões). No que diz respeito a tipos de edifícios, e apenas analisando os dados referentes às áreas densamente povoadas (centros urbanos), verifica-se a predominância da moradia (43.64% das habitações), embora se tenha registado uma descida do número de edifícios desta natureza, de 1.39%, desde 2005. Segue-se-lhe o apartamento em edifício de 10 andares, com 33.33% (com um aumento desde 2005 – 1.23%) e o apartamento em edifício de menos de 10 andares, com 22.22% (aumento de 1.85%, desde 2005). Destes dados retira-se que a unidade habitacional (apartamento) em edifício colectivo é o tipo de alojamento dominante (55.55%), nos centros urbanos, na Europa, verificando-se, segundo dados do Eurostat, a mesma preponderância em Portugal (65.02%, onde as percentagens de cada tipo são bastante equilibradas: moradias 34.31%, apartamentos em edifícios com menos de 10 andares 34.08% e acima de 10 andares 30.94%). O país com maior domínio de moradias em relação a outros tipos é o Reino Unido, com 81.02%, apesar de se observar um decréscimo de 19.42% desde 2005, um valor considerável. O país em que se inverte esta tendência é Espanha, em que predominam os apartamentos em edifícios de 10 andares (68.09%), seguidos dos apartamentos em edifícios com menos de 10 andares (16.73%) e moradias (15.18%).

²²⁴ Variação de 2001 a 2011, na Europa dos 15.

²²⁵ DOL, Kees; HAFFNER, Marietta – *Housing Statistics in the European Union 2010*. p.8

Em relação à dimensão do alojamento, a moda europeia²²⁶ situava-se, em 2001²²⁷, em quatro divisões²²⁸ por habitação, valor que se mantém se analisarmos separadamente à luz do número de habitantes, com excepção das habitações em que reside apenas uma pessoa, em que a moda é de três divisões. Os mesmos dados indicam que, em Portugal, a moda de quatro divisões se mantém, com maior incidência que no conjunto dos países europeus. Destes valores depreende-se que o parque habitacional português é, predominantemente, constituído por alojamentos de 4, 3, 5 e 2 divisões, por ordem de incidência, sendo os de 2, 3 e 4 divisões mais frequentes no nosso país que nos restantes europeus.

	1 divisão		2		3		4		5		6		7		8		9	
	valor	%	valor	%	valor	%	valor	%	valor	%	valor	%	valor	%	valor	%	valor	%
total	6251280	3.78	19299764	11.67	35577974	21.50	41.509.665	25.09	32.610.450	19.71	17.142.800	10.36	6.742.675	4.08	3234120	1.96	1462368	0.88
1pax	4014790	10.00	8045728	20.04	9907541	24.68	8709260	21.69	5454673	13.59	2457897	6.12	787988	1.96	319351	0.80	143216	0.36
2pax	1218949	2.67	5375527	11.80	9820380	21.55	11767680	25.82	9319865	20.45	4711037	10.34	1753240	3.85	827701	1.82	359504	0.79
3pax	533841	1.77	2824210	9.34	6370669	21.07	8074326	26.70	6687806	22.12	3361159	11.12	1261175	4.17	584611	1.93	257186	0.85
4pax	296409	1.04	1996873	6.99	5345858	18.72	7424830	26.00	6733496	23.58	3818875	13.38	1547087	5.42	737046	2.58	323564	1.13
5pax	112314	0.95	733330	6.18	2219361	18.71	3019511	25.46	2554741	21.54	1645758	13.88	792103	6.68	400022	3.37	177967	1.50
Portugal	18415	3.26	69429	12.29	125375	22.19	170937	30.25	110467	19.55	39999	7.08	16352	2.89	6919	1.22	3405	0.60

[86] Fonte: Eurostat

Por fim, a União Europeia, na sua procura pela exacta caracterização da população e das suas condições de vida, investiga o *overcrowding* (sobrelotação ou existência de espaço suficiente na habitação), que considera ser *uma das dimensões chave na percepção das condições de vida*²²⁹. Os dados de 2011 apontam para a existência de 10.1% de sobrelotação na Europa a 15. Portugal situa-se pouco acima da média europeia, com 11%, verificando-se que são os países economicamente mais desenvolvidos aqueles com percentagens inferiores (Holanda 1.7%, Bélgica 2.2%, Noruega 5.1%). O Eurostat relaciona a sobrelotação com a camada da população em risco de pobreza (à semelhança das conclusões de Teige), embora afirme que nem todos os casos de sobrelotação se dão neste sector populacional. Aliás, é possível que alguma

²²⁶ Para este indicador não foram tidos em conta os países constituintes da Europa a 15, devido a falta de dados do Eurostat, sendo considerados todos os países europeus nos quais tais dados foram efectivamente recolhidos.

²²⁷ São apenas apresentados dados para 2001.

²²⁸ A definição de divisão nos censos e Eurostat é a constante nas *Recommendations for the 2000 Censuses of Population and Housing in the ECE Region - Statistical Standards and Studies*, New York and Geneva, 1998 – segundo as quais instalações sanitárias, kitchenettes, corredores, varandas e espaços de arrumos ou técnicos não são entendidos como divisões: *A room is defined as a space in a housing unit or in living quarters other than housing units enclosed by walls reaching from the floor to the ceiling or roof covering, or at least to a height of 2 metres above the ground, of a size large enough to hold a bed for an adult (4 square metres at least) and at least 2 metres high over the major area of the ceiling. Thus, normal bedrooms, dining rooms, living rooms, habitable cellars and attics, servants' rooms, kitchens and other separate spaces used or intended for habitation all count as rooms. A kitchenette (i.e. a kitchen of less than 4 square metres or 2 metres wide), corridors, verandahs, utility rooms (e.g. boiler rooms, laundry rooms) and lobbies do not count as rooms; nor do bathrooms and toilets (even if they are more than 4 square metres).* Eurostat's Concepts and Definitions Database. Disponível em http://ec.europa.eu/eurostat/ramon/index.cfm?TargetUrl=DSP_PUB_WELC

²²⁹ 'Living conditions and Social Protection', in *Europe in Figures – Eurostat Yearbook 2011*, p.280

sobrelotação se deva ao aparecimento de agregados familiares complexos por alargamento (vários núcleos familiares na mesma unidade habitacional). Como descreve Pedro Vasconcelos, em relação ao recenseamento de 2001, (...) *a complexidade doméstica está crescentemente associada ao acolhimento de núcleos familiares monoparentais, e não tanto ao acolhimento quer de pais idosos (...), quer de jovens casais com a impossibilidade de autonomização residencial (...). O que daqui ressalta (...) é a fragilidade social de muitas das situações de monoparentalidade, onde poderão não existir recursos suficientes para uma efectiva autonomização residencial e social.*²³⁰

Hoje em dia, esta sobrelotação poderá dever-se, ao contrário do que se verificava em 2001, ao retorno de pessoas (nalguns casos acompanhadas do seu núcleo familiar) à casa paterna, pela razão apontada por Vasconcelos: falta de autonomização económica repentina e transitória, tornando-se a complexidade uma *estratégia de apoio em circunstâncias ou situações de relativa carência ou dificuldade (social, económica, média, etc.)*²³¹.

Uma vez referidos os dados censitários relevantes, é importante identificar as grandes tendências por eles apontados, em termos de população, em especial agregados familiares, e habitação, de modo a possibilitar retirar daí conclusões que fundamentem os novos modelos do habitar futuro.

Em termos mais gerais, acentua-se a concentração populacional nos centros urbanos (sendo Lisboa a região com maior crescimento), demonstrando que a tendência é para o contínuo desenvolvimento das grandes cidades. No entanto, o aumento dos movimentos pendulares indicia uma possível carência de habitação nos centros, por falta de oferta de alojamento adequado ou economicamente acessível.

É no que aos modelos familiares diz respeito que se verificam as maiores alterações e que se acentuam tendências traçadas nas últimas décadas. Determinantes são o envelhecimento da população (muitas vezes em famílias unipessoais ou integrantes de famílias institucionais); a redução da dimensão média do núcleo familiar (por ordem de incidência, predominam as famílias de duas, três e uma pessoa)²³², o que nos remete para o aumento das famílias unipessoais e a crescente relevância do número

²³⁰ VASCONCELOS, Pedro – ‘Famílias Complexas: Tendências de Evolução’. In *Sociologia: Problemas e Práticas* [em linha], nº 43, 2003, p.88

²³¹ *Id.* pp.88-9

²³² Indicador que, segundo Sofia Aboim, atesta a *linha de continuidade na consolidação do processo de privatização da vida familiar*. ABOIM, Sofia – ‘Evolução das Estruturas Domésticas’. In *Sociologia: Problemas e Práticas* [em linha], nº 43, 2003, p.17

de pessoas solteiras (40% em Portugal, 44.67% na média Europeia²³³), sendo, igualmente, indicativos a redução de casais com filhos e o aumento de famílias monoparentais. Estamos, portanto, perante a consolidação de novos modelos familiares, de crescente importância face ao núcleo tradicional. Estas circunstâncias são sintomáticas de uma modernização da vida familiar que se tem vindo a efectivar: a informalização da conjugalidade, descolagem de casamento e parentalidade, aumento do divórcio, aumento da taxa de actividade feminina, diminuição da taxa de natalidade e adiamento da maternidade. (Aboim, 2003)

Alguns destes factores, como o protelamento da maternidade por parte dos jovens, podem reflectir a falta de estabilidade profissional e financeira, cada vez mais difícil de atingir. Pedro Moura Ferreira faz corresponder o período de reprodução familiar, portanto a existência de filhos, às idades activas profissionalmente, defendendo que os casais sem filhos são aqueles sem actividades económicas ou desempregados²³⁴. Será possível, assim, concluir que o aumento da taxa de desemprego equivale ao potenciar da ausência de filhos? Esta será uma questão interessante na presente conjuntura, em que o desemprego jovem atinge grandes proporções.

Em relação à habitação, verifica-se uma tendência para uma maior densidade construtiva e o crescente desenvolvimento de habitação colectiva (não só em Portugal, como na média europeia, onde se verifica que a moradia tem vindo a perder peso relativo, mantendo-se importante, cada vez mais, a tipologia do apartamento em edifício colectivo).

Se, por um lado, o edifício habitacional tem vindo a densificar-se, a célula habitacional tem aumentado em número de espaços que a compõem, apesar da redução do núcleo familiar, permitindo uma maior área por habitante. Este aumento de espaços na habitação concomitantemente com a redução de membros do agregado familiar pode significar uma maior privatização e intimidade destes espaços, espelho da individualização da sociedade e privatização da vida familiar e revelando a herança dos princípios espaciais aplicados à habitação do movimento moderno.

²³³ Não existem dados referentes à média dos países da Europa dos 15, nem Europa dos 27, sendo este valor calculado com base nos dados recolhidos em apenas alguns dos países europeus, dos quais não consta a totalidade dos integrantes em nenhuma das categorias referidas.

²³⁴ FERREIRA, Pedro Moura – 'Tendências e Modalidades da Conjugalidade'. In *Sociologia: Problemas e Práticas* [em linha], nº 43, 2003 pp. 67-82

4. À Procura dos Novos Modos de Habitar, Concluindo

*(...) o plano de um alojamento não pode ser elaborado sem definir a civilização em que vivem os seus ocupantes (...).*²³⁵

A ideia subjacente a este trabalho é o facto da habitação e os modelos habitacionais serem um produto da sociedade em que se inserem, sendo, por isso, vulneráveis às suas alterações²³⁶.

Por esta razão temos o dever²³⁷ de, enquanto arquitectos, procurar perceber as evoluções e transformações sociais e procurar interpretá-las de modo a criarmos estruturas adequadas às necessidades e aspirações da população, neste caso, em termos de habitação, adequando-a ao homem e ao modelo familiar contemporâneo (procurando que os espaços domésticos permaneçam apropriados ou se consigam adaptar a necessidades e aspirações futuras).

Analisando, então, estas transformações e tendo em conta que a sociedade é composta por indivíduos que se agrupam de diversos modos, uma das alterações mais significativas é a dos modelos familiares, uma vez que assenta na transformação da família/agregado, unidade base do alojamento. Esta transformação, que se tem vindo a operar desde meados do século XX, acentua-se na última década, não só apenas em Portugal, mas também de um modo generalizado nos seus congéneres europeus, sendo, como já observado, a redução do agregado familiar (em Portugal, abaixo dos três membros por agregado) a sua faceta mais visível e relevante, a par da qual, e talvez como factor causal, se pode referir a crescente importância de novos modelos familiares, afastando-nos do padrão da família nuclear do casal com filhos. Assim, emergem, de um modo cada vez mais evidente, os agregados unipessoais e monoparentais, registando-se, ainda, um aumento do número de casais sem filhos.

²³⁵ LAUWE, Paul Chombart de – ‘Sociologia da Habitação: Métodos e Perspectivas de Investigação’. In *Arquitectura*, Lisboa, N. 68 (Julho 1960), p. 41-50

²³⁶ (...) aspectos essencialmente demográficos a que a discussão sobre os novos modos de habitat tem estado circunscrita são essencialmente o resultado de um conjunto de profundas e interdependentes transformações sociais, com múltiplas consequências ao nível de vida dos indivíduos. E desta forma o modelo de análise que se perfilha não pode deixar de entender as ‘novas necessidades’ de habitação à luz das alterações ao nível dos valores e estilos de vida emergentes. (...) a casa, devido à sua componente física, permite tornar concretos os valores que orientam os estilos de vida individuais, tornando-se um veículo privilegiado de demonstração desses estilos de vida, agora múltiplos. GUERRA, Isabel; MOURA, Dulce; PEREIRA, Sandra Marques - *Novas Necessidades de Habitação: Alterações Socio-Demográficas e Oferta Habitacional. Relatório Final*. p. 27 e 29

²³⁷ Como defendiam e empreenderam os principais impulsionadores do Movimento Moderno, com especial destaque para Walter Gropius, para quem a questão social era fundamental.

A alteração daquela que é entendida como unidade base no projecto e programa da habitação é de vital importância. De acordo com estas tendências sociais, devemos hoje repensar o programa da habitação, adequando-o, também²³⁸, aos novos modelos de organização familiar. Uma das alterações mais evidentes é a redução do alojamento (área e espaços constituintes), devendo-se, no entanto, equacionar igualmente a sua organização interna. Em suma, **a uma redução do núcleo familiar deverá corresponder uma redução do espaço doméstico (ou, pelo menos, uma redução do número de compartimentos que o compõem)**. Em termos práticos, esta característica (redução familiar) leva-nos a afirmar a necessidade de rever tipologias construtivas, sobretudo se se tiver em conta que a tipologia mais frequente em novos alojamentos é o T3 (45.8%; *Construção e Habitação 2010*), que, à luz dos dados censitários, se revela sobredimensionado para o núcleo familiar médio contemporâneo e se adivinha sê-lo ainda mais no futuro, se a tendência de aumento de núcleos familiares de uma ou duas pessoas se continuar a verificar e acentuar.

Apesar de evidente, a necessária inovação na redução da habitação encontra entraves nos regulamentos nacionais em vigor²³⁹, nomeadamente PDM's – Planos Directores Municipais – e RGEU – Regulamento Geral das Edificações Urbanas –, constituindo este último um instrumento essencial, mas desactualizado, visto que se baseia no modelo familiar tradicional, não entendendo os novos e emergentes agregados domésticos²⁴⁰, devendo ser equacionada a sua reformulação.

Um exercício interessante no que à aplicação de novos dados demográficos à habitação diz respeito é o concurso PAN 14, realizado em França, em 1987, descrito no livro *Penser l'Habité; Le Logement en Questions*, de Eleb-Vidal *et al.*, um concurso de concepção de um conjunto habitacional cujo programa deveria assentar nas alterações do modelo cultural e evolução dos modos de vida evidenciados pelo recenseamento de 1982. Em algumas das soluções apresentadas foi equacionado o valor do quarto (que tipo, funções a albergar, definição espacial) e da sala de jantar (*la salle a manger semble être un lieu encore plus négligé aujourd'hui*.²⁴¹) A conclusão de que poderá haver programas de habitação que não incluem certos espaços ou funções é válida para a

²³⁸ O estudo do CET, amplamente referido, faz uma ressalva a este repensar da habitação tendo em conta os novos agregados, aconselhando a *relativizar o peso determinante da variável – tipo de agregado –, na estruturação dos modos de habitat.* (op. cit, p.27) Contudo, conforme o recenseamento de 2011, sendo agregado mais comum o de duas pessoas, seguindo-se o de três e de uma pessoa, será mais correcto projectar habitação para estes novos e mais reduzidos modelos familiares, sobretudo em zonas urbanas, onde esta tendência é maior.

²³⁹ Visão partilhada pelas autoras do relatório do CET.

²⁴⁰ Karel Teige criticara o Movimento Moderno por se centrar no modelo familiar tradicional, percebendo, já naquela altura, a existência de múltiplas formas de constituição familiar.

²⁴¹ ELEB-VIDAL, Monique; CHATELET, Anne-Marie; MANDOUL, Thierry – *Penser l'Habitée; Le Logement en Questions*. p.96

análise presente, sobretudo numa perspectiva da alteração dos modelos de consumo e consequente satisfação de diversas necessidades fora da habitação (a desenvolver adiante). Hoje em dia podemos, por isso, pôr em causa a utilidade e relevância de alguns compartimentos como, por exemplo, a cozinha, que, de acordo com o RGEU é indispensável em todas as tipologias habitacionais, incluindo o T0. O mesmo regulamento estabelece áreas mínimas dos diferentes compartimentos, entre os quais instalações sanitárias, vincando a obrigatoriedade da inclusão de banheira e bidé (art.º 84), demonstrando a sua desactualização e desfasamento da realidade.

Além do modelo familiar, outro factor de mudança importante é o modelo laboral, que recentemente tem vindo, identicamente, a sofrer alterações. Para Alcalá, *seguramente encontramos-nos às portas de um novo modelo (...)* (Cortés Alcalá, 1995: 369), referindo-se à transformação do modelo tradicional, baseado em trabalho estável e propriedade de habitação para família nuclear no modelo contemporâneo de trabalho instável, escasso e mobilidade residencial a par da alteração do modelo familiar. Realçam-se, aqui dois conceitos fundamentais – a estabilidade profissional e a mobilidade (hoje, nem o trabalho nem a habitação são para sempre) – que podem ser relevantes na definição do programa e tipologia habitacional. Nas palavras de Elizabeth Freire, é notória e relevante *a transitoriedade com que o habitar está confrontado neste progressivo nomadismo da sociedade contemporânea (...)*²⁴². Além desta transformação e embora sem dados concretos, tem vindo a despontar um novo paradigma laboral, possibilitado pelo desenvolvimento tecnológico – o trabalho a partir de casa. Seria, por isso, importante estudar hábitos/necessidades de trabalho na habitação de modo a perceber a adequação dos alojamentos actuais aos novos modelos laborais, permitindo inferir a carência ou não de espaços próprios para essa função específica. Ou seja, se, por um lado a habitação contemporânea/futura tende a ‘perder’ espaços/funções (sala de jantar, cozinha), por outro, o seu programa pode vir a contemplar novos espaços e novas funções, adequadas a novos modos de vida.

A par das alterações dos modelos familiar e laboral, registam-se alterações nos modelos de consumo, nos quais se incluem novas formas de lazer. *As práticas de consumo são, simultaneamente, práticas significativas e identitárias a partir das quais os indivíduos produzem significado e se definem*²⁴³, e, sendo a habitação um produto de

²⁴² FREIRE, Elizabeth – ‘Habitação, Sinónimo de Qualidade, Vida e Conforto Humano...’. In NEVES, Vitor – *Habitar*. p.32

²⁴³ SILVA, Isabel Cruz – ‘Entre Constrangimento e Criatividade: Práticas de Consumo em Portugal Continental’. In *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, Vol. XX, 2010, p.168

consumo, é apenas natural que espelhe as alterações dos restantes hábitos de consumo da população. Uma das mudanças que se tem vindo a observar é a **transferência das actividades tradicionalmente domésticas para a sociedade de consumo**, sobretudo no que diz respeito à alimentação, cuidados com o corpo, gestão de crianças, lazer e diversão²⁴⁴. A partir da observação desta tendência, alguns autores advogam o aparecimento de um novo modelo habitacional: a *casa-serviço*²⁴⁵. (Guerra *et al.*, 2004)

A *casa-serviço* de Platzer procura ser uma resposta a tendências anunciadas de utilização da habitação e necessidades domésticas e sociais, que o autor divide em duas grandes orientações: COCOUN e KOLKOZ. Enquanto a KOLKOZ implica a existência de um condomínio onde estão situados os serviços e o seu consumo é comum à comunidade habitante (modelo de fundamentação e funcionamento semelhante ao da Unité d'Habitation), a COCOUN é um modelo mais inovador e progressista que implica a existência de todos os serviços no espaço urbano, como suporte do espaço habitacional, sendo o seu consumo efectuado no alojamento. No livro *Some Ideas on Living in London and Tokyo*, Giovanna Borasi confirma a veracidade desta tendência: *There are many books that have come out recently in Tokyo, for example, about the fact that if you live in a dense context and you have the entire city around you, then you could have easy access to bars, restaurants, wireless everywhere, so maybe you don't need all the traditional 'functions' in your house anymore*; e inquire os arquitectos Ruye Nishizawa e Stephen Taylor acerca da necessidade funcional da habitação: *Do you still think that a house needs all its functions, or is there a part that you can personally live without?*^{246 247}

Esta é uma pergunta-chave e aquela a que presentemente devemos procurar responder, de modo a, no espírito dos princípios que orientaram os desenvolvimentos na arquitectura habitacional no início do século XX e do Movimento Moderno, racionalizar a habitação e procurar adaptá-la à sociedade actual.

Aplicando os modelos de Platzer à realidade portuguesa percebemos que a *casa-serviço* ainda é pouco relevante, aproximando-se, muito embora, da orientação COCOUN²⁴⁸. Segundo o Inquérito à Ocupação do Tempo, de 1999, embora claramente desactualizado, o único do género efectuado no nosso país, registava-se um pequeno

²⁴⁴ Categorias constantes na tipificação de serviços consumíveis na habitação, segundo Michel Platzer (Guerra *et al.*, 2004), às quais a autora acrescenta o tratamento de roupa.

²⁴⁵ Podem apontar-se como modelos iniciais de casas-serviço a Unité d'Habitation de Marselha e as *Dom-Komuna*, incluindo diversos serviços e espaços comerciais, para utilização da comunidade residente.

²⁴⁶ BORASI, Giovanna - *Some Ideas on Living in London and Tokyo*, p.82

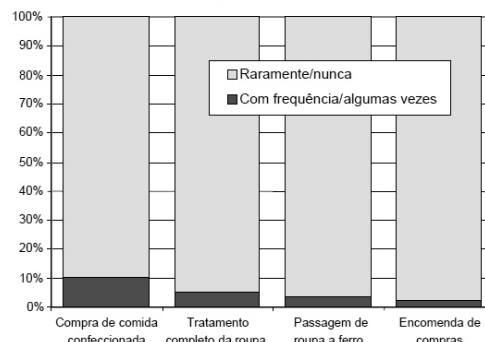
²⁴⁷ Como resposta, Nishizawa opta por sublimar a necessidade de privacidade, enquanto Taylor salienta a importância da sustentabilidade criando habitação nos centros das cidades.

²⁴⁸ Embora existam diversos exemplos de conjuntos habitacionais que se constituem como condomínios fechados, estes não incluem serviços, são destinados exclusivamente à habitação.

número de famílias que recorriam a substitutos de mercado para algumas tarefas domésticas, como a compra de comida confeccionada (10% das famílias), o tratamento completo de roupa (cerca de 5%), a passagem de roupa a ferro (menos de 5%) e a encomenda de compras (cerca de 2%).

Esta autora estima que hoje, e em meios urbanos, estas percentagens sejam já maiores, apesar de não constituir ainda uma tendência clara e maioritária de consumo, realçando-se a tendência para a inversão da predominância de funções no interior doméstico – mais trabalho a partir de casa e, simultaneamente, menos execução de tarefas tradicionalmente domésticas no fogo, como as inquiridas.

Número de famílias que recorrem a substitutos de mercado para algumas tarefas domésticas, por frequência e tipo de tarefa



[87] Fonte: Inquérito Ocupação Tempo, INE

Relacionada com as alterações referidas – modelos familiar, laboral e de consumo –, mais particularmente, com a redefinição do agregado, o trabalho a partir de casa e a extensão do consumo a novos espaços e actividades, e na linha de pensamento subjacente à questão de Borassi, está a alteração das tarefas executadas no interior doméstico, nomeadamente, a **transformação do modo como as tarefas tradicionais são executadas e a introdução de novas actividades**, o que acarreta uma mudança no fogo e sua estrutura, que deverá ser feita a partir da identificação das novas funções e da sua hierarquização. Este é um estudo que se prende com o **entendimento e aferição das necessidades**²⁴⁹ e **das exigências funcionais da habitação**, que necessita, como base de trabalho, de informação adicional à providenciada pelos censos.

Sobre a sua definição, Sílvia Nereu afirma as exigências funcionais como o *adequado desempenho das actividades inerentes ao acto de habitar, que pode ser entendido como o resultado da apropriação quotidiana do espaço pelos seus ocupantes, i.e., o modo de ordenação dos espaços de forma a permitir o exercício diário das actividades domésticas desenvolvidas isoladamente ou em grupo restrito (i.e., agregado familiar) de modo a responder adequadamente às exigências humanas*.²⁵⁰

Na sua avaliação e determinação é fundamental ter em linha de conta factores decisivos decorrentes da utilização e dependentes dos utilizadores: aspirações, personalização e apropriação.

²⁴⁹ D'Havé, citado por Sílvia Nereu, distingue e classifica, em 1976, as diversas necessidades humanas: fisiológicas (segurança e estabilidade), psicológicas (equilíbrio emocional, protecção, intimidade e capacidade de apropriação do espaço), sociais (identificação do utilizador com o espaço) e económicas. NEREU, Sílvia - *Evolução das Exigências Funcionais da Habitação: Um Ensaio de Aplicação ao Parque das Avenidas Novas*. p. 7-8

²⁵⁰ *Idem*, p. 8

De acordo com o relatório do CET, o desejo de personalização é entendido como *a primeira aspiração de quem procura hoje uma casa*²⁵¹, considerando que as aspirações *não são fáceis de identificar, nem estão estipuladas em nenhum programa habitacional, nem tão pouco são racionalizáveis de forma óbvia pelos indivíduos; a sua pesquisa pressupõe portanto não um exercício de confirmação, muito recorrente nos estudos sectoriais, mas antes um raciocínio antecipador, baseado claro está no conhecimento profundo dos modos e estilos de vida actuais.*²⁵² A autora do presente trabalho considera, no entanto, que, numa perspectiva de estabelecimento das bases programáticas do projecto de habitação para toda uma sociedade, para o Homem-tipo, não é viável, nem desejável, partir das aspirações particulares individuais (é inevitável que o sejam), que podem não ser válidas para a maioria da população. Este argumento é particularmente válido se tivermos em conta que ao longo da vida útil de uma habitação esta será ocupada por diversas pessoas ou agregados (sobretudo no contexto actual de crescente desenvolvimento do mercado de arrendamento e mobilidade laboral), cada um com diferentes aspirações, que se poderão traduzir em desejos de personalização do espaço doméstico.

Outra das dificuldades que esta autora sente em aceitar as aspirações como uma base válida de trabalho é o facto de, usualmente, as aspirações corresponderem ao desejo de recriação de sentimentos associados a habitações passadas, *i.e.*, como mencionado nos capítulos introdutórios, ao peso das memórias sensitivas, não correspondendo, como pretendido, a necessidades contemporâneas decorrentes do meio social, cultural e económico actual. **É, portanto, vital distinguir aspirações de necessidades.**

Por oposição, o conceito de apropriação, intimamente ligado ao de personalização, é bastante relevante no desenho do futuro parque habitacional, podendo ser estudado e analisado através de inquéritos e trabalhos de APO – Avaliação Pós-Ocupação. *Uma reflexão sobre a apropriação do espaço habitacional só poderá obter resultados objectivos se o encarar não simplesmente como máquina de habitar, mas também e sobretudo como expressão individual, de quem a fez e de quem a vive (...). (...) Havendo um feedback dos utilizadores dos espaços, este deveria constituir-se como fundação para a reinvenção de conceitos e teorias espaciais de enquadramento do*

²⁵¹ O mesmo relatório critica o Movimento Moderno pela rigidez das suas habitações que não deixavam lugar à personalização por parte dos moradores: *Simultaneamente, a necessidade de aproximação da arquitectura à ciência e o desejo de estender ao habitat o deslumbrante 'espírito da máquina' conduziu à codificação dos gestos e dos comportamentos dos habitantes (Paravicini, 1990: 144) num modelo de habitação rigidamente pré-definido e inviabilizador de apropriações idiossincráticas (...).* Op. cit., p.21

²⁵² *Idem*, p.35

*fenómeno da habitação*²⁵³. Francisco do Nascimento e Oliveira afirma o Arquitecto como o actor determinante no potencial da apropriação, defendendo a **flexibilidade espacial e funcional como condição essencial para que haja lugar à apropriação**, concluindo-se que quanto mais rígido e reduzido o espaço, menor a possibilidade de apropriação. Com relação a esta característica, este autor faz referência ao *Capsule Hotel*, em Tóquio, um exemplo radical de uma definição espacial da célula individual que não permite apropriação ou vivência do espaço. Todavia, toma, também, como modelo a cultura oriental e os seus espaços de organização semi-fixa, onde a compartimentação física e funcional (estrutura espacial e funcional) é flexível, permitindo uma maior vida útil das habitações, consequência da possibilidade de apropriação, adequando-se a vários habitantes/agregados ou ao mesmo habitante/agregado durante as várias fases da sua vida. **A flexibilização espacial é, então, um factor que pode permitir uma maior durabilidade**²⁵⁴ **da habitação no que diz respeito à sua adequação espacial e funcional ao longo do tempo, acompanhando e tendo a capacidade de absorver e dar resposta às diferentes necessidades e exigências de diferentes utilizadores.**

Este tema das necessidades e exigências funcionais afigura-se, aliás, como fundamental, numa perspectiva de identificação de tendências de habitação, complementando as análises censitárias e tendo como base casos de estudo ou amostras populacionais. Paradigmas deste tipo de análise são os trabalhos de Alexander Klein, Chombart de Lauwe, Nuno Portas e do LNEC, atrás referidos.

O presente trabalho não inclui análises práticas e efectivas desta sorte, que implicam um estudo mais extensivo e aprofundado, num outro âmbito que não o de uma tese de Mestrado Integrado, e que, além do estudo das necessidades e das exigências funcionais, deverá incluir inquéritos de satisfação à habitação e estudos de APO – Avaliação Pós-Ocupação, recorrendo a métodos como o *Space Syntax*²⁵⁵, entre outros²⁵⁶, permitindo aferir os espaços domésticos com maior nível de utilização, por habitante,

²⁵³ OLIVEIRA, Francisco do Nascimento e – *Os Novos Lugares do Habitar e as Formas de Apropriação Contemporânea*. p.95

²⁵⁴ Em termos de vida útil.

²⁵⁵ **Space syntax** is a science-based, human-focused approach that investigates relationships between spatial layout and a range of social, economic and environmental phenomena. These phenomena include patterns of movement, awareness and interaction; density, land use and land value; urban growth and societal differentiation; safety and crime distribution.

Space syntax was pioneered in the 1970s by Prof Bill Hillier, Prof Julienne Hanson and colleagues at The Bartlett, University College London. Today, space syntax is used and developed in hundreds of universities and educational institutions as well as professional practices worldwide. Built on quantitative analysis and geospatial computer technology, space syntax provides a set of theories and methods for the analysis of spatial configurations of all kinds and at all scales (...). Disponível em <http://www.spacesyntax.net/>

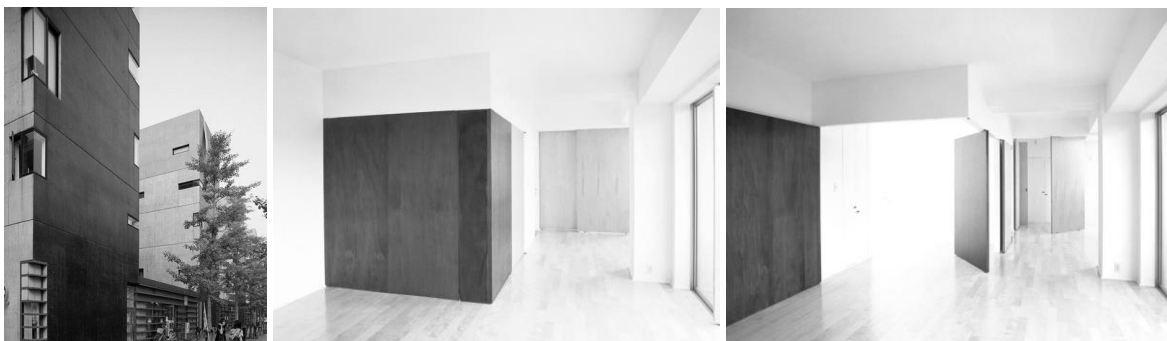
Uma das áreas de pesquisa deste método de investigação, como auxiliar de arquitectos, é a simulação dos efeitos do desenho arquitectónico nos utilizadores e ocupantes dos espaços concebidos.

²⁵⁶ Como, por exemplo, o Método de Sinais preconizado por Alexander Klein.

hora do dia e tarefas, possibilitando concluir quais os espaços necessários na habitação futura, o seu grau de utilização, quais as tarefas principais desenvolvidas na habitação e, por conseguinte, a adequação das actuais tipologias e organizações funcionais às utilizações efectivas e necessidades dos habitantes.



[88] [89] [90] Capsule Hotel



[91] [92] [93] Fukuoka Apartments - *The 28 apartment interiors are conceptualized as "hinged space," a modern interpretation of the multi-use concept of traditional Fusuma. Diurnal hinging allows expansion of the living area during the day, reclaimed by bedrooms at night. Episodic hinging reflects change in family over time; rooms can be added or subtracted accommodating grown-up children leaving or elderly parents moving in.*

À Procura dos Novos Modos de Habitar

Nesta dissertação, a proposta inicial era a definição dos novos modos de habitar, procurando perceber se as habitações actuais são adequadas à sociedade actual e às suas necessidades. Através do método de investigação seleccionado – a análise de dados censitários – foi possível definir a sociedade actual, em especial em termos de concentração populacional e modelos familiares e caracterizar, em parte, o parque habitacional existente – tipologias predominantes e dimensão média. Através desta análise foi possível concluir que existe um desfasamento entre os modelos familiares mais significativos e representativos e a oferta habitacional, ou seja, os programas habitacionais mais frequentes não se adequam aos novos e emergentes modelos familiares, revelando-se sobredimensionados. A habitação para a sociedade contemporânea, e aquela que tenderá a ser mais adequada à sua evolução, em contexto urbano, pede programas e tipologias mais reduzidos, equacionando a validade da aplicação de soluções que permitam a flexibilização espacial, aumentando, deste modo, a vida útil da habitação e a sua capacidade de se adaptar e ser adaptada por diversos utilizadores ao longo do tempo.

No que concerne à adequação funcional da habitação, conclui-se que o método de investigação não é suficiente na sua aferição, por falta de elementos que possam suportar qualquer ilação. Contudo, a análise de modelos de consumo permite afirmar que existe uma tendência (cujo grau de representatividade não é determinável) para o obsoleto de alguns compartimentos, correspondentes a funções que já não são satisfeitas no interior da habitação ou que deixaram de ser relevantes. O oposto também é válido, podendo verificar-se a carência de criação de espaços para novas tarefas, que emergem como necessários. Outra conclusão a que é possível chegar é que estamos permanentemente perante uma redefinição das esferas pública e privada, com especial relevo para a crescente individualização da sociedade e, conseqüentemente, necessidade de intimidade e privatização dos espaços domésticos, o que pode ter conseqüências no desenho e distribuição funcional interior e hierarquização dos espaços.

Apesar das escassas conclusões no que diz respeito à adequação funcional das habitações actuais, a pesquisa efectuada ao longo do desenvolvimento deste trabalho permitiu identificar alguns métodos mais apropriados, mencionados amplamente, que possibilitam uma caracterização mais correcta das necessidades e exigências dos moradores, permitindo, assim, a definição dos espaços essenciais da habitação, a sua utilização e distribuição e que possibilitam aferir a veracidade das conclusões aqui

afirmadas. Para mais, estes métodos de investigação, por permitirem obter dados concretos que correspondem à utilização efectiva das habitações, constituem uma base mais sólida acerca das necessidades reais, evitando a proposta de programas não consonantes, que possam decorrer do apelo das aspirações, impulsionadas pela promoção imobiliária e a sua promoção do *eldorado* habitacional.

Por estas razões, considero que a presente dissertação constitua um primeiro passo de uma importante e pertinente investigação, mais aprofundada e exaustiva, e que possa constituir uma ferramenta importante de trabalho e de suporte projectual para a classe dos arquitectos em Portugal, procurando que o produto final, a Arquitectura, reflecta a sociedade contemporânea e cumpra o seu propósito – o serviço do homem.

Bibliografia

ARIÈS, Philipe [ed.lit.]; DUBY, Georges [ed.lit.] – *História da Vida Privada: Da Revolução à Grande Guerra*. Porto: Círculo dos Leitores, 1990. Vol. 4

‘I Colóquio Organizado pelo S.N.A. sobre Temas Habitacionais: *Aspectos Sociais na Concepção do Habitat*’. *Arquitectura*. Lisboa. N.º 67 (Abr. 1960), p.59

ABOIM, Sofia – ‘Evolução das Estruturas Domésticas’. *Sociologia, Problemas e Práticas* [em linha]. N.º 43 (2003), p.13-14. [Consult. Mar. 2012]. Disponível em <http://sociologiapp.iscte.pt/>

AMARAL, Francisco Keil do – *O Problema da Habitação*. Porto: Livraria Latina Editora, 1945

BACHELARD, Gaston – *The Poetics of Space. The Classic Look at how we Experience Intimate Spaces*. Boston: Beacon Press, 1994. ISBN: 978-0-8070-6473-3

BEECHER, Catherine E.; STOWE, Harriet Beecher – *The American Woman’s Home: Or Principles of Domestic Science*. Nova Iorque: J.B. Ford and Company, 1869.

BENEVOLO, Leonardo – *The Modern Movement*. In *History of Modern Architecture*. Londres: Routledge and Kegan Paul, 1971. Vol. 2. ISBN: 0-7100-6887-5

BECKER, Annette [ed.lit.]; TOSTÕES, Ana [ed.lit.]; WANG, Wilfried [ed.lit.] – *Arquitectura do Século XX: Portugal*. Munique: Deutsches Architektur-Museum Prestel, 1997. ISBN: 3-7913-1910-8

BORASI, Giovanna [ed. lit.] – *Some Ideas on Living in London and Tokyo*. Steven Taylor, Ryue Nishizawa. Canadá: Canadian Centre for Architecture e Suíça: Lars Müller Publishers, 2008. ISBN: 978-3-03778-150-0

BUSCH, Akiko – *Geography of Home: Writings on Where we Live*. Nova Iorque: Princeton Architectural Press, 1999. ISBN: 1-56898-172-4

Censos 2001: XIV Recenseamento Geral da População; IV Recenseamento Geral da Habitação. Resultados Definitivos. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 2001. ISSN: 0872-6493. Disponível em www.ine.pt

Censos 2011: XV Recenseamento Geral da População; V Recenseamento Geral da Habitação. Resultados Provisórios. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 2011. ISSN: 2182-4215. Disponível em www.ine.pt

Censos 2011: XV Recenseamento Geral da População; V Recenseamento Geral da Habitação. Resultados Definitivos. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 2012. ISSN: 0872-6493. Disponível em www.ine.pt

CHOAY, Françoise; MARLIN, Pierre – *Dictionnaire de L'Urbanisme et de L'Aménagement.* Paris: Presses Universitaires de France, 1988. ISBN: 2-13-041374-9

COHEN, Jean-Louis – *Le Corbusier.* Alemanha: Taschen (edição para jornal Público), 2006. ISBN: 978-3-8228-3736-8

Congresso Nacional de Arquitectura, 1º, Lisboa, Maio/Junho de 1948. *Conclusões e Votos do Congresso.* Lisboa: Santelmo, 1948

Congresso Nacional de Arquitectura, 1º, Lisboa, Maio/Junho de 1948. *Relatório da Comissão Executiva. Teses. Conclusões e Votos do Congresso.* Lisboa: Santelmo, 1948

CORTÉS ALCALÁ, Luis – *La Cuéstion Residencial: Bases para una Sociología del Habitar.* Madrid: Editorial Fundamentos, 1995. ISBN: 84-245-0709-6

Decreto-Lei n.º 38382. D.R. I Série. 166/51 (1951-08-07). 715-729. Disponível em http://www.oasrn.org/pdf_upload/rgeu.pdf

Decreto-Lei n.º 49033. D.R. I Série. 129/69 (1969-05-28). 581-586. Disponível em www.dre.pt

Dicionário Lello Universal. Porto: Lello e Irmão, 1976

DIXON, Roger; MUTHESIUS, Stefan – *Victorian Architecture*. Londres: Ed. Thames and Hudson Ltd, 1978. ISBN: 978-0500201602

DOL, Kees [ed.lit.]; HAFFNER, Marietta [ed.lit.] – *Housing Statistics in the European Union 2010*. Delft: Delft University of Technology, 2010

DUARTE, Carlos S. – ‘Elementos Sociológicos do *Habitat* Urbano’. *Arquitectura*. Lisboa. N.º 69 (Nov.-Dez. 1960), p.17-30

ELEB, Monique; DEBARRE, Anne – *L’Invention de l’Habitation Moderne: Paris, 1880-1914*. Paris: Hazan, 1995. ISBN:2-85025-3847

ELEB-VIDAL, Monique; CHATELET, Anne-Marie; MANDOUL, Thierry – *Penser l’ Habité. Le Logement en Questions*. 2ª Edição. Liège: Pierre Mardaga Éditeur, 1995

Estatísticas da Construção e Habitação 2010. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 2011. ISSN:0377-2225. Disponível em www.ine.pt

FERNANDES, José Manuel – *Português Suave: Arquitecturas do Estado Novo*. Lisboa: IPPAR, 2003. ISBN: 9728736266

FERREIRA, Carlos Antero – ‘Aspectos Sociais na Concepção do *Habitat*: Colóquio sobre Problemas de Habitação: Organização da Secção Cultural do Sindicato Nacional dos Arquitectos’. *Binário*. Lisboa. N.º 17 (Fev. 1960), p.59-60

FERREIRA, Pedro Moura – ‘Tendências e Modalidades da Conjugalidade’. *Sociologia, Problemas e Práticas* [em linha]. N.º 43 (2003), p.67-82. [Consult. Mar. 2012]. Disponível em <http://sociologiapp.iscte.pt/>

FRAMPTON, Kenneth – *História Crítica da Arquitectura Moderna*. 2ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000. ISBN: 85-336-0750-4

FREDERICK, Christine – *Household Engeneering: Scientific Management in the Home*. Chicago: American School of Home Economics, 1923.

GIEDION, Sigfried – *Space, Time and Architecture: The Growth of a New Tradition*. 5ª Edição. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1970. ISBN: 978-0674030473

GOMES, Ruy José – *Necessidades Humanas e Exigências Funcionais da Habitação*. Lisboa: Laboratório de Engenharia Civil, 1978

GUERRA, Isabel; MOURA, Dulce; PEREIRA, Sandra Marques – *Novas Necessidades de Habitação: Alterações Sócio-Demográficas e Oferta Habitacional*. [texto polycopiado] *Relatório Final*. Lisboa: Centro de Estudos Territoriais – ISCTE, 2004

HAVEL, Jean Eugene Martial – *Habitat et Logement*. 3ª Edição. Paris: Presses Universitaires de France, 1968. ISBN: 2130391826

Inquérito à Ocupação do Tempo: 1999. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, 2001. Disponível em www.ine.pt

KENT, Susan – *Domestic Architecture and the Use of Space: An Interdisciplinary Cross-Cultural Study*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. ISBN: 0-521-38160-6

KLEIN, Alexander – *Vivienda Mínima: 1906-1957*. Barcelona: Gustavo Gili, 1980. ISBN: 84-252-0965-X

LANE, Barbara Miller – *Housing and Dwelling: Perspectives on Modern Domestic Architecture*. Londres: Routledge, 2006. ISBN: 978-0-415-34655-9

LAUWE, Paul Chombart de – ‘Sociologia da Habitação: Métodos e Perspectivas de Investigação’. *Arquitectura*. Lisboa. N.º 68 (Julho 1960), p.41-50

LAUWE, Paul Chombart de, et al. – *Famille et Habitation I: Sciences Humaines et Conceptions de l’Habitation*. Paris: Editions Centre National de la Recherche Scientifique, 1959.

LAUWE, Paul Chombart de, et al. – *Famille et Habitation II: Un Essai d’Observation Expérimentale*. Paris: Editions Centre National de la Recherche Scientifique, 1960

LE CORBUSIER – *Modulor*. Lisboa: Antígona/Orfeu Negro, 2010. ISBN: 978-989-95565-7-7

LÉGER, Jean-Michel – ‘Modos de Habitar e Arquitectura’. *Cidades: Comunidades e Território*. ISSN: 1645-0639. N.º 3 (Dez. 2001), p.41-52.

L’Habitation Minimum. Zaragoza: Ed. Delegación de Zaragoza del Colegio Oficial de Arquitectos de Aragón, 1997. ISBN: 84-87663-22-2

LINO, Raul – *A Nossa Casa: Aparentamentos sobre o Bom Gosto na Construção de Casas Simples*. 2ª Edição. Lisboa: Atlântida, 1918

LINO, Raul – *Casas Portuguesas: Alguns apontamentos sobre o Arquitectar das Casas Simples*. 2ª Edição. Lisboa: Valentim de Carvalho, 1933

‘Living Conditions 2011’. *Europe in Figures – Eurostat Yearbook 2011*. Luxembourg: Publications Office of the European Union, 2011. ISBN: 978-92-79-18414-7. Disponível em http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_OFFPUB/KS-CD-11-001/EN/KS-CD-11-001-EN.PDF

LUPFER, Gilbert; SIGEL, Paul – *Walter Gropius*. Alemanha: Taschen (edição para jornal Público), 2006. ISBN: 978-3-8228-3738-2

MAURITTI, Rosário – ‘A Minha Casa é o Meu Mundo: Consumos que Demarcam no Quotidiano do Viver Só’. *Sociologia ‘On Line’* [em linha]. N.º 4 (Set. 2011), p.27-34 [Consult. Mar. 2012].

Disponível em http://revista.aps.pt/cms/files/artigos_pdf/ART4e97060ecae96.pdf

MEYERSON, Martin; TERRET, Barbara; WHEATON, William L. C. – *Housing, People, and Cities*. Nova Iorque: McGraw-Hill Book, 1962

NEREU, Sílvia Lourenço Caetano – *Evolução das Exigências Funcionais da Habitação: Um Ensaio de Aplicação ao Parque das Avenidas Novas*. Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2001. Tese de Mestrado

NEVES, Víctor – *Habitar*. Lisboa: Universidade Lusíada, 1999. ISBN:972-8397-07-0

NEUFERT, Ernst – *Arte de Projectar em Arquitectura*. 13ª Edição. São Paulo: Gustavo Gili do Brasil, 1998. ISBN: 84-252-1691-5

NORBERG-SCHULZ, Christian – *The Concept of Dwelling: On the Way to Figurative Architecture*. Nova Iorque: Electa/Rizzoli, 1993. ISBN: 0847805905

OLIVEIRA, Francisco Carlos Almeida do Nascimento e – *Os Novos Lugares do Habitar e as Formas de Apropriação Contemporâneas*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura, 2001. Tese de Mestrado

PEREIRA, Michel Toussaint Alves – *Da Arquitectura à Teoria e o Universo da Teoria da Arquitectura em Portugal na Primeira Metade do Século XX*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura, 2009. Tese de Doutoramento

PEREIRA, Raul da Silva – ‘O Problema da Habitação em Portugal: Necessidades e sua Evolução’. *Arquitectura*. Lisboa. N.º 101 (Jan.-Fev. 1968), p. 6-9

PEVSNER, Nikolaus – *Pioneers of Modern Design: From William Morris to Walter Gropius*. Reino Unido: Palazzo Editions, 2011. ISBN: 978-0-9564942-6-9

PIRES, Filipa Pereira Rodrigues – *Para uma Leitura da Arquitectura Doméstica Temporária. Uma Investigação de uma Tipologia Habitativa no Século XIX Português em Lisboa – O Avenida Palace*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura, 2000. Tese de Mestrado

PORTAS, Nuno – ‘Considerações sobre o Organismo Distributivo das Habitações’. *Arquitectura*. Lisboa. N.º 69 (Nov.-Dez. 1960), p.48-52

PORTAS, Nuno – ‘Desenho e Apropriação do Espaço da Habitação’. *Arquitectura*. Lisboa. N.º 103 (Mai.-Jun. 1968), p. 124-128

PORTAS, Nuno – *Funções e Exigências de Áreas de Habitação*. Lisboa: Laboratório de Engenharia Civil, 1969

QUIRING, Claudia [ed.lit.], et al. [ed.lit.] – *Ernst May, 1886-1970*. Munique; Londres; Nova Iorque: Prestel, 2011. ISBN:978-3-7913-5132-2

RADKOWSKI, Georges-Hubert de – *Anthropologie de l'Habiter: Vers le Nomadisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 2002. ISBN: 2-13-052395-1

RAMOS, Tânia Liani Beisl – *Os Espaços do Habitar Moderno: Evolução e Significado. Os Casos Português e Brasileiro*. Lisboa: Instituto Superior Técnico, 2003. Tese de Doutoramento

RICHARD, Lionel [ed.lit.] – *Walter Gropius: Architecture et Société*. 2ª Edição. Paris: Editions du Linteau, 1995. ISBN: 2.910342-03-4

ROUX, Simone – *La Maison dans L'Histoire*. Paris: Ed. Albin Michel, 1976. ISBN: 2226002642

RYBCZYNSKY, Witold – *Home: A Short Story of an Idea*. Londres: Pocket Books, 2001. ISBN: 0-7434-0443-2

SANTOS, Joana – *Raul Lino*. Vila do Conde: Quidnovi, 2011. ISBN: 978-989-554-891-0

SARNITZ, August – *Adolf Loos*. Alemanha: Taschen (edição para jornal Público), 2006. ISBN: 978-3-8365-0017-3

SARTI, Rafaella – *Casa e Família: Habitar, Comer e Vestir na Europa Moderna*. 1ª Edição. Lisboa: Editorial Estampa, 2001. ISBN: 9723316714

SCHNAIDT, Claude – 'O Desafio à Arquitectura Moderna'. *Arquitectura*. Lisboa. N.º 101 (Jan.-Fev. 1968), p. 36-39

SILVA, Jorge Henrique Pais da; CALADO, Margarida – *Dicionário de Termos de Arte e Arquitectura*. Barcarena: Editorial Presença, 2005. ISBN: 972-23-3336-4

SILVA, Isabel Cruz – 'Entre Constrangimento e Criatividade: Práticas de Consumo em Portugal Continental'. *Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*. Porto. Vol. XX (2010). P.167-190. [Consult. Mar. 2012]. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/8793.pdf>

SINGLY, François de – *Sociologia da Família Contemporânea*. Lisboa: Edições Texto e Grafia, Lda, 2011. ISBN: 978-989-8285-50-8

SHARR, Adam – *Heidegger for Architects*. Reino Unido: Routledge, 2010. ISBN: 978-0-415-41515-6

TEIGE, Karol – *The Minimum Dwelling*. Cambridge, MA: MIT Press, 2002. ISBN: 0-262-20136-4

VASCONCELOS, Pedro – ‘Famílias Complexas: Tendências de Evolução’. *Sociologia, Problemas e Práticas* [em linha]. N.º 43 (2003), p.83-96. [Consult. Mar. 2012]. Disponível em <http://sociologiapp.iscte.pt/>

Pesquisa Electrónica

.Arquivo Municipal de Lisboa Online. Disponível em arquivomunicipal.cm-lisboa.pt

.Rijksmuseum. Disponível em www.rijksmuseum.nl

.Steven Holl, arq.º. Disponível em www.stevenholl.com

.Capsule Inn. Disponível em capsuleinn.com

